BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS

# A CABRA
## Jornal Universitário de Coimbra

Nº98 11 de Junho de 2003 **Quinzenal** **Director:** Emanuel Graça www.aac.uc.pt/cabra **e-mail -** cabra@aac.uc.pt
Produzido pela **Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra** **Distribuição Gratuita**

DOM Pérignon

Universidade

### Redução de vagas congelada

O ministro Pedro Lynce voltou atrás na intenção de cortar o financiamento aos cursos com um número reduzido de alunos. As instituições de ensino superior têm agora até Janeiro do próximo ano, para apresentarem soluções para as licenciaturas que não respeitem o número mínimo de alunos

PÁGINA 8

Internacional

### Corrida à reconstrução

Cerca de dois meses depois de ter terminado o conflito bélico de que foi palco, o Iraque encontra–se devastado. A situação humanitária é precária, com as principais cidades a sofrerem pela escassez de energia e de abastecimentos. Os EUA encetam agora os primeiros esforços de reconstrução do país

PÁGINA 11

Desporto

### Sofrer até ao fim

Depois de bastante tempo nos últimos lugares da classificação, a Académica conseguiu a manutenção na Superliga fruto de um último terço do campeonato esforçado e com alguma sorte à mistura. Pelo meio caiu uma direcção, um treinador, mas a história acabou por ter um final feliz

PÁGINA 16

Cultura

### Pedro Burmester em entrevista

Seis meses após o início da Coimbra Capital Nacional da Cultura, A CABRA foi ouvir a opinião de um dos programadores do Porto 2001, Capital Europeia da Cultura acerca do actual estado da cultura nacional e do projecto Casa da Música, na cidade Invicta. Houve ainda tempo para se falar de política e da Coimbra 2003

PÁGINAS 18 E 19

Entrevista com Carlos Encarnação

## "O centro histórico está a cair"

**O presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Carlos Encarnação, é peremptório: "O projecto da ponte é horrível do ponto de vista construtivo". A Ponte Europa é uma das obras que o autarca inclui na "pesada herança" deixada pelo elenco camarário anterior, a par de outras como o do estádio ou do metro.**

**Mas nem só de obras se constrói a Coimbra de 2003, ano e meio após a eleição de Carlos Encarnação. Em plena capital da cultura, o autarca está confiante no legado deixado pelo evento, e revela que "Coimbra não vai ficar na mesma" após a CCNC 2003. Numa cidade de estudantes em que o centro histórico está quase em ruínas, Carlos Encarnação também torna público o seu apoio à reforma do ensino superior posta em marcha pelo Ministério da Ciência e Ensino Superior**

PÁGINAS 2 E 3

## Prostituição na noite de Coimbra

Por toda a Avenida Fernão de Magalhães estende–se um mercado de sexo. Mulheres que vendem o corpo, a maioria para manter as famílias. A CABRA acompanhou uma equipa de rua que presta apoio a prostitutas. Durante uma noite descobriram–se sentimentos e histórias de algumas mulheres que negoceiam nas ruas um produto marginal

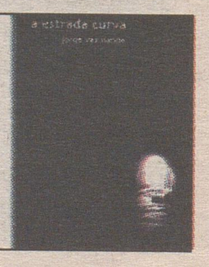
PÁGINA 12 E 14

## Núcleos apontam falhas à DG/AAC

Com o final do ano lectivo a aproximar–se, é tempo de fazer um balanço do trabalho desenvolvido pelos vários núcleos de estudantes. Dificuldades ao nível da coordenação com a Direcção–Geral da Associação Académica de Coimbra foram as principais falhas apontadas pelos representantes contactados pelo Jornal Universitário de Coimbra

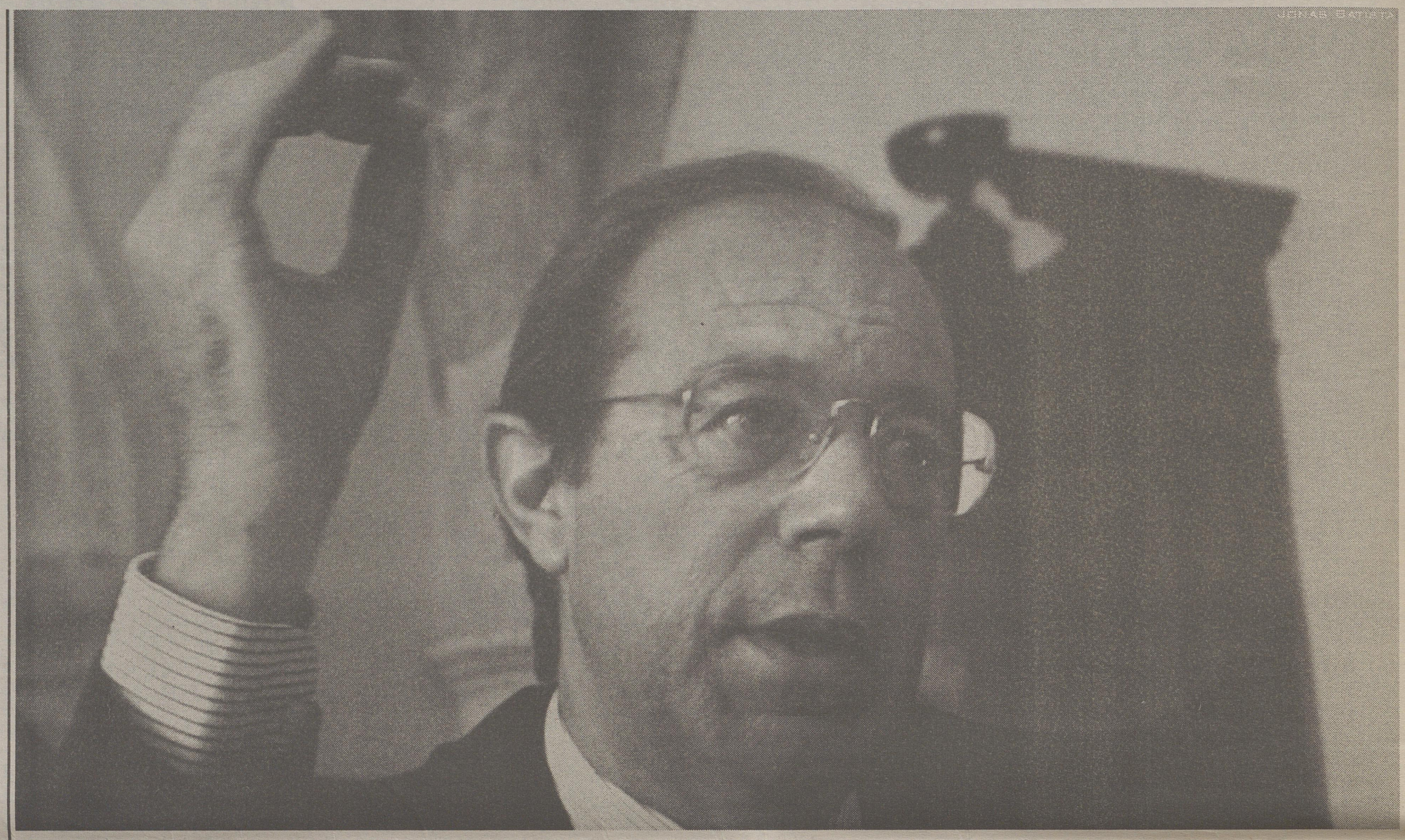
PÁGINAS 11 A 13

A ESTRADA CURVA
Agora em livro, as crónicas publicadas n'A CABRA
À venda na livraria da AAC e Secção de Jornalismo



DESTAQUE

# "Temos áreas em que mais de 49 por cento



"Não se pode pensar que num ano e meio se pode mudar a vida de uma cidade como Coimbra estava", afirma Carlos Encarnação

**Quase ano e meio após a sua eleição com maioria de votos para o cargo de presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Carlos Encarnação afirma-se confiante no período pós-capital da cultura, mas crítico de projectos da autarquia anterior**

MÁRIO GUERREIRO

Tendo como palco o Café Santa Cruz, até porque para o edil o dia só começa após o café da praxe, os temas que premeiam a quase hora e meia de entrevista vão do difícil legado de Encarnação à capital da cultura, passando pela situação do ensino superior e pelo futuro da cidade, que tem um centro histórico seriamente degradado.

**Que balanço faz deste ano e meio à frente dos destinos da autarquia?**

Quando se substitui uma administração, não podem haver mudanças muito radicais no primeiro ano. Não podemos ter a irresponsabilidade de acabar com alguns projectos que a autarquia tinha. Já tinham sido feitos compromissos públicos e temos que honrá-los. Mas muitos dos projectos que existiam não estavam consolidados. Houve um grande trabalho de correcção dos projectos, até de transformação total de alguns deles. Ao mesmo tempo desenvolveu-se outra fase, a de pensar e desenhar aquilo que queremos fazer. No fundo, começar a construir as nossas soluções. De facto, só agora é que podemos começar a ver alguma materialização dessas soluções. Não se pode pensar que num ano e meio se pode mudar a vida de uma cidade como Coimbra. É impossível. Pode-se é criar um ambiente de distinção, de diálogo, de confiança, e isso tem acontecido.

**Quando tomou posse referiu que tinha herdado "uma pesada herança" do executivo autárquico anterior. Qual foi então o volume dessa "herança" e como é que tem influenciado o trabalho da sua equipa?**

Havia uma herança pesada por várias razões. Porque havia vários problemas que tinha para resolver em cinco anos, como referi na campanha eleitoral, como os problemas de acessibilidade e mobilidade. O atraso é tão grande que todo o trabalho que fazemos não tem resultados imediatos porque as questões são muito antigas. Durante anos e anos não houve soluções para elas. Não houve sequer planeamento e agora é preciso fazer tudo ao mesmo tempo. A herança é pesada também do ponto de vista urbanístico, pela ausência de soluções em relação a questões fundamentais, como a habitação por exemplo. E pesada do ponto de vista material. O estádio significou o contrair de um empréstimo de quase 7,5 milhões de contos. Temos de encontrar fórmulas para ultrapassar estes problemas todos.

**No início do seu mandato prometeu "revolucionar Coimbra". Acha que o tem conseguido? Quais as medidas que considera mais emblemáticas dessa revolução?**

Coimbra devia ser revolucionada na medida em que não pode viver sempre na ideia de que não são respeitados os seus privilégios. Coimbra tem de competir com os outros e temos de criar condições para tal. Coimbra também tem de ter uma vida cultural que agora não tem, pautada por critérios diferentes. Também tem que ter instrumentos e estruturas para isso, o que nesta altura não tem. Há quarenta anos que temos o mesmo teatro, o Gil Vicente. Se até agora Coimbra não conseguiu ter uma grande sala de espectáculos, isso tem de se resolver. A afirmação da cultura leva a que Coimbra tenha também como ponto principal o turismo cultural, o que só se pode fazer com infra-estruturas básicas. Aquilo que vai ser a Casa da Escrita, a casa do poeta João José Cochofel, é uma iniciativa nesse sentido do enriquecimento cultural. Faz-me um bocado de confusão que Coimbra não tenha adquirido uma casa naquela localização e com aquele valor histórico-cultural. Uma terra de escritores, de poetas não tinha sequer um ponto onde isso pudesse ser celebrado. É importante todo o trabalho que estamos a ter com a recuperação do património riquíssimo que é o centro histórico, que há-de ser património mundial. Tem de ser dignificado, as pessoas têm de voltar a viver aqui. Portanto os grandes projectos que temos em relação à Baixa têm de ser executados, mas é preciso declará-la a área crítica como declarámos. É preciso transformar isto tudo. O projecto do metro é importante. Houve muita gente que andou para aí a discorrer sobre se eu queria ou não o projecto. O que eu quero é algo sólido, com garantias, com verdade, com rigor. Não queria passar a batata quente para os outros, sem saber quanto é que custava, sem saber quais os critérios de inserção urbanística, sem resolver o problema do atravessamento da Baixa, sem saber se havia túnel ou não em Celas.

> **"As universidades têm de ser úteis ao país, sendo também úteis aos alunos"**

**A Ponte Europa é um desses projectos da "herança pesada"?**

O projecto da ponte não é meu. Eu nem sequer gosto da ponte. Detesto aquilo. Acho-a uma solução horrível do ponto de vista construtivo. A Ponte Europa é um caso de inconsciência em relação aos dinheiros públicos. O país tem carências e o Governo decide gerir mal os dinheiros públicos desta forma, sem limites, sem critérios e sem responsabilidade. Houve também inconsciência em relação à forma como foi lançada a obra e em relação à forma como a situação evoluiu. O projecto era totalmente megalómano. Chegou-se à conclusão de que se gastou o triplo do que se devia gastar. Foi resolvida a questão e foi feito um novo projecto, porque senão a ponte caía. Nesta altura está a ser começado a construir o tabuleiro. Mas

Carlos Encarnação em entrevista

# dos edifícios estão em ruínas"

isto significa que houve um inteirar de forma diferente das realidades.

## A universidade

**Uma das novidades do seu mandato foi a criação de um gabinete de ligação com o ensino superior. A não existência deste gabinete era uma lacuna na orgânica da CMC?**

Era. As relações com o ensino superior, nomeadamente entre uma universidade desta dimensão e importância e uma cidade desta natureza, são vitais. Andarmos de costas voltadas a fazer guerras entre a câmara e a universidade não faz sentido. Temos de fazer compreender à universidade o que é útil para a cidade. E a universidade naturalmente tem de fazer compreender à cidade qual é o seu entendimento sobre as suas vantagens. Depois tem que resultar daqui um casamento perfeito. Disse há tempos que a universidade era muito importante para a marca cultural de Coimbra e para a afirmação da cidade. O próprio reitor tem dito que a universidade não é uma torre de marfim. Pois não. Nem eu quero isso. Nem eu, nem ele.

**Que mudanças devem existir na esfera cidade/universidade, sendo que cada vez mais o politécnico vai granjeando renovada importância?**

Tenho dito desde o princípio que a universidade tem de compreender em que ambiente está. As universidades têm de ser úteis ao país, sendo também úteis aos alunos. Têm de acompanhar os alunos desde que entram até ao momento em que são colocados no mercado de trabalho. Cada vez mais a parte da competitividade das universidades é maior em relação à empregabilidade que oferece. Isso tem a ver com a natureza dos cursos que se constituem e tem a ver com as saídas profissionais que se oferecem. A universidade não pode apenas servir para formar alunos, para depois ficarem desempregados. A qualidade de ensino e de emprego, a capacidade de lançar no emprego os diplomados dos estabelecimentos são essenciais.

**De momento as medidas propostas pelo Ministério da Ciência e do Ensino Superior estão a ser alvo de grande contestação por parte da comunidade estudantil. Qual a sua opinião sobre dois dos pontos mais polémicos: o aumento das propinas e a redução dos alunos nos órgãos de gestão?**

Acho que não me devo pronunciar sobre a questão dos órgãos de gestão, porque é uma matéria que se afasta da minha cúpula. Em relação às propinas, é evidente que não podem ser dissociadas do conjunto das reformas que têm de ser feitas na universidade. O Estado tem de facto de tomar atitudes de reforma sobre várias questões de sempre do ensino superior. Como cidadão, posso perguntar: Como pode ser possível que os professores dêem aulas em várias universidades? Acho que não devia ser. É possível que os alunos fiquem tantos anos a frequentar um curso? Isto não é socialmente justo. Portanto o Governo tem de legislar sobre isso. Têm de ser feitas certas alterações. É possível que haja falta de verbas para os serviços sociais da universidade que devem ser prestados aos absolutamente carentes? Não devia ser possível. Portanto há um conjunto de coisas que têm de ser apreciadas em conjunto. É possível que as propinas sejam iguais para todos, e neste sentido quem pode pagar não paga, e quem não pode pagar, paga? Há aqui um equilíbrio que tem de ser feito, através de legislação adequada. Reduzir a questão às propinas é reduzir o problema a um aspecto independente, e não me pareçe que seja correcto do ponto de vista da seriedadade da questão.

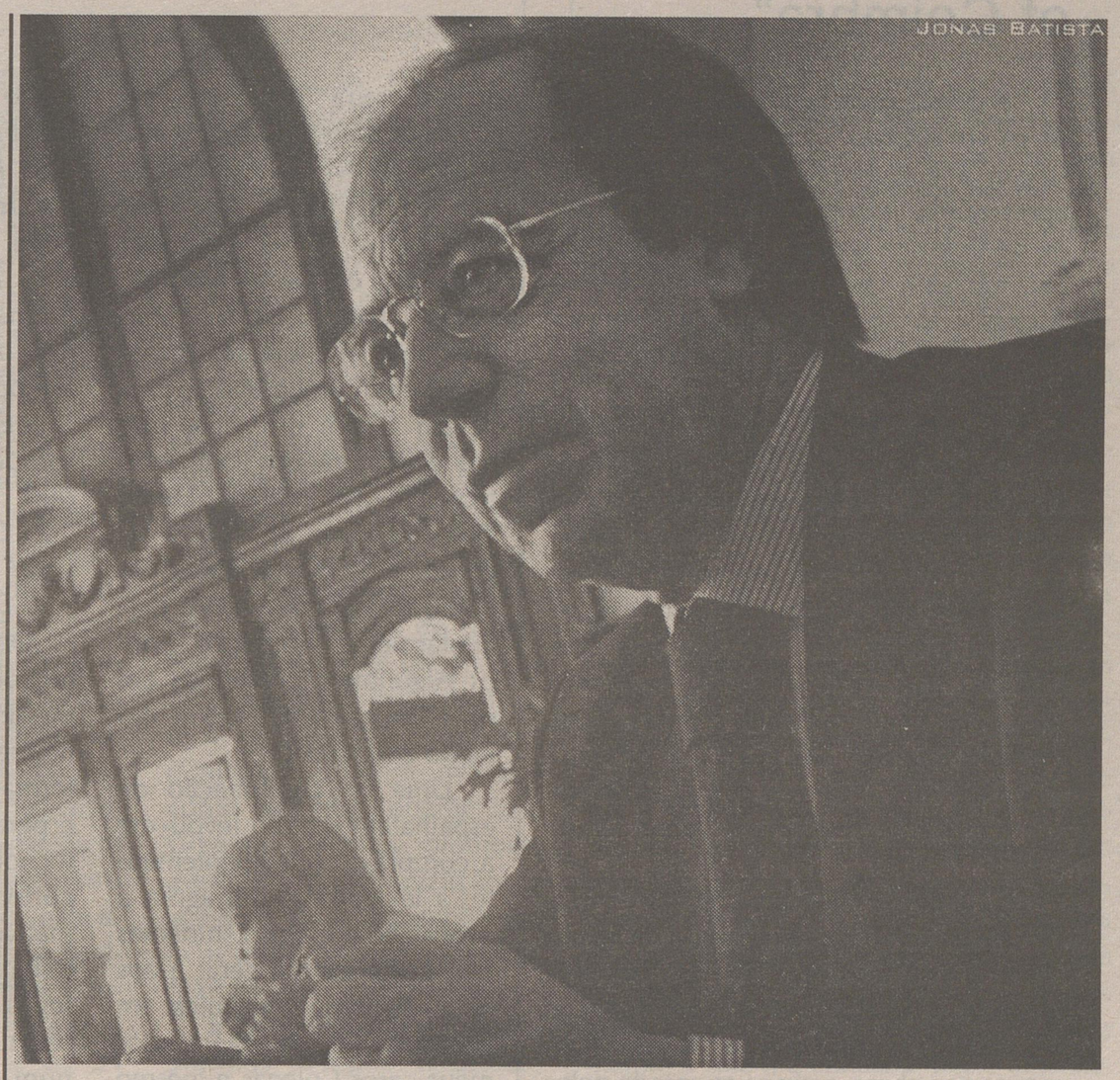
## Capital da Cultura

**Que avaliação faz da Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003 (CCNC) para já?**

A CCNC é um dos tais projectos que eu penso que, se nós não tivéssemos manifestado vontade em que continuasse, teria caído. Primeiro andou-se a brincar com isto um ano e tal, com demissões de ministros e por aí adiante. Andaram sem dar bases sólidas de financiamento para a CCNC. E então assumimos aqui a responsabilidade de pressionar o Governo para a construção de fundos necessários para uma CCNC 2003 digna e para ultrapassar de vez os problemas pendentes que existiam. Isso foi conseguido. O professor Abílio Hernandez teve da parte do município uma solidariedade institucional e uma confiança total. Teve mais 700 mil contos de financiamento para fazer a sua programação. Com toda a certeza que foram dadas todas as condições de acordo com o modelo a utilizar desde o princípio, que não é nenhuma sociedade anónima, mas sim uma dependência do Ministério da Cultura. Em relação àquilo que é produzido, eu sempre pensei a CCNC 2003 como uma estrutura efémera, cuja missão é coordenar as programações e fazer as parcerias que fez. Entre esses parceiros a CMC é sem dúvida um dos mais importantes. Mas a programação da CCNC não se esgota na sua própria programação, é também a programação de cada um dos parceiros e é o conjunto de actividades que pessoas ou instituições queiram fazer enquanto Coimbra é capital da cultura. Desse ponto de vista a resposta tem sido interessante, porque a programação da CCNC 2003 tem sido boa, porque a programação da CMC é bastante rica e porque os vários agentes culturais da cidade têm apresentado projectos.

**"Sempre pensei a CCNC 2003 como uma estrutura efémera"**

**Algumas das críticas que se têm ouvido é que a CCNC não tem apostado nas mais-valias da cidade e que o investimento não irá ter um retorno futuro...**


JONAS BATISTA

"Aquilo que quero da capital da cultura é o que vai ficar"

Aquilo que quero da capital da cultura é o que vai ficar. Do meu ponto de vista vão ficar as infra-estruturas que neste momento estamos a construir. O Convento de São Francisco é uma estrutura que vai desempenhar uma função absolutamente essencial, naquilo que é a sala de espectáculos, a área de exposições e o centro de convenções. E vai ficar para além da CCNC 2003. O Centro de Portugal vai ter programação própria durante os próximos anos. Também o Museu Nacional Machado de Castro vai sofrer uma remodelação a partir do ano que vem. O Centro de Artes Visuais vai ficar para além da CCNC 2003. Existem também outros projectos, como a continuação da Orquestra de Câmara de Coimbra, a Oficina Municipal do Teatro ou o Conservatório de Música de Coimbra. A área do centro histórico vai ser uma área completamente diferente com a Casa da Escrita. O teatro universitário vai ser dignificado. Os festivais que criámos este ano, como o de blues ou o de jazz, vão continuar. Depois da CCNC 2003 as coisas não vão ficar na mesma. E quem está a pensar que Coimbra Capital da Cultura acaba em 2003, está muito enganado.

## Centro histórico

**Carlos Encarnação considera que "o centro histórico da cidade está a cair". Por outro lado, a recuperação do cine-teatro Sousa Bastos surge como uma prioridade**

**Referiu uma vez que o Programa Polis era "um erro estratégico". Mantém essa opinião?**

Disse foi que a prioridade do Polis deveria ser outra, a recuperação do centro histórico da cidade. E mantenho o que disse. Não posso é pegar naquele programa e deitá-lo fora. Este era um dos compromissos anteriores que tinha de honrar, mas tivemos de reformular grande parte dos investimentos. Houve um grande trabalho de planeamento, mas que só agora começa a fazer-se notar.

**O centro histórico estava portanto mais necessitado de uma recuperação do que a zona ribeirinha?**

O centro histórico está a cair. Temos áreas em que mais de 49 por cento dos edifícios estão em ruína. É preciso perceber em que cidade estamos e como é que as pessoas vivem nessa parte da cidade. Vivem em condições de absoluta degradação, quer humana, quer social, quer habitacional. Ou se intervém nisso e se mantém uma característica essencial de Coimbra, ao mesmo tempo que se corrigem as condições de vida, ou então comete-se uma enormíssima injustiça.

**Um dos exemplos mais crassos da degradação da zona histórica é o cine-teatro Sousa Bastos. Em que fase está o processo do Sousa Bastos?**

Queria que o Sousa Bastos mantivesse a disponibilidade para a programação cultural, com um auditório, e que também tivesse condições para alojar algumas organizações culturais. Esse é o meu objectivo em relação ao Sousa Bastos. Disse ao proprietário do Sousa Bastos que estaria inclusivamente disposto a fazer a expropriação pública do terreno. Nesta altura foi-me apresentada uma proposta alternativa, que tenho de estudar se vou usá-la como alternativa. Quando tiver uma opinião consolidada sobre isso, é que posso avançar mais. Só falarei mais sobre esse assunto depois de ter certezas em relação ao conteúdo da proposta.

OPINIÃO

EDITORIAL EMANUEL GRAÇA

## "United Colors of Coimbra"

"A cidade onde tudo acontece mas nada parece ser real": podia ser este o novo slogan a acompanhar a nova imagem, apresentada na quinta–feira, para a cidade de Coimbra pela autarquia local. Afinal, um sítio tão peculiar como a Lusa Atenas seria, no mínimo, digna desse epíteto. Senão vejamos apenas quatro exemplos:

1 - Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003: quase seis meses após a sua inauguração oficial, este evento continua a não conseguir convencer a nível local e nacional. Os eventos pouco concorridos, os espectáculos demasiado ambiciosos e elitistas que acabam por tropeçar nas suas próprias (falsas) grandezas e as demissões de vários dissidentes ligados a este projecto parecem ser apenas a primeira parte de uma produção que aparenta estar tristemente destinada a várias sequelas.

2 - Ponte Europa: bastante depois do prazo previsto e após um aumento de 50 por cento em relação ao preço inicialmente previsto, a terceira travessia do Mondego continua por cumprir. Após as épicas paragens nas obras, o prazo apontado pelos especialistas é agora o próximo ano.

3 - Eurostadium: há bem pouco tempo atrás, um proeminente físico comparava a estranha figura que, a pouco e pouco, tem surgido junto à Sólum com um ovni "spielberguiano". Critique–se (ou não) o

> "Como bom aluno, Carlos Encarnação mantém–se fiel às políticas partidárias"

enquadramento urbanístico da obra, as suas dimensões, a sua estrutura, o certo é que, neste momento, Coimbra é uma das poucas cidades do país que se pode orgulhar de possuir dois estádios municipais com qualidade de figurarem na SuperLiga.

4 - Metro Mondego: as autarquias parecem empenhadas em conseguir implantar o metro de superfície como meio de comunicação privilegiado, o Governo aprova, os estudos sucedem–se mas, para o cidadão comum, a ligação Lousã - Coimbra continua a ser a mesma: a bordo da automotora ou, para os mais corajosos, de carro (apesar da díficil busca por um estacionamento livre que isso acarreta).

Entretanto, em entrevista ao Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA, o presidente da autarquia, Carlos Encarnação, demonstra–se a favor do pacote de medidas para o ensino superior. Na denominada "cidade dos estudantes", onde a associação académica local representa o maior centro cultural e desportivo da região, esta é uma posição díficil, embora corajosa. Como bom aluno, Carlos Encarnação mantém–se fiel às políticas partidárias. No entanto, numa cidade em que, apesar do seu importante papel, a comunidade estudantil continua a ser menosprezada, esta posição parece ser apenas mais uma pequena traição aos que, ano após ano, são o maior motor económico de Coimbra.

# "Um Almoço Nunca é de Graça"

ROGÉRIO LEAL *

Na Feira do Livro de Coimbra deste ano saltou–me à vista um livro [David Lodge, Um Almoço Nunca é de Graça, Gradiva, 3ª ed, 2001] de capa mais ou menos espalhafatosa - dois automóveis manifestamente diferentes em aspecto e em preço que se cruzavam - com um título que me fez lembrar um conhecido teorema - The No Free Lunch Theorem - que, aplicado a algoritmos de busca, apoia um ponto de vista que não é particularmente simpático para os Algoritmos Genéticos em que, ultimamente, me tenho vindo a envolver.

Uma tal combinação de espalhafato e título levou–me a comprá–lo e, evidentemente, a lê–lo. Leva–me agora a aconselhá–lo aos Estudantes Universitários em geral e aos de Engenharia Mecânica em particular. E, já agora, aos meus caros Colegas e mesmo às mais elevadas autoridades do Ensino Universitário.

O romance, passa–se em 1986 num cenário de recessão económica na Grã–Bretanha da Dama de Ferro (Margaret Tatcher), com consequências, quer na Indústria, quer na Universidade. Dada a necessidade de estabelecer fortes ligações entre o tecido industrial e académico, as duas realidades são colocadas em confronto, uma representada por Vic Wilcox, um Engenheiro Mecânico de meia–idade, pragmático e duro administrador de uma empresa de metalo–mecânica e a outra, por Robyn, uma jovem feminista e idealista Professora de Literatura Inglesa.

O choque da Professora ao pisar o mundo real, feio e forte da indústria só é comparável com a estupefacção do Engenheiro ao conhecer a realidade académica. Atente–se neste diálogo:

*"- O meu campo é o romance do século XIX - disse Robyn. - E estudos femininos.*

*- Estudos femininos? - repetiu Wilcox, franzindo a testa. - O que é isso?*

*- Oh, escritos literários femininos. A representação da mulher na literatura. Teoria Crítica Feminista.*

*Wilcox fungou. - Têm licenciatura disso?*

*- É uma parte do curso - disse Robyn, com rigidez. - É uma cadeira de opção.*

*- Muito amena, cá para mim - disse Wilkox. - Bom, mas deve estar bem para raparigas.*

*- Também há rapazes - disse Robyn. - E a bibliografia é muito extensa, se quer que lhe diga.*

*- Rapazes? - Wilcox fez um trejeito de desdém com o lábio. - Rapazes maricas?*

*- Rapazes, perfeitamente normais, decentes e inteligentes - disse Robyn, esforçando–se por controlar a fúria.*

*- Então porque não estão a estudar qualquer coisa de útil?*

*- Como engenharia mecânica?*

*- Exactamente."*

Deixando para vocês a leitura do livro, que para a maioria dos estudantes de engenharia mecânica será muito formativo sobre aquilo que os espera na vida industrial - a tecnologia, a gestão, a concorrência - e bastante informativo sobre os métodos de trabalho universitário dos colegas ingleses, tudo isso num enquadramento de romance e de humor, não posso deixar de procurar alguns paralelos com a actual situação cá, no nosso jardim à beira mar plantado.

> **"Quem ganha com os estudos universitários?"**

Na Inglaterra de então tinha havido uma experiência de crescimento desmesurado de Universidades Regionais a que se seguia agora uma igualmente desmesurada retracção. Aqui, com alguns anos de atraso, passa–se o mesmo. Como de costume nada se aprendeu com a experiência alheia. Quem paga este almoço? Aparentemente vão ser os mesmos que o pagaram na Grã–Bretanha: os Professores através da instabilidade ou impossibilidade de emprego, e os Estudantes, através do aumento de propinas. Mas...

*"- Acha que as Universidades deviam expandir–se indefinidamente?*

*- Não diria indefinidamente mas ...*

*- O suficiente para receber todos aqueles que querem fazer estudos femininos.*

*- Se quiser pôr as coisas nesses termos, sim - disse Robyn em tom de desafio.*

*- E quem paga?"*

A pergunta "quem paga?" é repetidamente feita por Vic sempre que se fala dos estudos universitários, greves, residências universitárias, etc. Mas não é só ele que faz esta pergunta; todos a devemos fazer e, já agora, responder.

Há uns dias tive oportunidade de ouvir um Colega Universitário, o Prof. Doutor Marcelo Rebelo de Sousa, a expressar o seu ponto de vista de que a divisão de cerca de 25% dos custos para o Estudante e 75% para o Estado era razoável e que, portanto, os Estudantes não tinham razão nos seus protestos contra o aumento das propinas. Não resultou para mim claro por que motivo 25% é razoável e 5, 10 ou 90% o seria menos, mas a conclusão claríssima é a de que o almoço deve ser pago pelas duas partes, muito embora só uma - os estudantes - almoce.

Reconhece–se nesta opinião a tese do utilizador/pagador que, levada ao extremo, resultaria em que as estradas, as escolas, os hospitais do interior ou das Regiões Autónomas tivessem portagens, propinas e taxas muito mais elevadas que as suas congéneres do continente litoral, porque são usadas por um número muito inferior de pessoas.

A pergunta "quem paga?" deve, de facto, ser acompanhada pela pergunta "quem ganha?", "quem come este almoço?". Mas deve ser respondida com algum cuidado e, por vezes, o Estado responde cuidadosamente. Por exemplo, as estradas, as escolas e os hospitais no interior ou nas Regiões Autónomas pagam o mesmo ou menos portagens, propinas e taxas em nome do princípio da igualdade que, ao contrário do que o nome parece afirmar, também consiste em tratar as pessoas de forma diferente se existirem diferenças a considerar. As pessoas do interior e das Regiões Autónomas são tratadas de forma diferente porque, de outra forma, migravam para o continente litoral ou para o estrangeiro e seria o País, no seu todo, a perder com isso.

Mas voltemos à Universidade. Quem ganha com os estudos universitários? Evidentemente o Aluno ganha conhecimentos, expectativa de emprego mais bem remunerado, reconhecimento social. Mas a Sociedade, o Estado, também ganha. É do Interesse Nacional que exista um maior desenvolvimento, uma maior capacidade económica e industrial, uma maior capacidade de inovação, um maior grau de cultura que pode - deve! - incluir os estudos femininos. Também é do Interesse Nacional que os Estudantes Universitários estudem em regiões afastadas da sua residência paterna, para garantir a Unidade Nacional, isto é, para que as migrações internas e temporárias possam ajudar a integrar e desenvolver as regiões mais atrasadas ou mais periféricas.

Mas o Estado não ganha só em conceitos - Interesse e Unidade Nacional. Ganha dinheiro! A Educação é a única despesa directamente reprodutiva das muitas que um Estado de Direito faz. O aumento da formação dos jovens garante ao Estado que, no futuro, ganhará mais impostos: directamente dos jovens formados e, indirectamente, do desenvolvimento que promovem. Mas garante mais: garante que quanto mais gastar o Estado, aumentando a qualidade e quantidade de formação, mais virá a ganhar. Para quem tiver dúvidas talvez o exemplo do Japão, dos Países Nórdicos e dos Estados Unidos da América, entre outros, possa ser elucidativo.

Então, se o almoço não é de graça quem é que o deve pagar?

Pessoalmente, defendo o adiantamento por parte do Estado, com o pagamento diferido pelos agora convidados para almoçar. Mas também defendo que os convidados devem pagar já, em géneros, através do seu trabalho.

Por outro lado, se o almoço é pago pelo Estado, não terá este o direito de definir os ingredientes?

Claro que sim! Não apenas o direito mas, acima de tudo, o dever, desde que no fim se sirva um almoço e não um arremedo. Vejamos:

Será admissível que existam cerca de duas mil licenciaturas - aprovadas pelo(s) Governo(s) que gerem a despesa do Estado - muitas delas diferindo apenas no nome, e que segundo recente informação do Sr. Ministro estejam mais seiscentas a aguardar aprovação? Provavelmente não é. Tanto mais que alguns países, não exactamente do terceiro mundo, se contentam com algumas dezenas. É, por exemplo, o caso da Holanda. Logo, há que racionalizar, há que atender a critérios regionais, há que atender a critérios de qualidade. Mas não há que cortar os cursos cega-

mente, com uma cegueira aparentemente justa, mas errada. Critérios economicistas podem ser importantes mas não devem, nunca, ser critérios únicos.

Será aceitável que Ensino Universitário e Politécnico, definidos como galhos da mesma árvore que é o Ensino Superior Público, tenham - com o beneplácito do(s) Governo(s) - vindo a transformar–se num único tronco, perdendo as suas características específicas e levando à situação ridícula de existirem cursos (um em cada subsistema), com a mesma designação e conteúdo, situados a escassas centenas de metros? Evidentemente não é. Logo há que redefinir os objectivos de cada um dos subsistemas e há que dar possibilidades a cada um deles de cumprir os seus objectivos com a maior qualidade. Mas não há que criar um ensino superior de primeira e outro de segunda.

Será tolerável que um Estudante Universitário se possa manter no sistema anos a fio sem qualquer aproveitamento? Claro que não é. Logo, há que oferecer as melhores condições de estudo possível, há que exigir trabalho científico e pedagógico aos Professores, há que garantir Residências Universitárias em que se possa trabalhar. Mas também há que definir os deveres dos estudantes, o dever de estudar e aprender, o de participar nas aulas, o de se apresentar à avaliação, o de terminar o curso em tempo útil.

O almoço é servido ao Estado e aos Estudantes; não deve ser atirado para a lixeira por nenhum dos comensais.

* Presidente da Comissão Pedagógica do Dep. de Engenharia Mecância da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra
e-mail:rogerio.leal@dem.uc.pt

## A CABRA errou

No texto "Novas formas de luta" da edição nº97 do Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA é afirmado que "a Federação Académica do Porto (FAP) apresentou a proposta de uma greve por tempo indeterminado, a começar no início do próximo ano lectivo" no plenário nacional de estudantes que teve lugar em Coimbra a 22 de Maio. No entanto, não é referido que a associação em questão acabou por retirar essa proposta e não a levar a votação como previsto, alegadamente devido ao carácter não–vinculativo do plenário. À FAP e aos leitores, as nossas desculpas.

# Considerações

ZITA HENRIQUES *

**1. Considerações Prévias**

Antes da breve análise que pretendemos fazer sobre a proposta de Lei de Bases do Financiamento do Ensino Superior, enviada recentemente pelo Governo ao Parlamento, importa relembrar alguns factos recentes que permitem enquadrar a sua apresentação.

Recorde–se que o Ministério da Ciência e do Ensino Superior lançou um debate público, suportado por documento elaborado pelo Centro de Investigação de Políticas e Ensino Superior, "Consolidação da Legislação do Ensino Superior -Avaliação e revisão da legislação em vigor". Sendo que, a 22 de Abril, o mesmo Ministério apresentou um documento, supostamente de orientação, sob o lema "Um Ensino Superior de Qualidade". Supostamente porque, no nosso modesto entendimento, de orientação ele não tem nada! Trata–se de um documento que revela sobretudo uma vontade voraz de legislar, em contraponto a uma ausência total de visão estratégica para o Ensino Superior em Portugal. Para os menos atentos a estas questões recomendamos vivamente a leitura do documento, apresentado pelo secretário de Estado da Educação do Reino Unido, "The future of higher education", para que se perceba o que é um documento de orientação. Independentemente de concordarmos ou não com as medidas propostas, são apresentados claramente os objectivos a alcançar, os prazos para tal e o financiamento inerente ao atingir dos mesmos.

Por outro lado, refira–se que a 5 de Fevereiro, a Comissão Europeia apresentou uma Comunicação intitulada "O papel das Universidades na Europa do Conhecimento", pretendendo assim estimular um debate sobre questões estratégicas relativas ao Ensino Superior na Europa. Certamente por distracção, desconhecemos a resposta do ministério a tal debate. Contudo, o tal suposto documento de orientação apresentado em Abril não nos parece que de alguma forma responda às questões estratégicas equacionadas na Comunicação da Comissão. Parece–nos porém importante que tenhamos consciência dos debates que são promovidos a nível europeu, para termos noção do nível de qualidade do debate nacional sobre estas matérias.

Não se pode esquecer que o mote para a actual proposta de lei foi dado aquando da divulgação do Programa de Estabilidade e Crescimento que implica "ganhos de eficiência no ensino superior e a captação de receitas próprias compatíveis com um crescimento nominal nulo das transferências para este sector".

Esta iniciativa legislativa não pode ser desligada da política de redução de vagas no Ensino Superior Público, após a promoção, junto da sociedade portuguesa, de uma excelente campanha que defende que temos licenciados a mais e que as Instituições de Ensino Superior Público são mal geridas. Não temos espaço para apresentar estatísticas que continuam a comprovar o nosso grande atraso educacional. E apesar de actualmente a percentagem de estudantes portugueses no grupo etário entre os 18 e os 24 anos estar próxima da média etária dos nossos parceiros comunitários, o Reino Unido, por exemplo, estabelece como meta de frequência do ensino superior, para o referido grupo etário, 50 por cento até 2010! Não queremos com isto dizer que o Sistema de Ensino Superior em Portugal não precise de racionalização. Contudo, continuamos a desconhecer qual a rede de ensino superior que o Governo propõe e quais os critérios que levaram à sua definição.

**2. Breve análise da proposta da Lei de Bases do Financiamento do Ensino Superior**

Confessamos a nossa ignorância em relação ao desajustamento à situação actual do modelo de gestão das instituições preconizado pela Lei n.º 113/97, e que compromete o investimento necessário e põe em risco padrões aceitáveis de funcionamento, como é referido na exposição de motivos da proposta de lei. E de acordo isto, desconhecemos os grandes objectivos estratégicos para o Ensino Superior em Portugal, e cujo cumprimento justifique uma alteração da actual lei. Reconhece–se que a fórmula de financiamento precisa de ser alterada, o que não justifica a alteração da lei, uma vez que ela não está na lei. Os contratos–programas, os contratos de desenvolvimento ou os empréstimos também já estavam previstos na lei ainda em vigor. Porque é que nunca passaram à prática?

Lamentamos profundamente que passado 11 anos da aprovação da Lei n.º 20/92, se continue a justificar o aumento da comparticipação dos estudantes e das suas famílias nos custos do ensino superior como uma questão de justiça social. É que infelizmente, passados 11 anos, os políticos portugueses continuam sem ter capacidade ou vontade para a resolver uma questão fundamental do nosso Estado de Direito: o sistema fiscal, ou melhor, a evasão fiscal. Certamente também por uma questão de justiça social, propõe–se um sistema de propinas variável consoante a natureza do curso e a qualidade. É com medidas como esta que certamente o Governo pretende promover a efectiva democratização do acesso e atrair estudantes para as áreas consideradas prioritárias como as Tecnologias.

E para novamente relembrarmos tempos passados, propõe–se que sejam as instituições a fixar os montantes das propinas. Quando esta é uma questão eminentemente política. Regista–se a introdução de conceitos como "eficiência pedagógica" e "eficiência de gestão", apesar de não sabermos a definição de tais indicadores e apesar de até hoje não existir em Portugal uma base de dados de acesso público com diversos indicadores de desempenho institucional e do sistema. Nem nos termos apercebido de passos concretos para a sua existência. Apesar de o próprio ministério confundir avaliação com acreditação, legislar muito e criar vários Conselhos e de a Sociedade continuar a não ter acesso a dados objectivos e comparáveis sobre a qualidade dos cursos e das instituições.

Assim só podemos concluir que esta lei tem como objectivo a redução do financiamento público às instituições de ensino superior público e o aumento da comparticipação dos estudantes e das suas famílias nos custos do ensino superior para colmatar a lacuna do desinvestimento estatal. Numa altura em que são enormes os desafios que se colocam ao nosso país no que concerne ao desenvolvimento económico e à coesão social, o nosso governo entende que é desinvestindo na qualificação dos seus recursos humanos que vamos atingir esses mesmos objectivos.

*Ex–presidente da Direcção–Geral da Associação Académica de Coimbra

A METAMORFOSE
GUSTAVO SAMPAIO

# A nova América

No início da presidência de George W. Bush nos EUA verificou–se um maior alheamento relativamente à política externa, com a centralização no relançamento de uma economia nacional já então estagnada. Este afastamento foi notório em processos como a ratificação do Protocolo de Quioto ou a formação do Tribunal Penal Internacional, ambos rejeitados por Bush, que adoptou uma postura unilateralista perante o mundo, salvaguardando os interesses económicos norte–americanos. Mas com o 11 de Setembro de 2001 tudo se transformou e Bush percebeu que os EUA não podiam continuar centrados no próprio umbigo. Passaram a adoptar uma estratégia internacional mais interventiva, suportada por um massivo aparelho militar, embora continuando a demonstrar um claro desrespeito pela cooperação multilateral e pelo direito internacional. Procuram intervir mais na resolução dos conflitos internacionais mas sempre sob uma perspectiva de interesse político–económico e fazendo questão de demonstrar a sua hegemonia. É aqui que surge o grande confronto com uma parte da Europa (personificada por França e Alemanha), renitente quanto a este imperialismo norte–americano. Uma parte de uma Europa dividida entre esta posição de resistência e a total submissão aos desígnios imperiais dos EUA, sendo o nosso país um dos que, infelizmente, optaram pela segunda escolha. Mas os resistentes também não passam, afinal, de

"Missão essencial de promover os ideais democráticos em todo o mundo"

hipócritas, também eles em busca de poder e avultados dividendos económicos.

Ao nível ideológico, a nova política externa de Bush baseia–se nas premissas de uma classe intelectual emergente denominada como neoconservadora. As ideias de pensadores como Robert Kagan, Max Boot ou Paul Wolfowitz têm sido adoptadas no contexto do decurso de uma guerra contra o terrorismo que reveste um fundamento bem mais profundo: a reorganização política e estratégica da região do Médio Oriente. A corrente neoconservadora, pragmática e realista, fundamenta que os EUA têm a missão essencial de promover os ideais democráticos em todo o mundo. Pretende instituir regimes democráticos e economias liberais em países como o Iraque ou o Irão, derrubando os regimes despóticos e teocráticos em vigor. Não apenas através da força mas também no campo dos ideais, uma reminiscência da "Guerra Fria". Superficialmente, parece ser um princípio digno, embora as virtudes da economia liberal me suscitem sempre algumas reservas. No entanto, tais ideias tornam–se extremamente perigosas quando em confluência com o fanatismo religioso de Bush e a sua obsessiva tipificação do "Bem" contra o "Mal". Do que resultou uma nova América que julga possuir a "missão divina" de governar o mundo e de impor aos outros os seus ideais. Mas será democrática a imposição à força da própria democracia?

Coordenação nem sempre é fácil

# Núcleos em fim de ano

Contestação foi um dos pontos que conseguiu unir direcção-geral e núcleos de estudantes

**Com o término do ano lectivo a aproximar–se, é tempo de efectuar um balanço do trabalho levado a cabo pelos núcleos de estudantes em cooperação com a Direcção–Geral da Associação Académica de Coimbra**

TIAGO AZEVEDO
PAULO NUNO VICENTE

A falta de financiamento e o trabalho realizado à "última da hora" são as críticas mais frequentes que os núcleos dirigem à Direcção–Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC). Outra das falhas apontadas diz respeito ao papel desempenhado pelos membros indigitados, elementos responsáveis pela ligação entre os núcleos e a DG/AAC.

Segundo o presidente do Núcleo de Estudantes de Farmácia, José Malta, "há algumas pequenas falhas que realmente passam pela lacuna que há ao nível dos indigitados, pois não há uma consciencialização do seu real papel". Para o presidente da DG/AAC, Victor Hugo Salgado, "as reuniões regulares em que trocamos informações são um espaço onde os indigitados têm capacidade de intervenção, quer no desenvolvimento das iniciativas da direcção–geral, quer no trabalho dos núcleos".

Apesar das dificuldades sentidas, os núcleos procuram levar a cabo outro tipo de iniciativas que não se restringem ao domínio das medidas contestárias e da mobilização estudantil. De acordo com as palavras do presidente do Núcleo de Estudantes de Engenharia Química, Henrique Costa, "não há motivação por parte dos estudantes porque se sabe que grande parte das manifestações não dão em nada". Esta opinião é também partilhada pelo presidente do Núcleo de Estudantes de Engenharia Mecânica, Paulo Aroso, que sustenta que "as formas de luta estão gastas, pois uma greve de estudantes nunca tem grande força".

Ainda no que toca à mobilização dos estudantes, Marcela Matos, presidente do Núcleo de Estudantes de Psicologia e Ciências da Educação, afirma que "a tentativa de coordenação muitas vezes chega tarde". "Tínhamos todos a ganhar se as coisas fossem preparadas com mais antecedência", acrescenta. Para Victor Hugo Salgado, o período de trabalho nunca teve "tantos plenários, documentação e informação passada para os núcleos" como acontece actualmente. O presidente da DG/AAC afirma que todas as iniciativas ocorrem no sentido de "consciencializar e mobilizar os estudantes".

O período de eleições, quer nos núcleos quer para a DG/AAC, é uma altura conturbada na academia de Coimbra. As tomadas de posição por vezes adoptadas em alguns destes processos eleitorais são algo que, segundo o presidente do Núcleo de Estudantes de Matemática, João Ferreira, é comprometedor pois "os núcleos não devem apoiar as listas candidatas à direcção–geral" tal como "a DG/AAC não deve apoiar qualquer tipo de eleições para os núcleos". Para Cláudio Schulz, Coordenador Geral do pelouro dos Núcleos da DG/AAC, a "oposição em tempo de eleições faz–se mais a nível individual, devido à acção de diversos elementos".

O período de conturbação que tem marcado o ensino superior é algo que tem aproximado os núcleos à DG/AAC que, desta forma, procuram concertar estratégias contra a política governamental. De acordo com o presidente do Núcleo de Estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Bruno Julião, ao "nível da mobilização contra as alterações à política educativa fizémos os possíveis". Entre as discordâncias existentes e as falhas de comunicação, o interesse, no entanto, é comum: defender e representar os estudantes da Universidade de Coimbra.

## Em risco de impugnação

Após as eleições que determinaram a nova direcção do Núcleo de Estudantes de Psicologia e Ciências da Educação da Associação Académica de Coimbra (NEPCE/AAC), no passado dia 20 de Maio, o processo pode vir a ser impugnado pelo Conselho Fiscal (CF) da AAC, que pretende averiguar a sua legitimidade.

A principal razão, que pode levar à suspensão do processo, é o facto de estar consagrado nos estatutos da AAC que as eleições para a Direcção e Mesa de Plenário dos núcleos das faculdades, que são considerados parte integrante da academia, devem ser elaboradas por listas conjuntas. No entanto, de acordo com os estatutos do NEPCE/AAC, aprovados em 1997 pelo CF então em vigor, a candidatura "relativa à Mesa de Plenário e Direcção efectua–se em lista não–conjunta".

Ainda sem a certeza de qual o rumo deste processo, a presidente eleita no último escrutínio, Ana Sofia, preferiu não comentar este facto, considerando ser mais prudente esperar por um parecer oficial do CF, para ter conhecimento da decisão final. Da mesma forma, o actual presidente da Mesa de Plenário, Pedro Bessa, afirma que o processo foi igual aos anteriores, mas enquanto não existir uma opinião oficial do CF não comenta a questão.

Já em Dezembro de 2002 se tinha verificado uma situação semelhante, quando as eleições no Núcleo de Estudantes de Arquitectura foram impugnadas por diversas razões, entre as quais o facto de as listas, para os dois órgãos, terem sido isoladas. No entanto, o CF só deve discutir esta situação na reunião que terá lugar amanhã.

## Opiniões

**Reacções de alguns dirigentes de núcleos das faculdades e departamentos da Universidade de Coimbra, em relação ao trabalho desenvolvido durante o tempo de mandato**

*"Muitas vezes, tive a sensação de que a DG/AAC utilizou os núcleos como bode expiatório em ocasiões em que as coisas correram menos bem."*
Bruno Coutinho - Núcleo de Sociologia

*"Existem iniciativas que têm dado voz aos representantes dos estudantes nos núcleos, nomeadamente em diversos plenários, inter–núcleos e plenários alargados."*
Fernando Gonçalves - Núcleo de Direito

*"Muitas vezes os estudantes não se identificam com as formas de luta e não se sentem motivados."*
Ana Rita Jacinta - Núcleo de Relações Internacionais

*"Os conselhos internúcleos são marcados muito em cima da hora, o que dificulta a representação dos núcleos."*
Paulo Aroso - Núcleo de Engenharia Mecânica

*"Não foi possível gritar 'Somos todos Academia', o que se deveu a algum cepticismo em relação à eficácia da nossa luta. As culpas repartem–se entre os núcleos e a direcção–geral".*
Bruno Julião - Núcleo de Letras

*"Os núcleos têm–se progressivamente afastado da casa mãe. A grande responsabilidade tem sido da DG/AAC, que pede muito aos núcleos mas oferece–lhes muito pouco".*
Licínio Craveiro - Núcleo de Medicina

*"As coisas são feitas na hora e é difícil, em oito faculdades, a direcção–geral organizar–se para que a informação chegue a muitos estudantes".*
Loic Pedras - Núcleo de Desporto

*"Há uma série de questões burocráticas, no núcleo, dentro do departamento e direcção, que, de vez em quando, atrasam alguns eventos e outras actividades."*
José Drites - Núcleo de Arquitectura

*"Em alturas de mobilização (...) a DG limita–se a dar o apoio material e fica à espera que os Núcleos façam o resto do trabalho."*
Gonçalo Ferreira - Núcleo de Biologia

*"Há um desinteresse visível por parte dos estudantes e não por falta de informação: a DG/AAC esforçou–se por divulgar a informação. O mesmo se passou com os núcleos".*
Henrique Costa - Núcleo de Engenharia Química

*"Há algumas pequenas falhas que realmente passam também pela lacuna que há ao nível dos indigitados".*
José Malta - Núcleo de Farmácia

*"Nunca estivemos à espera do material de divulgação da direcção geral. O núcleo sempre teve os seus flyers, cartazes e iniciativas para divulgar as actividades junto dos estudantes."*
Marcela Matos - Núcleo de Psicologia

Senado discute doutoramentos e serviços da universidade

# Aprovado "honoris causa" de Jose Carreras

MARILYNE ALVES

Sala do Senado foi mais uma vez palco de discussão prolongada

**Numa longa reunião marcada pelo som dos ensaios da ópera "Inês de Castro", o Senado da Universidade de Coimbra acabou por votar favoravelmente o doutoramento do tenor espanhol, uma questão que já no mês passado tinha sido levada a debate**

JOÃO PEREIRA

A atribuição do doutoramento "honoris causa" a Jose Carreras e um projecto para a reestruturação dos serviços da universidade foram os dois principais pontos aprovados na semana passada pelo senado.

O doutoramento do conhecido cantor, proposto pela faculdade de Medicina, foi dos pontos que suscitou maior discussão. Já na anterior reunião do senado - estava então na ordem do dia a greve dos estudantes - a proposta havia sido levada a votação. Contudo, embora o número de votos favoráveis fosse superior ao de votos contra, o elevado número de senadores que optaram pela abstenção levou a que a proposta não pudesse obter aprovação.

Jose Carreras, que é também doutor "honoris causa" por diversas universidades europeias, criou uma fundação para a luta contra a leucemia, doença que o afectou há alguns anos. A Fundação Internacional Jose Carreras - que desenvolve actividades várias no campo da oncologia - pode vir a ser uma das entidades externas à universidade a desenvolver uma parceria com a faculdade de Medicina no âmbito de um Centro de Investigação em Meio Ambiente, Genética e Oncobiologia, o que levantou algumas dúvidas sobre os motivos que levaram à apresentação da proposta de tornar Jose Carreras doutor "honoris causa" pela Universidade de Coimbra (UC).

Trata–se de uma questão que José Cunha Vaz, presidente do Conselho Directivo da faculdade de Medicina não quis comentar, até porque não esteve presente na reunião do senado em que este ponto foi aprovado. Por seu lado, o presidente da Direcção–Geral da Associação Académica de Coimbra, Victor Hugo Salgado, afirmou tratar–se de "uma homenagem que marca o reconhecimento da UC por tudo o que Jose Carreras tem feito em prol da Medicina". Já Bruno Julião, presidente do núcleo de estudantes da faculdade de Letras, critica o facto de o principal argumento para a atribuição da insígnia "ter sido uma fundação" e manifestou o seu receio por aquilo que poderá ser uma política de "trivialização dos doutoramentos 'honoris causa'".

Quanto à reestruturação dos serviços, o reitor Seabra Santos declarou ser cada vez mais preciso "fazer melhor com menos recursos". Assim, o total de efectivos nos quadros dos funcionários desce de um número superior a 600 lugares para 520. Uma redução que não traz consequências em termos práticos, uma vez que actualmente apenas se encontram preenchidos 380 lugares e que, ainda de acordo com o reitor, a universidade nunca estará em condições de preencher mais lugares do que aqueles que agora apresenta. A este propósito, Victor Hugo Salgado declarou que a reestruturação pode ser o "primeiro passo da UC em resposta às várias acusações que o Ministério da Ciência e Ensino Superior tem levantado nos últimos tempos".

Na altura da votação do projecto, apenas um dos representantes dos funcionários se manifestou contra, mas um grupo de funcionários elaborou já um comunicado onde declaram necessária a reestruturação dos quadros, mas manifestam o desejo de que esta se faça de forma mais adequada.

Futuro de contestação

## ENDA define formas de luta

**Numa reunião em que se discutiu o futuro imediato das acções de protesto, as direcções associativas elegeram ainda o representante dos estudantes universitários no Conselho Consultivo do Ensino Superior**

MARILYNE ALVES
MARGARIDA MATOS

As associações de estudantes reunidas em Encontro Nacional de Direcções Associativas (ENDA) nos passados dias 30, 31 de Maio e 1 de Junho no Instituto Superior de Engenharia de Lisboa do Instituto Politécnico de Lisboa decidiram iniciar um processo de contestação às propostas de reforma do ensino superior apresentadas pelo governo.

No seguimento do Plenário Nacional de Estudantes do Ensino Superior, do passado dia 22 de Maio, e apesar da sua incapacidade deliberativa e vinculativa, algumas das propostas aprovadas foram apresentadas em ENDA. Assim, foi definida a realização de actos simbólicos, como uma tomada de posição dos dirigentes associativos aquando da apresentação e votação do pacote legislativo na Assembleia da República. Para o início do próximo ano lectivo foi anunciado o intuito de promover uma forte mobilização de estudantes, através de acções de esclarecimento e sensibilização dos alunos, de forma a levar a cabo greves e manifestações nacionais.

O presidente da Direcção–Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), Victor Hugo Salgado, concluiu que "a união do movimento associativo marcou este ENDA" e que os estudantes se "empenharam numa tentativa de defesa dos interesses e direitos dos alunos".

No entanto, no momento da eleição do represantante para o Conselho Consultivo do Ensino Superior (CCES), a DG/AAC e a Associação Académica da Universidade de Aveiro (AAUAv) apresentaram uma proposta de boicote às eleições. Este documento afirma que os estudantes não se identificam com este órgão, não só no que diz respeito à sua estrutura e composição, como também ao tipo de trabalho por ele desenvolvido.

Segundo o presidente da AAUAv, José Ricardo, a discussão do acto eleitoral não se justifica, não só devido ao panorama político–estudantil que atravessa o ensino superior como também pelo facto do CCES não funcionar. Também Victor Hugo Salgado salienta que este órgão, criado pelo ministro da Ciência e Ensino Superior, Pedro Lynce, não tem sido consultivo, mas sim mero ouvinte das propostas ministerais, cujo exemplo significativo é o facto de a Lei de Bases e Financiamento ter avançado sem o CCES ter sido previamente consultado.

Contudo, o processo eleitoral acabou por ser realizado e o presidente da Federação Académica do Porto, Nuno Mendes, foi eleito o representante do ensino superior no CCES.

Uma das propostas aprovadas em ENDA, proveniente do Plenário Nacional de Estudantes e apresentada pela DG/AAC foi a presença das associações de estudantes no Fórum Social Português, que decorreu em Lisboa, entre 7 e 10 de Junho.

## RUC.pt

A Rádio Universidade de Coimbra (RUC) tem uma nova imagem, que está à disposição de todos os ouvintes. Basta ter um computador e entrar no site www.ruc.pt. Nesta página é possível encontrar informação útil sobre a grelha de programas, destaques da programação e uma actualização constante de notícias. É ainda dada a possibilidade de ouvir a rádio online.

Adilson Ribeiro, membro da administração da rádio, explicou o porquê de a RUC ter um domínio "pt" e não estar conectada à rede da Universidade de Coimbra (UC) ou do Centro de Informática da Associação Académica de Coimbra (CIAAC). Segundo argumenta, "é mais fácil as pessoas associarem a RUC ao '.pt' do que ao CIAAC ou mesmo à UC".

A RUC coloca também à disposição links onde os cibernautas podem ter acesso ao funcionamento da rádio e conhecerem a equipa que a constitui.

Quem não consegue passar sem a RUC tem agora a possibilidade de estar mais perto da rádio universitária, movendo apenas um dedo.

Após contestação

# Governo recua no fecho de cursos

**Depois de uma reunião com o Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, o ministro Pedro Lynce voltou atrás na sua decisão de encerrar os cursos com poucos alunos. Estão, contudo, previstas reduções no número de vagas**

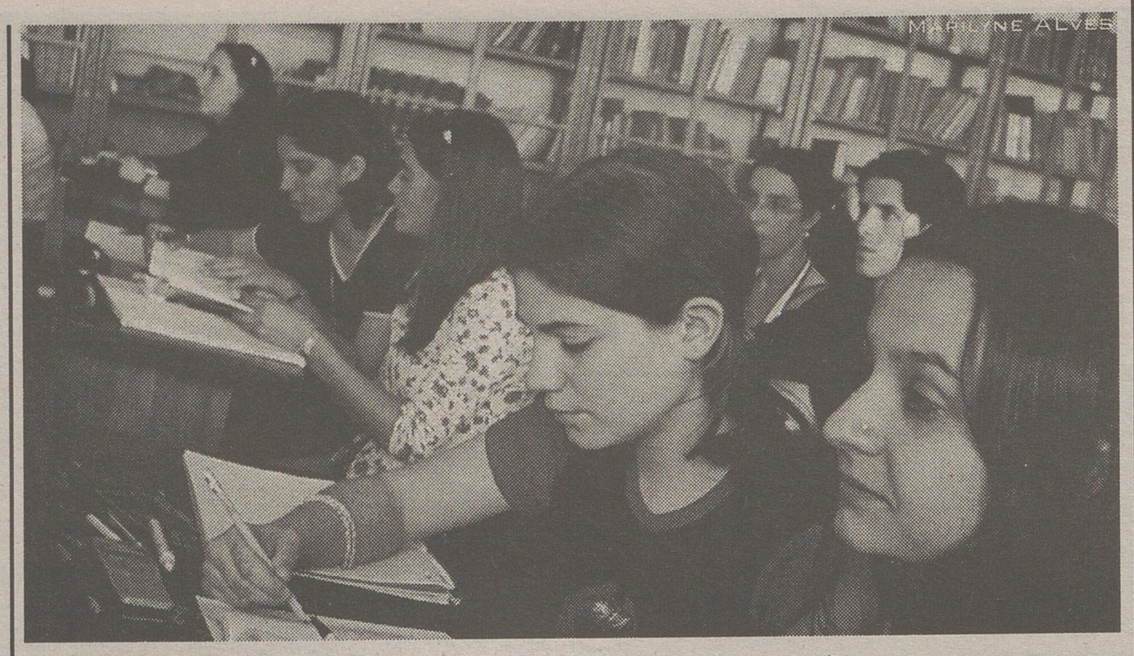
VÍTOR AIRES

O ministério recuou na sua intenção de suspender o financiamento dos cursos com um número reduzido de alunos. A decisão foi tomada numa reunião com o Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP), no passado dia 3 de Junho.

Em despacho do Ministério da Ciência e do Ensino Superior datado de 23 de Maio, haviam sido aprovadas várias medidas com vista à racionalização do ensino superior público, justificadas pela diminuição dos candidatos ao ingresso e pela saturação das saídas profissionais. O número de vagas seria reduzido em dez por cento, excepto nos cursos da área da saúde. Também nas áreas das ciências, físicas, matemática e estatística, informática e tecnologias, os valores se manteriam inalterados, excepto se tivessem sido admitidos alunos com notas inferiores a 9,5 valores.

O financiamento do ingresso de novos alunos seria suspenso nos cursos que tenham recebido menos de dez alunos no primeiro ano ou menos de 30 alunos nos últimos três anos. O número dos alunos admitidos através de concursos especiais, reingresso, mudança de curso e transferência não poderia ultrapassar os 20 por cento, sendo o número mínimo de vagas para cada curso fixado em 35.

A admissão de novos alunos em cursos com o número mínimo de vagas ficaria dependente de uma "manifesta relevância social e adequação à rede de ensino superior". As instituições são aconselhadas a promover uma coordenação regional para evitar duplicações da oferta de cursos.


MARILYNE ALVES

Diminuição de vagas e encerramento de cursos só deverá ocorrer em 2004

Este despacho era, segundo Nuno Rilo, membro do Departamento do Ensino Superior da FENPROF, "o pior simulacro de planeamento". Este dirigente refere ainda o caso de Arquitectura, cujas vagas iriam ser reduzidas, porque "as privadas têm muitos cursos de arquitectura". Para João Cunha Serra, coordenador do mesmo Departamento da FENPROF, o objectivo era "obrigar os alunos a entrar no ensino privado". O encerramento de cursos "necessários ao país" é "uma ingerência na autonomia pedagógica das instituições".

Miguel Teixeira, presidente da Associação Académica de Lisboa, sublinha a falta de "um estudo que suporte esta negativa decisão". Nas instituições de Lisboa, poderiam estar em causa as áreas das Engenharias, das Matemáticas e das Químicas. Segundo José Ricardo, presidente da Associação Académica da Universidade de Aveiro, esta redução "anunciada como uma medida protectora das instituições do interior", atinge todas as universidades "da mesma forma". Por seu lado, para Vasco Leão, presidente da Associação Académica da Universidade do Minho, o despacho "retira capacidade às universidades de definirem as suas orientações estratégicas", ao passo que o presidente da Federação Académica do Porto, Nuno Mendes, descreve esta redução como "cega, porque entende que todos os cursos e instituições se encontram na mesma situação". Por fim, para Victor Hugo Salgado, presidente da Direcção–Geral da Associação Académica de Coimbra, esta medida tenta "reduzir apenas e só o orçamento das instituições". A decisão do ministro de voltar atrás "é de congratular".

As instituições tiveram uma semana para enviar as propostas de vagas. Este foi o principal argumento utilizado pelos reitores na sua reunião com o ministro Pedro Lynce, segundo afirmou Adriano Pimpão, presidente do CRUP. As instiuições terão até Janeiro de 2004 para apresentar soluções para os cursos que não respeitem os números fixados pelo despacho. O reitor da Universidade de Coimbra, Seabra Santos, adiantou já que as licenciaturas em Línguas e Literaturas Modernas - Estudos Portugueses e Italianos e Estudos Franceses e Alemães não vão abrir vagas, mas que um novo curso na faculdade de Letras irá permitir a entrada de 40 alunos.

# Doutor em cinco anos

**O Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC) aprovou um novo modelo de cursos de doutoramento, que visa reduzir o tempo de preparação de teses para cinco anos**

TIAGO AZEVEDO

Reduzir o período de preparação das teses e garantir a possibilidade de expansão a outras áreas da sociedade é a proposta que o Conselho Científico da FLUC pretende dirigir ao Senado da universidade para que seja aprovado o novo sistema de doutoramentos da faculdade.

Com a noção de que, actualmente, os doutoramentos demoram bastante tempo para serem concluídos (em média os professores auxiliares da faculdade candidatos ao grau de doutor demoram 11 anos para apresentar as teses), esta proposta pretende que o tempo de duração seja obrigatoriamente de cinco anos, existindo a possibilidade de alargamento por mais dois anos, mediante parecer fundamentado do orientador. Os doutoramentos serão compostos por uma área curricular, para seminários e planificação da tese, sendo que os três últimos anos serão reservados para concluir a dissertação.

Outra das pretensões desta reformulação é a de expandir as áreas de inclusão dos doutorados, para que não se limitem ao mundo académico. Preten-de-se assim acompanhar a tendência verificada em alguns países onde mais de 50 por cento dos doutorados são in-corporados em outras actividades que não a universitária.

Segundo esta proposta de reestruturação, os programas de doutoramento deverão ter pelo menos cinco alunos e os seminários curriculares deverão ser compostos, no mínimo, por três pessoas. Quem desejar frequentar um curso de doutoramento na FLUC pagará uma quantia que varia consoante o programa escolhido, mas que não deverá ultrapassar os 4500 euros.

Esta proposta foi aprovada na passada quinta–feira, em Plenário do Conselho Científico, sendo agora remetida para o Senado da Universidade de Coimbra para, posteriormente, entrar em vigor. Segundo este documento, o trabalho dos orientadores passará a contar como tempo de serviço, ao contrário do que acontece no actual modelo em vigência. A principal preocupação deste novo sistema é garantir áreas de estudo pós–licenciatura, que começam a ser cada vez mais procuradas.

Segundo refere José Amado Mendes, presidente do Conselho Científico da FLUC, é provável que a actual tendência de prolongar a formação "se mantenha nos próximos anos" e para isso "a universidade deve procurar responder de forma apropriada e devidamente estruturada". Neste momento, quem pretender fazer um curso de doutoramento na faculdade de Letras terá que ter concluído um mestrado ou possuir uma média, no mínimo, de 16 valores no término da licenciatura.

Lei de Bases do Sistema Educativo à espera de ser aprovada

# Novo(s) modelo(s) para o ensino português

**A proposta governamental de reforma do sistema educativo já foi apreciada em Conselho de Ministros. No entanto, além do Governo, também o PS e o BE avançaram com projectos**

EMANUEL GRAÇA

A criação de três ciclos de estudos no ensino superior (licenciatura, mestrado e doutoramento), a possibilidade das universidades e politécnicos poderem "realizar cursos não conferentes de grau académico" e a exclusividade de serem os estabelecimentos de ensino universitário a conferir o grau de doutor são as principais alterações propostas pelo Governo para a Lei de Bases do Sistema Educativo no que toca ao capítulo do ensino superior.

Ainda neste âmbito, é salvaguardada a hipótese de, "por motivos de interesse público, de garantia da qualidade do ensino ou em cumprimento de directivas comunitárias ou compromissos internacionais do Estado português", o Governo poder estabelecer "numerus clausus" tanto em relação às instituições de ensino superior público como privado.

No que toca aos outros níveis de ensino, a proposta do executivo de Durão Barrosso estipula um alargamento da escolaridade obrigatória de nove para 12 anos e a criação de três ciclos de ensino, cada um com seis anos de duração: infantil (integração progressiva entre creches e jardins de infância), básico (do 1º ano ao 6ºano) e secundário (7º ao 12º ano). Por outro lado, o ingresso na carreira de docente não–superior passa a estar condicionado por um "processo de indução e avaliação" das qualificações dos licenciados. Traduzindo, quer isto dizer que não basta aos futuros professores um diploma universitário para poderem leccionar - primeiro têm de prestar provas da sua competência junto do Ministério da Educação.

A proposta de lei governamental, preparada pelos titulares das pastas do Ensino Superior e da Educação, deu entrada na Assembleia da República há duas semanas e pretende substituir a actual Lei de Bases do Sistema Educativo, já com dezassete anos. O certo é que não será a única a ser votada quando esta temática for discutida no Parlamento, no próximo dia 2 de Julho. Também o PS e o Bloco de Esquerda já apresentaram publicamente os seus projectos para esta área, isto apesar de se saber que bastam os votos dos deputados do PSD e do CDS/PP para que o projecto do Governo seja aprovado. Apesar desta certeza, tanto o executivo de Durão Barroso como os partidos da oposição já mostraram a sua abertura para que se chegue a um consenso, o mais amplo possível.

Autarquia apresenta uma cidade viva

# A nova face de Coimbra

Nova imagem da autarquia pretende realçar legado cultural e técnico da cidade

**A nova representação gráfica de Coimbra é o reflexo da tendência para a renovação. Com este símbolo, o município pretende que a cidade deixe de ser "cidade museu" para ser uma "cidade de conhecimento"**

CARLA PINTO

Na passada quinta–feira, no Convento de S. Francisco, a Câmara Municipal de Coimbra (CMC) realizou um evento com o objectivo de mostrar a nova marca da cidade. O projecto vencedor do concurso público de ideias promovido pela câmara, foi o de Francisco Providência, da cidade do Porto. A apresentação foi coroada com um recital de piano de Michael Nyman.

Para o presidente da CMC, Carlos Encarnação, o novo símbolo "é o reflexo daquilo que temos de oferecer da nossa tradição histórica e também da nossa criatividade, transporta aquilo que é o peso histórico do passado e a sua riqueza com a capacidade de o dizer de forma diferente".

A marca Coimbra baseia–se no modelo astronómico de Copérnico como metáfora do conhecimento científico. Conhecimento esse que está relacionado com o facto de o prestígio de Coimbra dever muito à universidade. O anel, cobra ou órbita que substitui o "O", reforça essa ideia.

Para Carlos Encarnação, esta imagem é própria de "uma cidade que aborrece, logo tem uma marca capaz de conquistar as pessoas para a sua variação". É, para o presidente da CMC, "uma melhor imagem, mais tradutora daquilo que é uma realidade que nunca pára no tempo".

A nova marca vai ser introduzida nos diversos tipos de comunicão (comunicação institucional, media, publicações, sinalética, fardamentos), até 2004.

## Sta. Cruz elevada a panteão nacional

**O monumento onde está sepultado o primeiro rei de Portugal foi motivo de debate na Assembleia da República e tudo indica que venha a receber honras de panteão**

JOÃO PEREIRA

A partir de amanhã, a Igreja de Santa Cruz deverá passar a ter o estatuto de panteão nacional. O projecto de lei foi apresentado na passada semana pelo deputado social democrata Miguel Coleta, numa sessão a que assistiu o presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Carlos Encarnação. A proposta granjeou o apoio de todos os partidos, com excepção de Os Verdes, que não tinham deputados presentes, restando agora esperar pela votação de amanhã.

A elevação da Igreja de Santa Cruz a panteão foi justificada pelo facto de ter sido este o local escolhido por D. Afonso Henriques, o monarca fundador da nacionalidade, para ser sepultado. É ainda de salientar a importância histórica do monumento. O Mosteiro de Santa Cruz foi uma das mais importantes obras que se ficam a dever ao primeiro rei de Portugal, tendo sido um edifício de grande relevo nos primórdios da monarquia nacional. Contudo, de acordo com o documento, o estatuto de panteão visa homenagear apenas D. Afonso Henriques e os seus sucessores, que também se encontram sepultados na igreja. Com a aprovação deste projecto, espera–se poder ainda contribuir para o encetar de esforços de recuperação do monumento.

Segundo a lei, as honras de panteão nacional destinam–se a "homenagear e a perpetuar a memória dos cidadãos que se distinguiram por serviços prestados ao país". Actualmente, é a Igreja de Santa Engrácia, em Lisboa, a única a deter este estatuto.

Autarquia atenta aos espaços verdes

## Toyo Ito requalifica Sereia

**Proposta de arquitecto japonês vai ser apresentada até ao final do ano à Câmara Municipal de Coimbra**

VÂNIA CORREIA

O conceituado arquitecto japonês Toyo Ito vai apresentar uma proposta de revitalização do Jardim de Santa Cruz, mais vulgarmente conhecido por Jardim da Sereia, a convite da Câmara Municipal de Coimbra (CMC). A autarquia pretende a requalificação deste espaço tornando-o atractivo para população e fazendo com que a insegurança não seja mais associada a este local.

O projecto apresentado é suposto dar resposta a uma série de questões: a vedação ou não do jardim, a construção de um espaço que possa servir de ponto de encontro de visitantes e o tipo de relação a estabelecer entre a parte este do espaço e a Casa da Cultura e entre o jardim e a futura linha de metro. No entanto, a CMC garante que a intervenção não pretende alterar a matriz original do espaço, preocupando–se com a preservação da identidade ecológica e histórica de um espaço verde também conhecido como Jardim de Santa Cruz.

O arquitecto japonês visitou o local e registou alguns problemas que pretende colmatar com uma intervenção adequada. Todavia, também se apercebeu da beleza do recinto e da história que ele guarda. Todos estes aspectos tornam este desafio particularmente aliciante. Este arquitecto foi escolhido pela sólida experiência que possui na recuperação de espaços verdes e pela importância de um olhar externo. Contudo, a proposta de Toyo Ito ainda não foi apresentada e, quando for, pode não ser a última, pois podem ainda ser considerados projectos de arquitectos portugueses.

Metropolitano Ligeiro do Mondego avança

## Luz verde para o Metro

**Após meses de interrogações em relação a deficiências do projecto, o Metropolitano Ligeiro do Mondego tem capacidade para finalmente avançar para o lançamento do concurso**

CARLA PINTO

No início deste mês, a sociedade Metro Mondego (MM) apresentou os últimos estudos relativos ao concurso para a prossecução do metro ligeiro de superfície. Este foi aprovado unanimamente pela Câmara Municipal de Coimbra (CMC).

O modelo do concurso aprovado, em Fevereiro, engloba uma ligação entre o sector privado e o sector público, o que implica uma transferência do risco para a entidade privada, e possibilita prazos mais reduzidos de concurso e construção. No que toca à prestação de serviços, garante a existência de concorrentes e evita concursos "vazios".

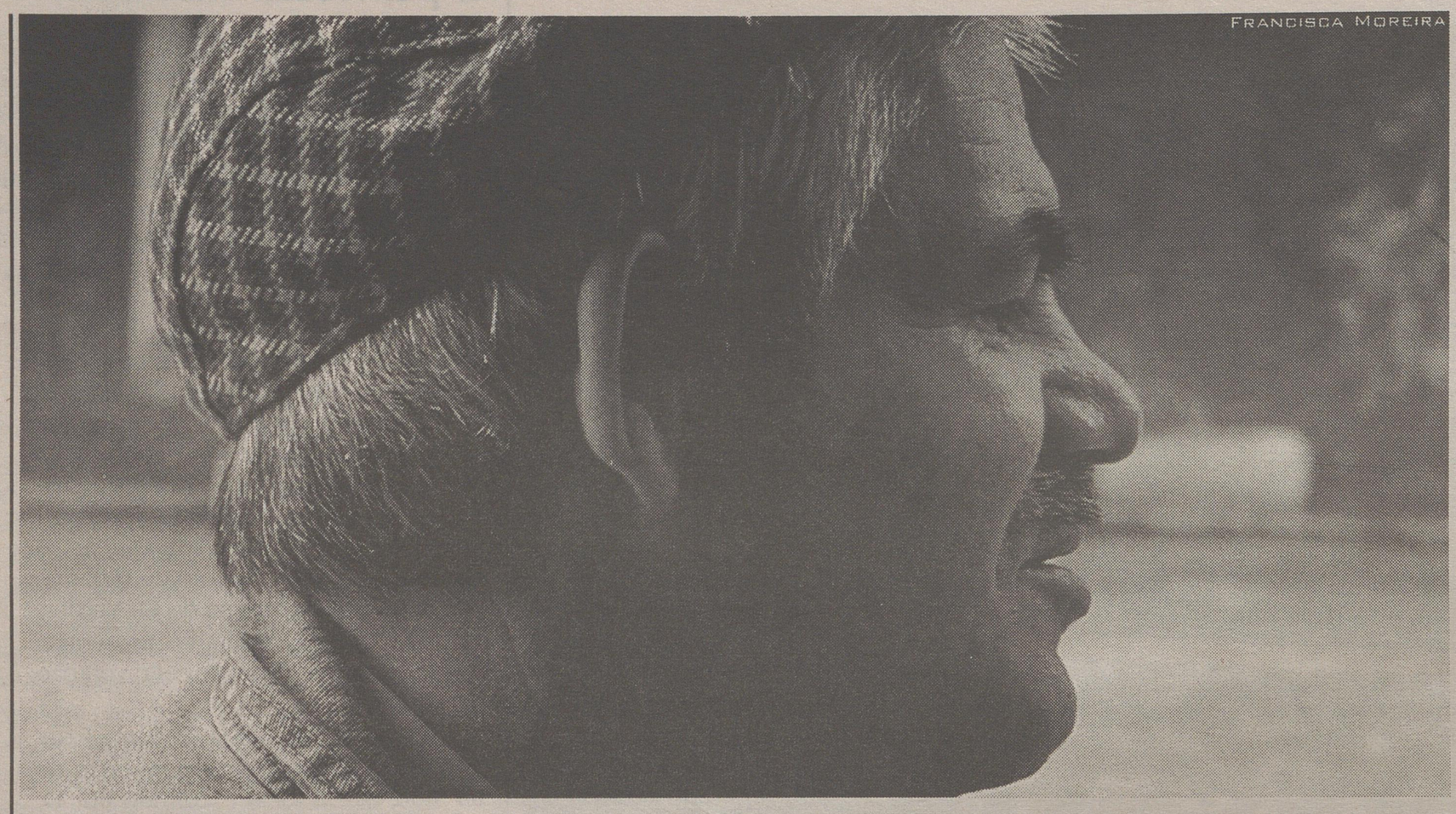
Segundo João Rebelo, vereador da CMC, a cidade "tem hoje fenómenos de metropolização". Assim, "está tudo encaminhado para a criação de uma autoridade metropolitana de transporte, falta apenas o Estado avaliá–lo".

O projecto global ronda os 240 milhões de euros. Só na rede urbana, deverá atingir os 21 milhões de euros, não incluindo custos relativos à renovação urbana e às estações e expropriações na Baixa da cidade, para as quais se prevê um orçamento de 10 milhões de euros. O financiamento deste projecto divide–se pelo Estado, ao qual cabe a maior fatia (53 por cento), pelas câmaras municipais integradas no projecto (14 por cento cada uma), pela CP e pela Refer, ambas com cinco por cento.

Cabe agora ao Estado decidir a data do lançamento do Concurso Público Internacional do eléctrico rápido em Coimbra, Miranda do Corvo e Lousã.

Número incomportável de pedidos

# Aposentações dispendiosas


FRANCISCA MOREIRA

Limite de 65 anos para a reforma previsto nas alterações à Segurança Social provoca aumento nos pedidos de aposentação

**As alterações às regras de aposentações, anunciadas pelo Governo português no final de 2002, vão obrigar ao pagamento adicional de vários milhões de euros em pensões dos funcionários públicos**

DIANA RAMOS

As alterações ao regime de aposentações dos funcionários públicos anunciadas no ano passado pelo Governo impedem, a partir deste ano, a reforma completa de funcionários com menos de 65 anos de idade, ainda que tenham já cumprido os 36 anos obrigatórios de carreira. A situação conduziu à entrega de 25 mil pedidos excepcionais de aposentação, acontecimento que não estava previsto pela Caixa Geral de Aposentações (CGA) e que não sofreu qualquer tipo de enquadramento orçamental no plano de actividades deste organismo para 2003.

Um relatório apresentado pelo conselho consultivo da CGA sugere mesmo a dificuldade que a instituição vai enfrentar, tanto a nível financeiro como ao nível do cumprimento de prazos no deferimento das propostas. O mesmo relatório refere que "os efeitos do afluxo excepcional de pedidos se prolongarão, em termos de carga administrativa, indo repercutir–se, em termos que não se afiguram neste momento possíveis de avaliar, na actividade de 2003".

Para o presente ano, estavam previstos 27 mil novos processos de aposentação e sobrevivência, aos quais se juntam os 447 mil pensionistas já existentes, um valor que face à tendência verificada vai disparar consideravelmente. Prevista estava também uma despesa global da ordem dos 5 milhões de euros, dos quais cerca de 4,4 milhões de euros a distribuir pelo pagamento de pensões. Com os novos pedidos de aposentações, o valor do aumento da despesa global está agora orçado em cerca de 10,3 por cento.

O Presidente da República, Jorge Sampaio, já enviou o decreto–lei, referente às alterações, ao Tribunal Constitucional, para averiguar da constitucionalidade do diploma. Segundo vários pareceres jurídicos, existe uma forte possibilidade de que o documento possa não cumprir os *parâmetros legais necessários*. Ainda assim, e mesmo que a lei venha a ser considerada inconstitucional, as repercursões nos cofres da CGA não vão ser positivas. Isto porque funcionários com 36 anos de carreira vão continuar a poder reformar–se, ainda que o limite de idade necessário não esteja atingido e desde que exista a devida autorização do serviço.

Em termos práticos, a corrida às aposentações traduz–se num elevado número de funcionários que passam de activos contribuintes a pensionistas beneficiários, o que provoca, simultaneamente, uma dimuinição no valor das contribuições e um consecutivo aumento dos encargos com pensões.

## O fim do modelo social europeu

A aproximação do sistema de protecção social dos funcionários públicos ao dos restantes trabalhadores, através de um nivelamento dos direitos por baixo, é uma das medidas mais representativas da alteração dos regimes de Segurança Social um pouco por toda a Europa.

Em Portugal, a situação não é nova, tendo tido início durante o governo de Cavaco Silva. Todos os funcionários inseridos na Função Pública, a partir de 1993, passaram a ser automaticamente integrados num regime de segurança social com os mesmos direitos e deveres, representando hoje 286 mil dos 700 mil funcionários existentes.

Se não ocorrer qualquer tipo de alteração até 2015, prevê–se que o sistema entre em colapso financeiro, o que implicaria uma necessidade de duplicação do investimento público na CGA. Para alguns analistas, as dificuldades orçamentais desta instituição resultam substancialmente da falta de um política contributiva do estado enquanto "entidade empregadora" e não da concepção e estruturação do sistema em si. Enquanto que a participação dos patrões privados é de aproximadamente 22 por cento sobre o salário auferido, a comparticipação do Estado situa–se apenas nos 4,6 pontos percentuais, situação que conduziu já a uma intervenção por parte do Tribunal de Contas ao recomendar um aumento da participação pública para os dez por cento.

Factores como a necessidade de contenção orçamental e a sombra de uma economia a roçar a recessão, associados à maturidade do sistema de segurança social (envelhecimento das gerações) e à escassez de recursos financeiro, estão a orientar a protecção social para dois caminhos alternativos: por um lado o aumento das taxas ou, em contrapartida, a redução dos direitos e o aumento da idade da reforma.

A Europa e, consequentemente, vários países seguidores desta política tendem a aproximar os seus regimes de segurança social aos modelos privados, levando, através da subscrição de fundos privados, este tipo de instituições a assumirem grande parte das responsabilidades. As consequências directas prendem–se com o aumento da responsabilidade individual e o alívio dos orçamentos públicos.

A questão principal está agora centrada no futuro do sistema de segurança social: são vários os críticos que defendem que este pode ser o fim do modelo social europeu, mas são também muitos os que defendem que esta é a alternativa necessária à manutenção do modelo num momento em que este parece em termos globais condenado à morte.

# Novo regime de adopção

**Com o intuito de acelerar os processos adoptivos foram aprovadas no Parlamento as novas regras que vão reger a adopção em Portugal: o aumento dos prazos e o alargamento da idade limite para a candidatura ao lugar de pai adoptivo são algumas das novidades**

JOÃO VASCO

Na sexta–feira, foi revisto na Assembleia da República o regime jurídico de adopção. As principais medidas aprovadas dizem respeito ao encurtamento do prazo máximo de adopção dos recém–nascidos, que passa a ser de três meses, e do de crianças e jovens, que terá como limite os seis meses. As duas propostas constavam dos diplomas do Partido Socialista (PS) e do Governo e foram aprovados sem qualquer voto contra. O tempo médio de um processo de adopção rondava actualmente os três anos.

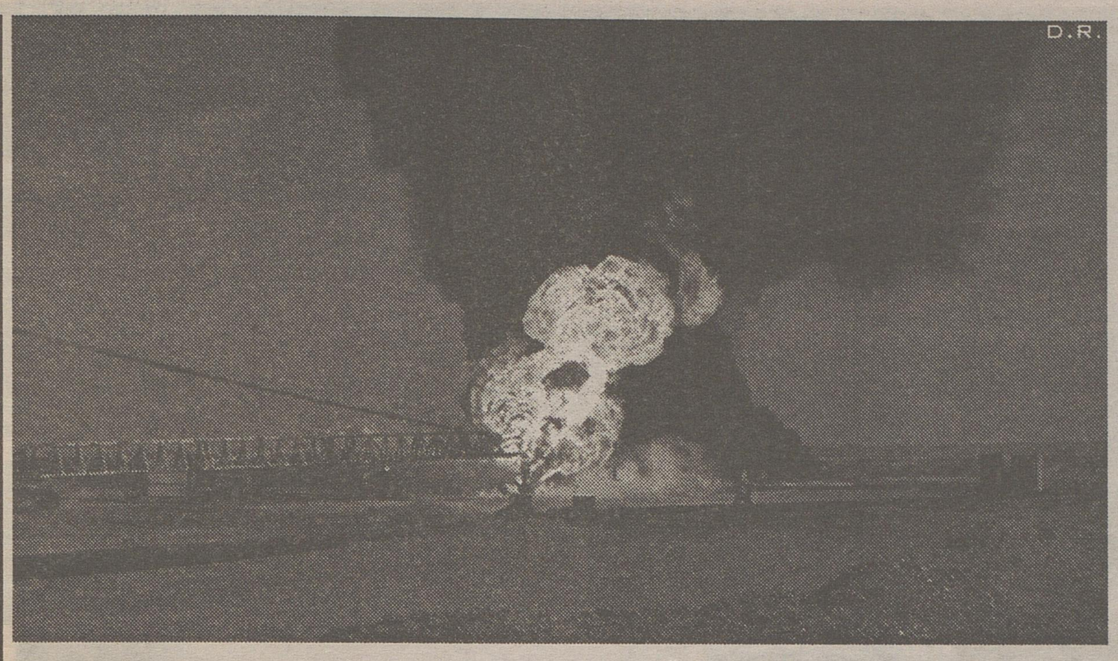
O Governo conseguiu ainda aprovar o alargamento da idade limite de quem quer adoptar uma criança, que passa dos 50 para os 60 anos, desde que a diferença entre a família adoptante e a criança adoptada não exceda os 50 anos. Esta medida constituía–se como a grande diferença em relação ao diploma do PS que mantinha a idade limite dos 50 anos. A aprovação da medida de redução, de um ano para seis meses, do prazo de pré–adopção e a eliminação da etapa de processo de confiança, no caso de a criança estar em risco, foi outro dos intentos que a maioria parlamentar viu atingido.

O objectivo de todos os projectos não se prendia apenas com a aceleração dos processos de adopção. O diploma do Bloco de Esquerda (BE) voltou a colocar na ordem do dia a polémica questão da adopção de crianças por casais homossexuais. A proposta levada ao hemiciclo pela deputada Joana Amaral Dias previa a colocação em pé de igualdade da adopção de crianças por casais heterossexuais e homossexuais. A discussão foi acesa, nomeadamente entre a representante do BE e a social-democrata Teresa Morais. No entanto, a proposta do mais pequeno partido com assento parlamentar foi chumbada, com os votos contra da maioria parlamentar PSD/CDS–PP e as abstenções das restantes forças com assento na Assembleia da República. Do diploma apresentado pelo BE constava ainda a criação de um organismo nacional de coordenação dos mecanismos de adopção que também não obteve consentimento parlamentar, sofrendo igualmente a reprovação do PSD e CDS e a abstenção das bancadas socialista e comunista.

A criação de uma base de dados nacional a incluir potenciais adoptantes e crianças disponíveis para adopção era outro dos assuntos em debate. A sua aprovação constitui–se agora como uma nova forma de controlo dos mecanismos dos processos adoptivos em Portugal.

EUA procuram fundar um novo país

# Iraque em reedificação


D.R.

Empresas pretendem restaurar produção petrolífera iraquiana

**Sete semanas depois do fim do conflito, a batalha pela reconstrução do país continua. Mais de 10 mil empresas disputam um lugar neste processo**

Luís Pedro Gomes
Pedro Ramos

Na sua fase inicial, a recuperação do Iraque passa por procurar satisfazer as necessidades mais básicas da população. Com esse objectivo, os EUA assinaram, até agora, o seu maior contrato com a empresa de construção americana Bechtel, apesar das críticas que alertam para a cumplicidade entre a administração Bush e a empresa.

O valor do contrato ascende a 680 milhões de euros para os próximos 18 meses e abrange reparações em centrais de electricidade, cabos de alta tensão, canalização de água, sistemas de esgotos, hospitais, linhas férreas, reparação de cinco aeroportos e drenagem do aeroporto de Umm Qasr. Dirigentes da companhia afirmaram que, pelo menos 90 por cento destas obras de reconstrução, serão realizadas por empresas subcontratadas. Esta garantia foi dada numa reunião com 250 empresas que poderão vir a levar a cabo alguns dos trabalhos. Realizou-se um encontro similar, em Maio, com aproximadamente 10 mil empresas de todo o mundo. Cada contrato terá um valor médio inferior a 1 milhão de euros.

A administração Bush tem sido criticada por favorecer algumas empresas próximas dos republicanos. George Schultz, Secretário de Estado da administração Reagan é hoje um alto.dirigente da Bechtel. Também a Halliburton tem sido acusada de favorecimento. Esta empresa foi chefiada por Dick Cheney até este passar a ser vice-presidente dos EUA. Prevê-se que uma subsidiária desta empresa receba, por um conjunto de contratos para o Iraque, aproximadamente 500 milhões de euros. A Halliburton é o segundo maior fornecedor mundial de produtos e serviços relacionados com as indústrias do petróleo e gás e emprega 85 mil pessoas.

Os contratos assinados poderão estar a colocar alguns problemas financeiros aos EUA: segundo a BBC, oficiais americanos pediram já ao Senado que organize uma conferência internacional para angariação de fundos. As sanções económicas da ONU cessaram, mas as receitas da venda de petróleo demorarão ainda algum tempo a estar disponíveis. Prevê-se que em meados de Julho se possam exportar 600 mil barris por dia. Alguns meses depois as exportações poderão voltar aos valores pré-guerra - 2,5 milhões barris por dia. Os dividendos serão canalizados para um fundo controlado por americanos e ingleses, sobre o qual a ONU terá um poder consultivo.

Segundo José Gomes Cravinho, docente de Relações Internacionais na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, "a factura da reconstrução será paga por iraquianos e americanos". O especialista refere ainda o "papel marginal das Nações Unidas no processo", nomeadamente no que respeita à nomeação de Sérgio Vieira de Mello para representante especial da ONU no Iraque, que "é uma pessoa claramente transitória". Gomes Cravinho acrescenta que o diplomata brasileiro, "além de passar a acumular dois cargos [dado que é ainda Alto Comissário da ONU para os Direitos Humanos], estará no cargo temporariamente", uma vez que o mandato inicial é de apenas quatro meses.

Os EUA mantêm ainda 160 mil tropas no terreno, o que custa três biliões de euros por mês. Os funcionários civis iraquianos têm vindo a ser pagos com dinheiro do anterior regime: quantia que ronda os 2,5 biliões de euros, incluindo 800 milhões retirados de palácios de Saddam em Bagdad.

A economia do Iraque caiu para níveis extremamente negativos nas últimas décadas, com a dívida externa a ultrapassar largamente a riqueza produzida: em 2001, os valores desta representavam aproximadamente um terço dos índices de 1979. A isto não será alheio o facto de o país ter passado por três guerras desde 1980, ano em que começou o conflito Irão-Iraque.

## Situações alarmantes

Em algumas das principais cidades iraquianas a situação humanitária está a tornar-se insustentável.

Na capital, Bagdad, há comida nos mercados, mas não há dinheiro para comprá-la, porque muitos iraquianos continuam sem receber salários. Há também muitos alimentos que não têm chegado à cidade por falta de combustível.

Antes da guerra, a ONU forneceu ajuda alimentar que deveria ser suficiente para seis meses. Entretanto, muitos iraquianos venderam essa comida para satisfazer outras necessidades.

De acordo com o Governo civil americano, os sistemas de canalização e electrificação estão a funcionar a 50 por cento da sua capacidade pré-guerra. Muitas centrais eléctricas e estações de tratamento de água foram pilhadas. Famílias mais ricas têm comprado geradores eléctricos e bombas de água. Um gerador custa 1200 euros. Mesmo para quem os tem comprado há um problema: falta de combustível.

Em Bassorá, cerca de 25 pessoas por mês são mortas ou feridas por munições abandonadas. A ONU catalogou em Bassorá cerca de mil locais que precisam de ser desminados. Oitenta e seis elementos de uma empresa de desminagem - Mine Tech - chegaram à cidade. Esperam-se outras companhias.

A ONU diz que o Iraque é o país mais minado em que jamais trabalhou. Esta organização diz que sem maior auxílio a desminagem pode levar anos.

Em Kirbuk prepara-se a eleição de um presidente da câmara por um conselho municipal. Este é constituído por elementos de cada grupo étnico – curdos, árabes, turcomanos, cristãos assírios - e por americanos. Cerca de 200 mil cidadãos curdos pretendem regresssar a Kirbuk, mas os árabes não querem devolver esta cidade.

Possível consenso na Convenção Europeia

# Um só presidente para a União

**As reformas institucionais propostas pelo presidente da Convenção deverão fazer parte do projecto de Constituição para a União Europeia (UE). Os pequenos países parecem ter aceite um presidente permanente no Conselho Europeu**

Vitor Rodrigues e Oliveira

A Convenção Europeia estará a caminho de um consenso final nas principais questões debatidas em plenário. Após um impasse que afectou os trabalhos, o presidente da Convenção, Giscar d'Estaing, conseguiu impor as suas propostas: um presidente permanente do Conselho Europeu, uma comissão com 15 elementos e um novo método de decisão nas votações do Conselho de Ministros.

O Conselho Europeu, que reúne os chefes de Estado ou de Governo dos quinze e o presidente da Comissão Europeia pelo menos duas vezes por ano, terá, em princípio, um presidente permanente. Esta ideia substitui a actual liderança rotativa, de seis em seis meses, entre todos os Estado-Membros - um direito que os países pequenos deixam de ter.

Também a Comissão será alvo de uma reestruturação, de forma progressiva, até 2009. A partir do próximo ano, com o alargamento a leste e centro da Europa, o colégio de comissários ascende dos actuais 15 para 25 elementos. Porém, se a proposta de Giscard d'Estaing for aceite pela Convenção e aprovada no próximo Conselho Europeu, esta situação é alterada.

No próximo decénio, a Comissão Europeia voltará a ter 15 comissários. A proposta apresenta ainda uma novidade: a presença de outros 15 elementos, sem competências atribuídas nem direito de voto, mas que irão estabelecer a ligação entre a Comissão e o país de origem.

Rogério Leitão, docente na licenciatura de em Relações Internacionais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC), acredita que se trata da melhor solução: "A ligação umbilical do Estado-Membro à instituição supranacional [pretendida pelos países pequenos] retiraria eficácia" à Comissão Europeia. O professor defende um modelo, "semelhante ao de Giscard d'Estaing, um sistema de rotatividade que permite regularmente a entrada de nacionais de todos os Estados-Membros".

A acompanhar o adiamento da reforma da Comissão para 2009 está também o ajustamento entre o número de deputados do Parlamento Europeu (PE) e a população dos países. Antes disso já terá sido alterada a maioria qualificada no Conselho de Ministros. As decisões neste órgão deverão passar a ser tomadas mediante uma maioria simples de Estados e 62 por cento da população.

## Conselho Europeu decisivo

A próxima reunião do Conselho Europeu, que se realizará em Salónica (Grécia) a 20 e 21 de Junho, aprovará, ou não, o texto constituinte que sair da Convenção para o futuro da Europa. Mas, apesar do aparente consenso que se vive na Convenção, nem tudo poderá ser fácil nesta decisiva Conferência Intergovernamental. Espanha, por exemplo, já avisou que o projecto ainda é desequilibrado e mostra-se confiante quanto a uma alteração do texto em Salónica.

É por isso que José Manuel Pureza, também docente da licenciatura em Relações Internacionais na FEUC, entende que este processo, "que inicialmente se pretendia participado e involvendo sectores para além dos Governos, acabou por resultar numa lógica progressivamente intergovernamentalizada".

# Uma viagem ao submundo da prostituição

**Ao longo de toda a Avenida Fernão de Magalhães é possível encontrar mulheres que vendem o seu sexo aos clientes que deambulam pela noite. São mulheres de várias idades e proveniências que se prostituem para sobreviver. As trabalhadoras do sexo encontram–se espalhadas pela avenida desde a estação velha à estação nova e trazem na cara o peso da vida marcado nos olhos desconfiados e atentos. A CABRA foi ao encontro destas mulheres, para auscultar os seus sentimentos e vontades, desejos e receios, estórias e desventuras**

TEXTO: LILIANA GUIMARÃES
FOTOS: FRANCISCA MOREIRA

## A Associação Novo Olhar

A CABRA juntou–se a uma associação coimbrã que apoia estas mulheres e que mantém com elas uma estreita relação de amizade e companheirismo através dos seus voluntários, tendo acompanhado uma das várias equipas que todas as noites saem à rua para dar apoio psico–social e distribuir material preventivo à população prostituta feminina de Coimbra.

A Associação Novo Olhar surgiu em 1994 e actualmente tem a sua sede na Avenida Fernão de Magalhães. Esta associação não governamental, que luta para se constituir Associação Particular de Solidariedade Social, tem como principal objectivo a prevenção do HIV/SIDA. Eugénia Soares, coordenadora e vice–presidente da associação, e Helena Silva, assistente social estagiária, deram a conhecer a estrutura orgânica da associação.

A Novo Olhar desenvolve a prevenção do HIV/SIDA através do trabalho voluntário em três níveis. Segundo a psicóloga Eugénia Soares "a prevenção primária é feita antes do comportamento de risco aparecer. Neste caso temos o projecto 'Rua Jovem' que faz a prevenção junto de escolas ou associações juvenis ou mesmo de grupos em acções pontuais".

Dois são os projectos que fazem parte do segundo nível de prevenção: 'Tóxico' e 'Direito'. Actuando com toxicodependentes e prostitutas, respectivamente, dão apoio psico–social e distribuem material preventivo no local onde estão os utentes dos projectos. 'Tóxico' desenvolve–se na zona do Bota Abaixo e do Terreiro da Erva. De noite as equipas do "Direito" palminham a avenida que liga a estação nova à estação velha. No entanto, de dia dividem–se entre Condeixa, Luso e Mealhada. Os cerca de quinze voluntários do projecto "Direito" formam equipas diárias e todas as noites saem para dar conforto e companhia às trabalhadoras da noite. O final de uma saída de rua traz o alento de missão cumprida e o aconchego de quem recebe tanto quanto dá. Segundo Eugénia "a ideia é ir lá e não só distribuir material informativo e preventivo, mas sobretudo estar com eles, dar–lhes apoio psico–social".

Por fim, "Carpe Diem" é o nome do projecto do último nível de prevenção que funciona como uma rede social de apoio domiciliário a pessoas seropositivas.

A base de todos os projecto é o sigilo e a confidencialidade e nas palavras de Eugénia "os voluntários são 'treinados' para isso". O primeiro contacto que os voluntários têm com a associação é no início do ano, durante as cerca de 30 horas que duram as acções de formação. No final destes cursos de iniciação cada voluntário pode escolher o(s) projecto(s) em que quer participar. A vice–presidente declara que a associação funciona, em Coimbra, à base do voluntariado: "Sem voluntários nós não fazemos nada, porque sem voluntários não podemos fazer todos os dias equipas de rua".

### A associação e as utentes

A sede da Novo Olhar é um apartamento perto de Coimbra B frequentado por voluntários e utentes. Encontram–se na cozinha que é aproveitada para uma espécie de sala de convívio onde bebem um café por entre palavras e uns cigarros. A sala da casa é mesmo uma sala, mas de reuniões. Segundo Helena Silva a função de profissionais e voluntários "não é tirar as pessoas da rua, quer sejam prostitutas ou toxicodependentes."

Logo aqui se gera uma relação de respeito e aceitação baseada na tolerância. O intento "é vincular uma mensagem preventiva da importância do uso do preservativo, de material de injecção segura e de cuidados básicos sanitários". Cria–se então um espaço em que as pessoas podem falar delas próprias e das suas coisas sem serem julgadas ou criticadas. As pessoas que se quiserem tratar são encaminhadas às estruturas de saúde mais indicadas.

A associação também possibilita aos seus utentes lavar roupa e tomar banho. Segundo Eugénia "é uma forma de os manter ligados à associação e que permite ter um acompanhamento quase diário do utente".

Uma noite a percorrer a Fernão de Magalhães

# feminina em Coimbra

## Na rua

Juntamente com dois assistentes sociais, a Helena e o João, A CABRA parte às dez da noite rumo à rotunda da Casa do Sal. A primeira paragem é debaixo do viaduto, junto de uma mulher que será aqui chamada Rita. Baixinha e de olhos muito expressivos, Rita anda nesta vida há cerca de dez anos. Relata o seu dia aos voluntários e não se incomoda minimamente com a presença de duas jornalistas desconhecidas. Sabe que estão a acompanhar os voluntários e portanto são benvindas. Sorri quando fala do filho de 11 anos, de quem sempre cuidou, e a sua voz altera–se quando se refere a uma qualquer situação menos agradável. A Rita não precisa de preservativos porque "isto está muito fraquinho" e ainda tem os que uma equipa anterior lhe deu.

Poucos metros à frente, uma morena, que se poderia chamar Patrícia, traz já o peso da idade nas costas. É prostituta há mais de 20 anos. De dia, trabalha em Santa Luzia, a caminho da Mealhada e, à noite, perto de Coimbra B. A Patrícia gostava de ajudar na reportagem, mas não pode falar muito e não quer que se mostre o gravador ou a máquina fotográfica. "O meu homem está por perto e anda muito chateado porque há dois dias que não há muito trabalho. Depois sou eu que pago quando chego a casa", explica. Assim seja. A conversa desenrola–se de forma natural, em frente a um stand de motas. Afirma que conhece todos os chulos de Coimbra e que não se deixa enganar, nem mesmo por aquele que ao passar parou para cumprimentar. Um rapaz novo e bem parecido está um pouco à conversa com o João. Entretanto, Helena e Patrícia sussurram acerca de um carro branco que passou e parou. De lá saiu um homem que foi ver a montra do stand. Um cliente? Talvez, mas parece ter sido dissuadido pela presença de quatro pessoas além da Patrícia. É melhor abandonar o local, mas antes há que encher a mala da Patrícia com uma quantidade impressionante de preservativos. A Patrícia explica: "Eu levo que é para depois também dar às outras". O caminho faz–se agora na direcção oposta.

Perto também de uma rotunda, apoiadas num carro, estão mais duas utentes da Novo Olhar. À terceira tentativa, uma entrevista em jeito de conversa com direito a gravador. Seja Ana a mulher que tem cinco filhos e foi avó aos 33 anos. A polícia anda muito perto, sempre para cima e para baixo, a rondar. Esta noite estão particularmente activos, mas segundo a Ana "eles só empatam, não chateiam muito". Há cerca de seis anos enveredou pela prostituição por causa dos filhos e, apesar de tudo, neste momento não tem nenhum consigo. A Ana tem uma história de vida muito complicada e neste momento partilha-a com dois homens. O seu marido, que não é pai dos seus filhos mas "é como se fosse", está preso por violação da liberdade condicional. "Um é meu marido e o outro é meu homem" explica. Ana pensou deixar esta vida "até antes de entrar nela". "Já tentei, procurei ajuda, mas não tive hipótese", afirma. No entanto, Ana diz que vai voltar a tentar, quando o marido sair da prisão. Ana não tem um local fixo de trabalho e nunca teve problemas com isso. "Eu corro a avenida inteira e nunca ninguém me quis correr daqui", comenta entre risos.

"Eles vêm cá dar preservativos, a gente conversa sempre um bocado e eles apoiam–nos em muitas coisas", refere Ana sobre o trabalho da Novo Olhar. Em questões de uso do preservativo, se o cliente não quiser, Ana é muito clara: "Não vou! Prefiro perder dinheiro do que arriscar a fazer sem preservativo. Eu trabalho dentro do carro, mesmo que não houvesse doenças era pouco higiénico".

A questão da legalização da prostituição deixou Ana um pouco irritada e levou-a responder abanando a cabeça: "Eu nunca ganhei para nenhum homem, vou estar a ganhar para o Estado? Isso é estar a chular–me. Eu estou–me a servir do meu corpo e eles estão a chular o meu corpo! Nem pensar!" É contra e apresenta alternativas: "Deviam era tentar tirar as mulheres da prostituição e não legalizá–la!"

Logo abaixo da estação velha, um centro comercial e um quartel de bombeiros servem de moldura ao "quadro Marta". Com 30 anos, Marta tem um companheiro há 16 de quem tem dois filhos menores. Há dois anos, porque não conseguia "sustentar a casa e os filhos com o ordenado mínimo" decidiu começar a prostituir–se. Marta e o marido, que está empregado num bar, partilham o mesmo local e horário de trabalho, só têm ocupações diferentes. Ele está sempre atento à sua mulher que está lá em baixo. Marta acrescenta que "se ele não soubesse o que faço eu não andava aqui". Talvez devido à sua posição no terreno, Marta tem "muitos estudantes" como clientes afirmando que "a semana da Queima foi muito boa" . No entanto, Marta confessa que "esta vida é imprevisível, há dias em que se trabalha bem e há dias em que não se faz nada".

Marta descreve como "maravilhosa" a relação que mantém com os membros da associação. "Eles são mais do que nossos amigos. Eles nunca vão embora antes de conversarmos um bocado. São pessoas que nos sabem compreender e que gostam de nós".

Nas palavras de Marta, a legalização da sua profissão "já ontem era tarde". Fala de "segurança, higiene, fazer descontos, ter uma reforma um dia mais tarde" como alguns dos benifícios. Talvez por sugestão de ideias, Marta lembra–se que já esteve muito bem na vida e recorda–se de quando passava na avenida e comentava com o seu parceiro: "tenho tanta pena destas miúdas. Eu era incapaz". E colmata confessando que "quando tens um filho atrás de ti a dizer 'mãe, tenho fome...' é muito complicado".

Mais 15 minutos de uma conversa animada sobre os dois agentes da polícia que vigiaram tudo a 10 metros de distância e Marta decidiu que ia mudar de sítio.

Depois das 23h30 já é difícil encontrar mulheres a trabalhar na rua, mas uma última tentativa, perto de um palácio e de um hotel, surtiu efeito. Escassos minutos depois do contacto estabelecido um carro de luxo aproximou–se. Era o companheiro da menina com cara de boneca que gostava de se chamar Catarina. Dois minutos até se certificar que estava tudo em ordem e mais dez para pôr a conversa em dia com os voluntários e o mesmo carro com o mesmo homem sombrio lá dentro afastou–se. E por uma qualquer razão desconhecida foi este homem que guardou a maior parte do material preventivo e de higiene que os voluntários forneceram.

Aos 20 anos, a Catarina já tem uma filha de dois anos e um passado nas drogas duras que há cerca de um ano a levaram às ruas da prostituição. Ao som do toque do telemóvel, Catarina confessa que pensa "muitas vezes em sair da vida, mas uma pessoa farta–se de trabalhar e ganhar um ordenado que mal dá para comer". A sua família "se não sabe desconfia, mas não é por isso que deixam de me dar apoio ou de gostar de mim". Digna de uma capa de revista, a Catarina tem alguns clientes estudantes, "mas não são os mais frequentes". Além disso, ela também trabalha em casa, mas aí o preço dobra.

De novo o telefone toca quando Catarina começa a dizer que os membros da associação "são espectaculares, são uns anjinhos". Ao falar das suas idas à sede para um cafezinho, o telefona volta a tocar, incessantemente. Da sede e das equipas, aproveita sempre também os preservativos porque "por mais dinheiro que me ofereçam está fora de questão fazer sem".

Antes de alguém lhe voltar a ligar comenta com os voluntários a história de uma outra utente da associação que tem andado desaparecida das ruas e que nem tem aparecido na sede. Entretanto, aproxima–se um carro que encosta à berma. Catarina ainda tem tempo para dizer que a legalização era a melhor coisa que se podia fazer: "Se em alguns países é legal, porque é que aqui não é?". O repto fica lançado.

Duante uma noite ouviram–se histórias de vida partilhadas entre utentes e voluntários que dividem momentos da mesma realidade. E se os voluntários agem pela prevenção do HIV/SIDA, constroem também amizades resultantes do seu trabalho. Trocam–se histórias de uma voluntária que foi ao casamento de uma prostituta e de tantas outras que intervêm em defesa das voluntárias quando os clientes as confundem.

A Avenida Fernão de Magalhães apresenta–se como um mercado de sexo, em que as vendedoras são mulheres comuns que, por necessidade, escolheram esta profissão. São mães que vendem os seus serviços à revelia dos seus sentimentos. São cidadãs que afirmam que agarraríam uma boa oportunidade para deixar a vida das ruas.

Rede sem fios: um novo conceito de internet

# Universidade em movimento

JONAS BATISTA

A rede wireless deve estar instalada em toda a Universidade de Coimbra já durante o próximo ano lectivo

**As universidades, assim como os alunos de todo o país, têm agora a possibilidade de aceder facilmente à internet, em qualquer lugar, através de um sistema wireless. Várias instituições já iniciaram o seu programa piloto**

LEILA CAMPOS

Um novo conceito de acesso à internet, a Universidade Electrónica (e-U), a ser realizado em parceria com as universidades está em progresso. Lançado em Janeiro, o campus virtual tem como objectivo a criação de serviços universitários online, a produção e partilha de conteúdos académicos e a criação de comunidades universitárias. Através de uma rede sem fios, que permite a transmissão de dados em banda larga, será possível ter acesso a aulas, artigos, trabalhos, notas, serviços e internet.

Para aceder à e-U é necessário ter um computador portátil equipado com tecnologia wireless, o que exige custos elevados. Assim, o campus universitário está em parceria com diversas marcas de computadores e bancos que facilitam a compra de um computador portátil, oferecendo possibilidade de crédito até cinco anos.

Várias universidades já aderiram aos projectos piloto. A Universidade de Coimbra (UC) encontra–se numa fase experimental, que está a decorrer no âmbito da iniciativa Campus Virtuais nas Universidades, da responsabilidade da Unidade de Missão e Inovação e Conhecimento. Segundo informações do Centro de Informática da Universidade de Coimbra, o programa piloto já está a decorrer nas instalações do Pólo II, prevendo–se que esteja a funcionar em toda a UC no decorrer do próximo ano lectivo.

No que diz respeito à instalação da rede wireless na Associação Académica de Coimbra, o responsável pelo sistema informático do edifício, o Centro de Informática da Associação Académica de Coimbra (CIAAC), ainda não tem qualquer informação acerca da instalação da rede sem fios.

A primeira universidade a aderir a esta fase inicial da e-U foi a Universidade de Aveiro, onde este projecto já se encontra em funcionamento na totalidade das instalações. Este sistema possibilita uma maior mobilidade, permitindo aos utilizadores aceder à informação em tempo real, velocidade e simplicidade de instalação. A flexibilidade da rede sem fios permite ainda chegar onde os cabos não permitem e, embora o investimento desta rede seja maior que os cablados, espera–se que traga benefícios a longo prazo.

Mais a norte, também na Universidade do Minho (UM) o conceito de universidade em movimento já mexe. Eloy Rodrigues, chefe dos Serviços de Documentação da UM é o responsável pela instalação da rede sem fios nas bibliotecas deste estabelecimento de ensino superior e afirma que a instalação está "a decorrer normalmente". Segundo explica, "o sistema encontra–se em funcionamento tanto nas instalações de Guimarães como em Braga" e "já há alguns alunos com acesso ao campus universitário virtual". Para já, o projecto piloto está só a funcionar em alguns complexos pedagógicos, bibliotecas e nos átrios da UM. No entanto, Eloy Rodrigues acredita que até ao final de 2004 todo o espaço universitário da UM tenha acesso à e-U.

A nível mundial, estima–se que até ao fim deste ano estejam já disponíveis mais de 24 mil "hot spots" - espaços de acesso que recorrem à tecnologia Wi–Fi - nos mais variados países, quadriplicando os valores actuais. Daqui a dois anos, esse número andará nos 118 mil pontos de acesso e prevê–se que os utlizadores do wireless sejam um "batalhão" na ordem dos 44 milhões de pessoas.

# Turismo espacial em concurso

**As viagens comerciais ao espaço podem tornar-se uma realidade dentro de pouco tempo. Pelo menos se a aeronave SpaceShipOne conseguir atingir os seus objectivos e vencer o prémio X-Prize**

EMANUEL GRAÇA

Sete anos após o seu lançamento, o prémio X-Prize, no valor monetário de 10 milhões de dólares (cerca de 8,9 milhões de euros), parece finalmente ter um vencedor. O nome da aeronave em questão é SpaceShipOne e pretende ser a primeira nave de passageiros privada a viajar no espaço.

Este galardão, instituido pela Fundação X-Prize, tem como objectivo premiar a criação de uma aeronave capaz de atingir uma altura de 100 quilómetros de altitude transportando uma tripulação de três passageiros e regressar à Terra em segurança, sendo capaz de repetir o trajecto no intervalo máximo de duas semanas. A fundação foi criada por um grupo de empresários de St. Louis que pretende dar o impulso inicial à indústria do turismo espacial e contrariar a noção de que este tipo de viagens está apenas ao alcance de multimilionários como Dennis Tito and Mark Shuttleworth e a preços a rondar os 17,9 milhões de euros.

Para já, entre as 20 equipas que se inscreveram no X-Prize, provindas de países como a Rússia, Reino Unido, Estados Unidos e Canadá, a SpaceShipOne, de origem norte-americana, parece ser a aeronave com maiores probabilidades de vitória.

Conceptualizada e construída pelo lendário designer aerospacial Burt Rutan, esta nave já realizou o seu primeiro vôo em Abril esperando-se para breve a primeira tentativa de entrada no espaço. Até lá, e durante as próximas semanas, serão realizados, primeiro, testes de resistência dos materiais e, depois, testes relativos ao funcionamento dos reactores. Espera-se que, quando completamente operacional, a SpaceShipOne proporcione aos seus tripulantes entre dois a três minutos de ausência de gravidade antes de reentrar na atmosfera terrestre. Tudo a preços em conta.

Investigadores portugueses financiados pelo estrangeiro

# National Geographic atribui bolsas

**Os cientistas portugueses ou os amantes da ciência podem contar com o apoio de bolsas atribuídas pela National Geographic Society para concretizar os seus projectos. Este tipo de financiamento visa a aquisição de um maior conhecimento do planeta**

VÂNIA CORREIA

Na semana passada no Pavilhão do Conhecimento, em Lisboa, foi apresentado o programa de atribuição de bolsas científicas no valor de 100 mil euros financiado pela National Geographic Society. As candidaturas a bolsas já estão abertas e são feitas através do site www.nationalgeographic.pt. Aqui podem também ser encontradas todas as informações sobre as normas do Programa de Bolsas.

Não é preciso ser cientista para apresentar uma candidatura, o importante é demonstrar a validade científica do projecto em questão. As bolsas serão atribuídas a candidatos de diversas áreas científicas que podem contar com a credibilidade e a disponibilidade de recursos da prestigiada instituição. Os trabalhos devem procurar oferecer ao país mais e melhor informação sobre o nosso planeta, assim como sobre as diferentes formas de o preservar.

As propostas apresentadas a concurso serão analisadas por cientistas e posteriormente submetidas a uma selecção. Esta fase de selecção será feita pelo cientista português Alexandre Quintanilha, presidente do Comité Permanente das Ciências da Vida e do Ambiente da Fundação Europeia para Ciência. O primeiro Programa de Bolsas terminará em Novembro, altura em que serão divulgados os primeiros bolseiros portugueses da National Geographic.

Esta iniciativa, para além do nosso país, abrange mais quatro países–piloto: Austrália, Nova Zelândia, Alemanha e México. O Comité para a Investigação e Exploração da National Geographic, ao longo dos seus 115 anos de existência, tem apoiado a comunidade científica mundial, tendo já financiado mais de sete mil projectos desde 1888 (ano de fundação da instituição).

Os pilares que regem a National Geographic Society - exploração, investigação, conservação e educação- têm norteado todos os bolseiros no desenvolvimento dos seus trabalhos. Ainda há muito para descobrir acerca dos enigmas que répresentam o céu, a Terra e o oceano.

Época com saldo positivo

# Secção de Futebol campeã

ZÉ MIGUEL

Secção de Futebol terminou a época no topo da tabela, cumprindo todos os objectivos a que se propôs

**A Secção de Futebol da Associação Académica de Coimbra sagrou–se campeã da I Divisão Distrital, ao vencer por 4-2 a equipa do S. Mamede. Depois de uma época marcada pela regularidade e pelos bons resultados, os responsáveis da secção vêm esta vitória como "a cereja no topo do bolo"**

JOÃO CORTESÃO

Depois de ter garantido a subida de divisão, a equipa da AAC apontou a conquista do título de campeã como objectivo a atingir. Com este objectivo em mente, a equipa passou por terras italianas onde participou num Torneio Europeu de Futebol Universitário que foi encarado como um estágio para a fase final que se aproximava. Já com os exames na cabeça, os estudantes chegaram à última jornada a necessitar de vencer para conseguir o título. Por sua vez, o S. Mamede apenas precisava de um empate para se sagrar campeão.

Depois de confirmada a vitória, é agora tempo de balanço da época que acabou e de preparação para o campeonato que se avizinha e que será bastante mais competitivo.

## Balanço positivo

Tiago Cardoso, presidente da Secção de Futebol da AAC, caracteriza esta época como bastante positiva: "A equipa cumpriu todos os objectivos, existindo até alguma surpresa porque no início da época não pensávamos sequer em ser campeões e em participar no campeonato europeu universitário". Tiago Cardoso considera esta vitória como "a cereja no topo do bolo" porque "o objectivo principal era mesmo a subida de divisão, já que o lugar desta equipa não é a Distrital...". No que diz respeito à próxima época, o dirigente não revela pormenores até porque "ainda é difícil avaliar as condições que iremos ter na próxima época, sobretudo no que diz respeito às entradas e saídas. Acima de tudo, vamos tentar colmatar as saídas que vão com certeza existir com a entrada de novos elementos que possam ser úteis no futuro." Para além de uma participação com melhores resultados na Taça da Associação de Futebol de Coimbra, Tiago Cardoso também revelou que vai existir uma nova participação no Torneio Europeu de Futebol Universitário, que se deverá realizar em Antuérpia. Apesar de a organização deste ano já estar praticamente atribuída, a direcção da secção continua a estabelecer contactos para conseguir uma possível organização no futuro.

## Oito anos de AAC

Por seu lado, Zé Miguel, jogador da secção há oito anos, afirma que "a subida de divisão era perseguida há já muito tempo" e que foi possível apenas com o "trabalho de todos os que estão na secção, mas também dos que por lá passaram e que contribuíram para esta vitória". Para o jogador, um dos principais problemas da secção é o facto de existir uma grande flutuação, quer no número de atletas quer na altura das épocas de exames, por exemplo.

Apesar das contrariedades, Zé Miguel afirma estar convencido que "será possível realizarmos uma época boa, como já fizémos no passado. Com os recursos que temos será mais difícil, sobretudo numa divisão em que existem muitas equipas a pagar bem aos seus jogadores". O principal objectivo vai ser a obtenção da manutenção o mais cedo possível "para não andarmos sempre com a corda na garganta". Apesar de a equipa não ter objectivos de subida, o avançado refere que "seria possível andar por aí perto se tivéssemos mais recursos, sobretudo no que diz respeito aos apoios".

No que toca às alterações para a próxima época, o reforço do espírito de grupo é uma das mudanças que mais se impõem, tal como "uma maior responsabilização dos jogadores, que muitas vezes não se sentem obrigados a comparecer aos treinos e aos jogos, facto que condiciona o rendimento da equipa.

Quanto à passagem por Roma, para participar no Torneio Europeu de Futebol Universitário, Zé Miguel refere que "esta participação foi importante para perceber um pouco o modo de funcionamento desta competição". E remata: "No próximo ano, se conseguirmos arranjar apoios, penso que vamos ter um projecto mais sério".

BOLA AO AR
JOÃO CORTESÃO

# Sofrimento e festa

Depois de uma época (mais minuto, menos minuto) a fazer contas, a Académica conseguiu a tão ambicionada manutenção. Foram semanas a fio de contas a salários de jogadores, resultados desportivos, relatórios de contas e processos eleitorais.

Nesta altura, já com a consciência mais relaxada, muitos referem que a manutenção tem um sabor especial pelo facto de ter sido conquistada com tanto sofrimento. Não tem.

Depois de termos assistido à invasão do Municipal Sérgio Conceição por parte daquele que é provavelmente o melhor público do futebol português, muitos entraram nos carros e tentaram levar a festa a toda a cidade. Algumas horas depois as buzinas ainda preenchiam o frio da noite chuvosa... Os carros continuavam a passar, sem ter um ponto de referência. A festa morreu onde começou: no Municipal Sérgio Conceição.

Na mesma tarde em que o Organismo Autónomo de Futebol conseguiu a manutenção na Superliga, a equipa da Secção de Futebol sagrou–se campeã da I Divisão Distrital, depois de já ter garantido a subida há algum tempo. A equipa que muitos consideram ser "a verdadeira Académica" voltou a jogar fora de casa, em mais um jogo disputado no Estádio Universitário, talvez devido à concorrência que se fazia sentir no Municipal, em Taveiro. Apesar da falta de calor humano, os estudantes venceram por um expressivo 4-2 e carimbaram o título de campeões.

"Será que Artur Jorge vai conseguir chegar ao final da época?"

Ironicamente, ambas as equipas decidiram comemorar a vitória no mesmo restaurante, uma no andar de cima, outra no de baixo. Numa noite de festa, esta coincidência não passou disso mesmo. Mais tarde, os jogadores voltaram–se a encontrar e passámos a ter apenas uma Académica.

Neste momento, ambas as equipas pensam na próxima época, com contratações à medida das suas capacidades e necessidades. Como seria de esperar, o OAF começou mais cedo, com vários nomes a serem já confirmados, numa dança estranha de saídas e entradas. No que diz respeito aos treinadores, é de salientar a surpresa que representou o adeus de José Viterbo à Académica. Depois de vinte anos no clube, esta saída apanhou desprevenidos todos os que acompanharam o percurso da Académica B.

Por outro lado, Artur Jorge parece disposto a fazer mais coisas bonitas em Coimbra. Mesmo sem conseguir gerar consenso dentro do grupo de trabalho, o treinador que chegou a Coimbra a meio da época passada deverá continuar a orientar a Briosa. Numa altura em que existe uma aposta clara na formação, as pergunta impõem–se: Será que estas são as opções de um clube com futuro ou de um grupo de pessoas paradas algures no processo de evolução do futebol? Será que Artur Jorge vai conseguir chegar ao final da época aos comandos da Briosa?

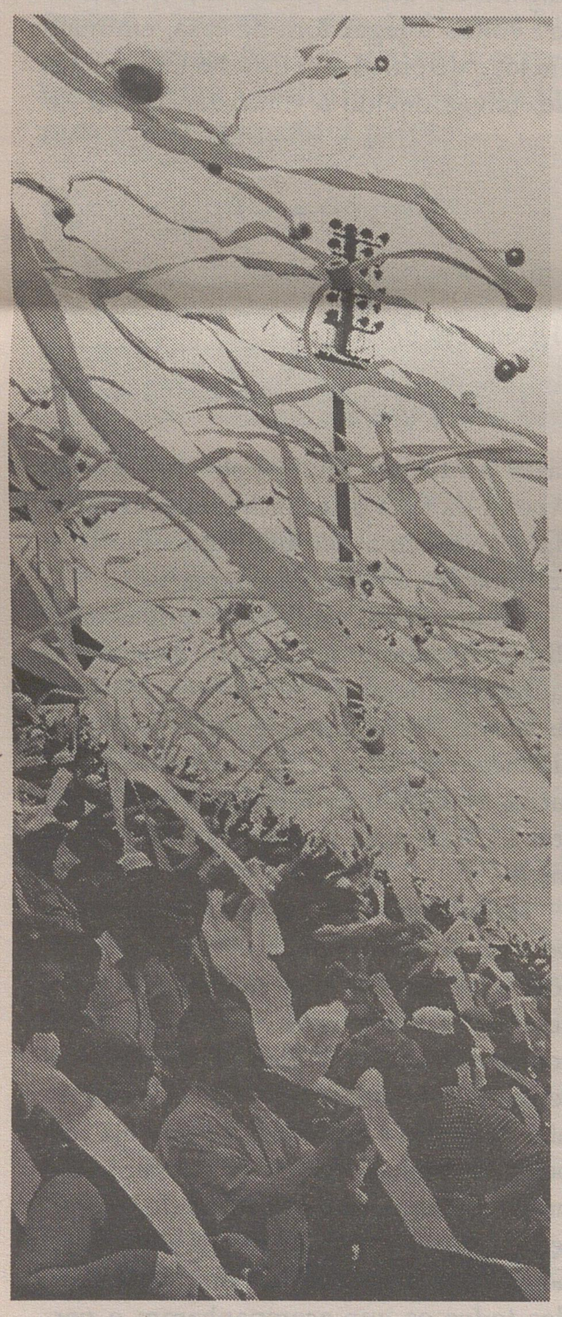
Após uma época difícil, a Académica consegue a manutenção

# Depois do sofrimento... uma vitória saborosa

**Mais de oito mil pessoas presenciaram a vitória da Académica no Estádio Municipal Sérgio Conceição. Muitas mais foram as que passaram os 90 minutos mais longos da época agarrados ao rádio e à máquina de calcular. No final... um suspiro de alívio. A Académica conseguiu a manutenção na Superliga**

TEXTO: JOÃO CORTESÃO
FOTOS: FRANCISCA MOREIRA
CLAÚDIO VAZ

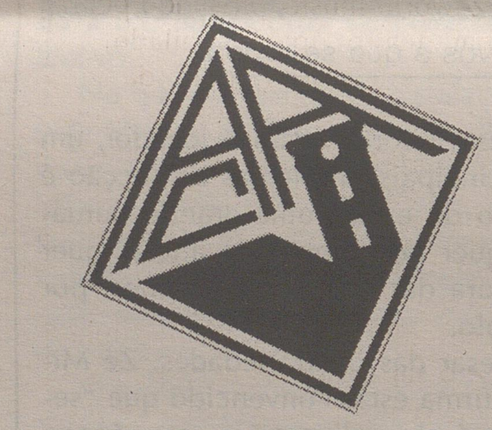
As contas, já se sabia, não eram fáceis. Mesmo assim, o público e a Mancha Negra responderam ao apelo da direcção do clube e compareceram em peso para ajudar a Briosa a conseguir a tão ambicionada manutenção. Num jogo em que o nervosismo/calculismo matou o espectáculo, as poucas jogadas de perigo eram vividas com a intensidade de uma final da Liga dos Campeões. Afinal de contas, era o esforço e o trabalho de toda uma época que estavam em campo.



## Ambiente de festa

Ainda faltam duas horas para o jogo mas já se encontram várias centenas de pessoas nas imediações do Municipal Sérgio Conceição. O ambiente é de festa, com direito a barracas de cachorros e farturas, bancas de pevides e várias bicas de cerveja que serviam mais para esconder o nervosismo do que para matar a sede. As bandeiras e os cachecóis pretos contrastavam com o colorido dos panfletos publicitários que eram distribuídos aos milhares. Já dentro do estádio, o adjunto Raul Águas mostrava-se tranquilo e afirmava não levar nenhum rádio para o banco: "Se a informação vier, é de fora" declarou, com um sorriso nos lábios. Com o decorrer da partida compreendia-se o significado deste sorriso, já que as bancadas de Taveiro vibravam a cada golo que era marcado nos jogos que entravam nas contas da Briosa.

São quatro da tarde. A Mancha Negra começa a apresentar o resultado de todo o trabalho que foi feito para este jogo: uma chuva de rolos de papel, lançados de todas as cadeiras do estádio, felicita a entrada dos jogadores ao mesmo tempo que vai contribuindo para o atrasar do encontro. Fumo de várias cores cobre toda a central, enquanto se grita Briosa. Estão reunidas as condições para uma tarde de festa.



## Noventa minutos

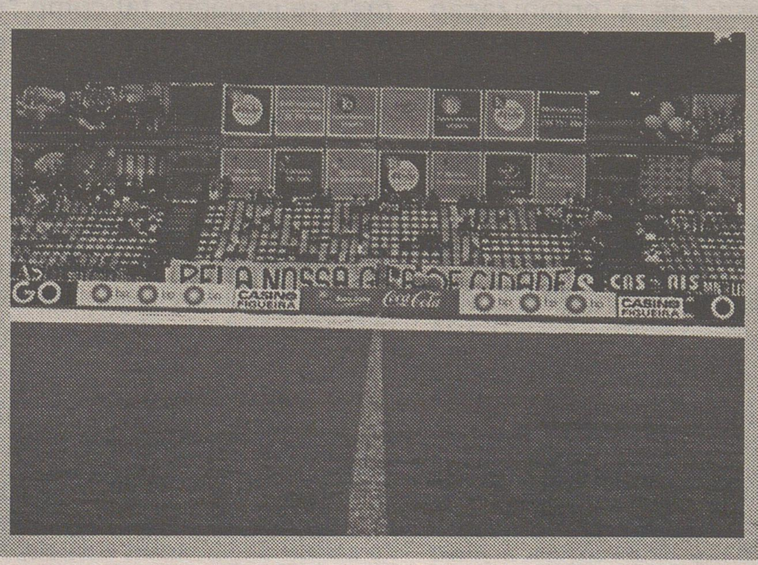
A Académica dá início à partida e mostra mais vontade de ganhar. Fora do estádio, cada vez mais pessoas assistem ao jogo a partir dos terrenos circundantes. As jogadas de perigo junto à baliza do Braga sucedem-se, mas todos os olhares estão na central: cerca de vinte elementos do corpo de intervenção entram no estádio e colocam-se em frente à claque da Académica para prevenir uma possível invasão de campo. Pouco depois as atenções regressam ao terreno de jogo, mesmo a tempo de assistir a um grande golo de Paulo Adriano, que coloca a Briosa em vantagem e os cardíacos em risco de vida.

Minutos depois, o silêncio impõe-se, apenas sendo quebrado no final da primeira parte, quando o Santa Clara chega ao golo. Pouco tempo depois tem lugar a entrada em campo mais insólita da tarde: um cão percorre todo o relvado perante o olhar estupefacto de jogadores e público. Isidoro Rodrigues ainda tenta apanhar o animal, mas depressa desiste...

Na segunda parte, o jogo mudou pouco, com as equipas a jogarem sem arriscar muito mas a criarem situações de perigo nas duas balizas. Nas bancadas as contas sucediam-se, tal como as manifestações de alegria/tristeza provocadas pelas alterações dos outros resultados. Com o aproximar do final do jogo, a ansiedade aumentou até culminar numa grande explosão de alegria.

## A festa

Depois do apito final, apenas foram necessários alguns segundos para que todos os jogadores estivessem dentro do túnel de acesso aos balneários. Dentro do relvado, milhares de adeptos faziam a festa enquanto procuravam uma recordação para levar consigo. Já no balneário, o champanhe substitui as bebidas energéticas e o banho é obrigatório. Por entre abraços e beijos ouve-se um FRA. Afinal ainda existem equipas diferentes na Superliga...



Percussões vão animar Jardim da Sereia e Museu dos Transportes

# Batidas em português

D.R.

O grupo feminino "Tucanas" é uma das atracções do Festival de Percussão Coimbra 2003

**Em Junho, Coimbra vai estar sob o ritmo dos tambores. Músicos e grupos portugueses de vários géneros musicais vão mostrar o que de melhor se faz no âmbito das percussões nacionais**

JOSÉ MANUEL CAMACHO

Realiza–se entre os dias 16 e 28 deste mês, no Jardim da Sereia e no Museu dos Transportes, o Festival de Percussão Coimbra 2003, uma organização da Coimbra Capital Nacional da Cultura. O evento contará com alguns dos mais originais agrupamentos musicais lusitanos.

A abrir o festival no renovado Jardim da Sereia vão estar os consagrados Gaiteiros de Lisboa. O grupo, que já conta com 13 anos de existência, iniciou o seu percurso em torno da música tradicional portuguesa e galega para gaita–de–foles. O respeito pela tradição não impede a novidade e a busca de novas sonoridades, como demonstram os últimos álbuns, onde a criatividade dos músicos despontou para a construção de instrumentos originais. É de esperar a presença dos "tubarões", instrumento de percussão composto por tubos e do "tambor de cordas", uma adaptação de um instrumento medieval.

Pedro Carneiro, um dos raros percussionistas a solo portugueses, entra em palco dia 17, no Museu dos Transportes. A sua criatividade e virtuosismo já lhe granjearam vários prémios e a colaboração regular com diversas orquestras como a London Mozart Players e a Orquestra Sinfónica Portuguesa.

Na noite seguinte é a vez dos Djamboonda animarem o público do Jardim da Sereia com os ritmos e as danças dos seus bailarinos, que entrecruzam a cultura africana com influências de outras partes do mundo.

A noite de 19 Junho vai pertencer literalmente às mulheres. As Adufeiras de Monsanto, as Netas de Bibinha Cabral e as Tucanas vão proporcionar concertos de percussão no feminino. As Adufeiras praticam o som mais tradicional através do toque do adufe, enquanto as Netas de Bidinha Cabral pisam o palco apoiadas nas cantigas de batuque de Cabo Verde. Para fechar a noite, as Tucanas mostram os seus dotes vocais e instrumentais através de uma forte componente cénica. Autoras e compositoras dos seus temas, a originalidade mostra–se em todo o tipo de objectos que criam ou usam para tocarem, como por exemplo bidões e cabaças. Na noite do dia 20, Quiné tem a função de animar a solo o Museu dos Transportes. O concerto rondará o seu trabalho "Da Cor da Madeira", que mistura os ritmos da percussão com os da electrónica.

Depois de um interregno de quatro dias, os Tim Tim por Tim Tum estarão em palco duas noites, com as suas baterias jazz. Os músicos não se ficarão por aqui, já que a sua filosofia é de tocar qualquer objecto que produza som, onde a improvisação é a nota dominante.

Na noite seguinte haverá um espectáculo híbrido proporcionado pelos Drumming. O repertório do grupo assenta em vários géneros musicais, que vão desde a percussão erudita, ao rock–jazz–world music, passando pela música para teatro, ópera e bailado.

O festival encerra no Jardim da Sereia, com espectáculos dos Ó Que Som Tem? e dos Wok. Se os primeiros apostam no papel preponderante da energia das percussões, os Wok prometem um espectáculo teatral e humorístico em que os tambores tradicionais portugueses se conjugam com a luta de paus e o sapateado. A acompanhá–los estará o veterano percussionista Rui Júnior.

O Festival de Percussão Coimbra 2003 visa, segundo Carlos Alberto Augusto, responsável pela programação musical da capital da cultura, "dar conta do considerável progresso que a percussão está a ter em Portugal". Sem querer destacar nenhum grupo, Carlos Alberto Augusto ressalta "a qualidade e a variedade dos músicos, reconhecidos a nível nacional e internacional".

# Descobrir novos imaginários teatrais

**O Teatro Académico de Gil Vicente recebe hoje e amanhã uma aposta criativa do Trigo Limpo teatro ACERT. "Labirinto dos Sonhos" é um desafio aos moldes tradicionais das artes do palco e uma tentativa de explorar linguagens diferentes**

DIANA RAMOS

Ventura é um menino que não quer dormir porque não é capaz de sonhar. Até ao dia em que, ao ler um livro de contos, adormece e inicia a aventura pelo "Labirinto dos Sonhos". Este é o ponto de partida para uma produção diferente no teatro português: escrita por Pepe Séndom, autor galego, teve uma primeira versão em CD–ROM, que é agora adaptada para o palco.

No formato digital, trata–se de um musical de animação a três dimensões que tenta reproduzir, através da interactividade com o utilizador, uma estrutura labiríntica. Quando adaptada para o teatro, esta é, para o encenador José Rui Martins, "uma história que conta como os sonhos podem ser em cada um de nós como uma cebola", ou seja, quando se tira uma casca há outra dentro dela, num permanente entrecruzar de acontecimentos. Para José Rui Martins, "a magia que tem hoje a linguagem três dimensões" foi transposta para uma outra magia: "O palco e a relação directa com o público que transmite o mesmo fio condutor da história".

"No teatro como na vida, o importante não é saber se atingimos o fim do labirinto, mas a vontade que temos em percorrer, com ousadia, o percurso que o compõe". Este é o mote lançado pelo responsável pela encenação de uma abordagem teatral integrada no programa "Em Torno do Dia Mundial da Criança", da responsabilidade da Câmara Municipal de Coimbra. E porque, segundo José Rui Martins, "a criação artística não é mais do que o passar de um conjunto de sinais de paixão para a linguagem da comunicação", o principal objectivo da companhia Trigo Limpo teatro ACERT está voltado para que "o espectador sinta o mesmo prazer que nos levou a realizar o espectáculo".

"És Tu Zé? + Valsa Lenta 03"

# Dança ou evocação do eu

**Sons, cores e movimento são apenas alguns dos ingredientes do espectáculo "És Tu Zé? + Valsa Lenta 03". Num ambiente de constante reconstrução do eu, os espectadores vão poder aplaudir–se**

MARGARIDA MATOS

Nos próximos dias 18 e 19 de Junho vai ter lugar no Teatro Académico de Gil Vicente, o espectacúlo "És tu Zé? + Valsa lenta 03". Este trabalho é uma co–produção do grupo Sinopse e da Coimbra Capital Nacional da Cultura. O evento é o resultado de aproximações que o coreógrafo José Laginha fez à obra "De Profundis, Valsa Lenta", de José Cardoso Pires, que versa a inadaptação do sujeito face ao mundo.

O projecto assume uma vontade clara de comunicação: mistura imagens (filmes e pinturas), sons, textos, frases e citações. José Laginha realça o importante papel conferido ao público, que permite "uma constante reconstrução dos múltiplos sentidos abordados no espectáculo".

A banda sonora persegue o espectador desde o início ao fim, numa tentativa de aproximação a um universo sonoro muito próximo da estrutura do pensamento obsessivo do livro de José Cardoso Pires. O próprio cenário é construído de forma a acolher o desnorte de todos os intervenientes.

"Valsa lenta 03" é uma instalação de vídeos construída a partir de um trabalho de Paulo Scavullo. É na passagem de " És tu Zé ?", primeira parte do espectáculo, para "Valsa Lenta 03", que Scavullo recupera o universo da rádio dos anos 60/70. Tudo muda, desde as cores, os cheiros, a música, o espaço, os intérpretes e os espectadores. Estes convertem–se em elementos da instalação e é abolido o estatuto de observador. Quem esteve em palco ocupa depois o lugar convencionado para a audiência e actua em todo o espaço.

No final, visiona–se o filme "Longe daqui tudo isto parece um circo", onde o público se observa e aplaude a si próprio. O filme resulta da captação de imagens, por uma câmara oculta, durante os três últimos minutos de "Valsa Lenta 03".

# "A cultura não é, de certeza, uma priorida-

**É músico, mas desde 1999 está à frente de um dos projectos mais polémicos e ao mesmo tempo mais emblemáticos da cultura nacional, a Casa da Música no Porto. Cerca de seis meses após o início da Coimbra 2003, Pedro Burmester fala da capital da cultura e de um ministério com falta de "protagonismo"**

JOÃO VASCO

Numa prolongada conversa, o ex-programador musical da Porto Capital Europeia da Cultura fez o rescaldo daquilo que o evento de 2001 representou para a cidade do Porto e para o país. Em tom frontal, directo e decidido, Pedro Burmester abordou ainda a polémica das verbas que envolvem a estrutura a que preside, a Casa da Música, os atrasos na construção e as "visões politizadas" que afectam grande parte dos projectos culturais portugueses.

**Apesar de já terem passado dois anos sobre o Porto Capital Europeia da Cultura, a iniciativa marcou o panorama cultural da cidade. O que é que a capital europeia da cultura trouxe de novo ao Porto?**

*Trouxe de novo o desafio.* Acho que as cidades precisam de desafios para avançarem, para darem saltos qualitativos. E o Porto 2001 foi um grande desafio.

> **"A cultura com o PS viveu um protagonismo grande, graças a Manuel Maria Carrilho"**

## Trilhos musicais

Pedro Burmester nasceu no Porto, em 1963. Iniciou a sua actividade musical aos dez anos de idade e, desde então, já realizou mais de 500 concertos - a solo, com orquestra e integrado em diversas formações de música de câmara. Frequentou o Curso Superior de Piano no Conservatório do Porto, terminando-o, decorria o ano de 1983, com a classificação máxima. De seguida, rumou aos Estados Unidos da América onde frequentou diversos cursos de aperfeiçoamento com pianistas como Karl Engel, Vladimir Ashkenasy, T. Nocolaiewa e E. Leonskaya. Em 1987 regressa a Portugal e, desde então, mantém um duo com Mário Laginha, que, para além de inúmeros concertos, deu origem ao disco Duetos, gravado ao vivo no Centro Cultural de Belém, em 1993. A sua discografia inclui 4 cd's a solo com obras de Bach, Schumann, Schubert e Chopin, três gravações com a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a integral das Sonatas para Violino e Piano, de Beethoven, e a obra "The Circle of Life", de Schubert, gravada a 4 mãos com Alexei Eremine. Em 1999 foi convidado a fazer parte da comissão instaladora da Sociedade Porto 2001, tendo sido programador musical da capital cultural portuense e responsável pela Casa da Música, função que ainda hoje mantém.

Depois, penso que o balanço que se faz hoje é injusto. Existe a ideia de que o evento correu mal, causou incómodos à vida das pessoas, de que não ficou nada no pós-2001. É uma avaliação injusta e a meu ver vai ser revista daqui a uns anos. O que aconteceu é que não se pegou naquilo que foi bom em 2001. Tem-se uma visão do Porto que não faz justiça às capacidades que a cidade tem.

**Mas essa visão é das pessoas do Porto?**

Essencialmente das pessoas do Porto.

**Acha que o país também tem essa ideia?**

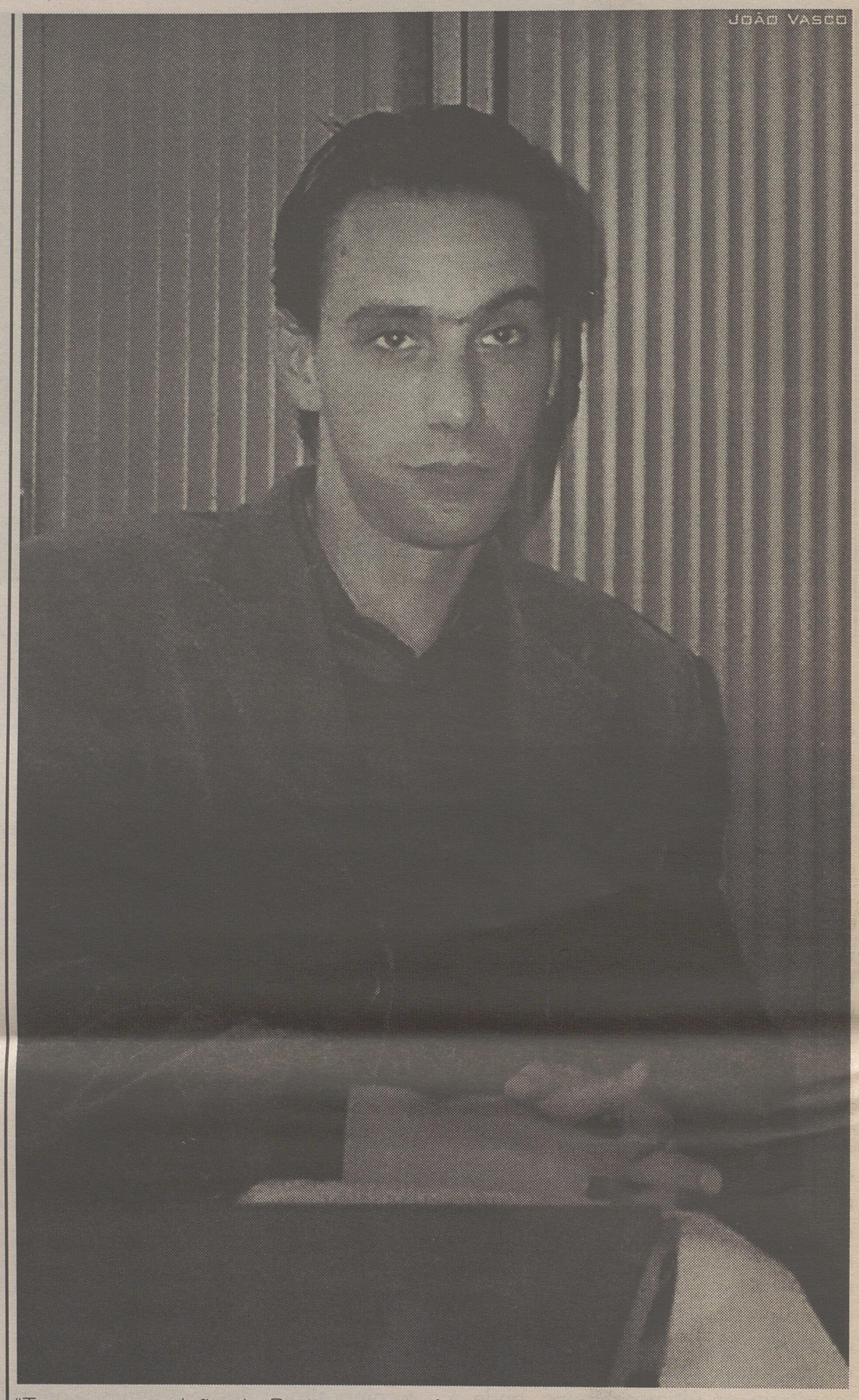
Tem. Infelizmente! Faz parte da pouca avaliação nacional que se fez sobre o Porto 2001.

**Foi uma das coisas que falhou no evento?**

Não. Acho que quem tinha de aproveitar era a cidade e a região do Porto. E aproveitou! Podia ter-se feito melhor? Podia. Podia ter-se planeado as coisas com mais tempo? Era difícil, porque a decisão foi tomada muito em cima da hora. Agora, *ficaram espaços culturais importantes renovados:* o Museu Soares dos Reis, que já lá estava há não sei quantos anos e finalmente acabou a obra; o Centro Português de Fotografia na antiga Cadeia da Relação, que tem hoje excelentes condições; e, obviamente, a mais importante e emblemática de todas, a Casa da Música - que está em construção e que vai ser um ícone da cidade e uma mais-valia importante para o país. Depois, houve o acto efémero - uma série muitíssimo grande de iniciativas culturais. As pessoas foram ver os eventos nas suas variadíssimas vertentes e a grande maioria gostou do que viu. A minha avaliação é, de facto, positiva e acho que vai ser feita essa leitura quando passar um bocadinho a visão politizada do Porto 2001.

**O que quer dizer com "visão politizada"?**

Foi uma iniciativa do PS. Agora estamos com o PSD. Em Portugal há constantemente esta lógica de que "o que o outro fez estava mal e o que eu vou fazer é que está bem". Quando passar esta visão política do Porto 2001, estou convencido de que esse balanço vai ser positivo. Isto não invalida que se diga que se cometeram erros. Não se deviam ter feito tantas obras em tão pouco tempo. Devia ter-se agarrado o financiamento para que se fizessem uma ou duas realizações muito bem feitas em termos de espaço público. Porque as obras em excesso atrapalharam a vida das pessoas. E a visão muito negativa do Porto 2001 vem daí. A cidade estava caótica.



JOÃO VASCO

"Tem-se uma visão do Porto que não faz justiça às suas capacidades"

## Desentendimentos capitais

**O relacionamento da sociedade Porto2001 com a Câmara Municipal do Porto (CMP) de então, cujo edil era o engenheiro Nuno Cardoso, não foi sempre o melhor. Como recorda esses desentendimentos que se foram dando? Eles prejudicaram o normal funcionamento da iniciativa?**

É evidente que sim! (pausa) Fazia sentido que a CMP e a Porto2001 estivessem em sintonia. Infelizmente isso não aconteceu. Acho que às vezes isto tem que ver com eventuais protagonismos, com uma posição política que nem sempre é a mais correcta. A professora Teresa Lago tinha uma completa obsessão pela correcção. Nada que ela achasse que não fosse correcto, aceitava. Evidentemente que a lógica política tem outras nuances. Digamos que faltou a Teresa Lago o encaixe da lógica política e faltou a Nuno Cardoso sair dessa lógica política e pensar mais no evento em si. A cidade perde muito tempo em guerrilhas deste tipo que só servem para prejudicar a sua própria imagem. A questão entre Pinto da Costa e Rui Rio é outro exemplo. Para o mal do Porto e do país!

**Com a chegada de Rui Rio à câmara verificou-se uma mudança na política cultural da cidade. Menos verbas, um novo vereador, novas formas de pensar a cultura. Rui Rio defende o conceito de "gosto médio", capaz de chegar a todos os cidadãos. Como tem visto a actuação de Rui Rio? O "gosto médio" faz sentido?**

Falta, neste momento, no Porto, uma política cultural. No âmbito do elenco autárquico, devia ter sido dito: 'A nossa política cultural é esta'. Podia ser um tipo de acções diferente das anteriores, para outros públicos. Mas nunca se ouviu falar em estratégia nenhuma. O que há são opiniões. E, geralmente, opiniões do presidente da câmara. Eu nem conheço as opiniões do vereador da cultura. Tem es-

Pedro Burmester - a voz do pianista

# de do nosso país"

tado completamente apagado neste processo. Nós sabemos que ele existe e que está lá, mas pouco para além disso. Quanto ao "gosto médio", não sei o que isso quer dizer. O meu "gosto médio" é um, o seu é outro, o do Rui Rio é outro...

## "Cultura perdeu importância"

**Começou por fazer parte da comissão instaladora da sociedade Porto2001, passando depois a programador da área da música e a principal responsável pelo projecto Casa da Música (CM). Com o fim da capital da cultura acaba por ficar sozinho à frente deste barco? Houve pessoas que o "traíram" ao longo deste longo período?**

Ninguém me traiu, porque eu nunca fui atrás de lealdade política. As pessoas convidaram–me e eu aceitei. Sou uma pessoa muito frontal e correcta no relacionamento que tenho com os políticos e, portanto, não lhes peço favores nenhuns! Sinto–me mais isolado na medida em que a cultura neste momento não é uma prioridade no Porto. A cultura não é, de certeza, uma prioridade do país. Agora, confiamos na capacidade do projecto, na força e no potencial que ele tem e acho que na hora certa vai aparecer um suporte político forte.

**Presumo que se sinta preocupado com os cortes orçamentais na área da cultura?**

Estamos todos preocupados. Vão sempre haver alturas economicamente mais desfavoráveis e os projectos vão ter que saber gerir essas situações. Será fundamental para a CM ter uma estabilidade financeira, procurar ir buscar receitas próprias. Compete–nos a nós fazer esse trabalho e procurar soluções. Mas, em épocas mais difíceis não haverá outra hipótese senão a de fazermos menos coisas.

**De uma maneira global como tem visto a actuação de Pedro Roseta à frente do Ministério da Cultura?**

Herdou uma situação de alguma maneira difícil. A cultura com o PS viveu um protagonismo grande, graças a Manuel Maria Carrilho. A cultura passou a fazer parte da actualidade política. Houve um investimento forte nas infra–estruturas culturais. Se bem, se mal, não interessa. O que interessa é que aconteceram. Portanto, ele herdou um ministério que tinha protagonismo e Pedro Roseta não é uma pessoa de protagonismo. A cultura perdeu importância em termos políticos. Isso é prejudicial. As coisas quando têm peso político têm também peso económico e ganham importância na opinião pública. A avaliação que eu faço dele é excelente enquanto pessoa, infelizmente não muito activo enquanto ministro.

## Erros de cálculo

**Inicialmente, em 1999, a Porto2001 previa que se gastassem cerca de três milhões e meio de contos no projecto da Casa da Música (CM). É sabido que o dinheiro gasto vai ultrapassar em muito essa quantia. Pode falar–se numa grande derrapagem orçamental? Qual o valor total estimado para a obra?**

Em 1999, havia uma proposta para a construção da CM no antigo Cinema Batalha e fez–se uma estimativa com base nesse pressuposto. E esses três milhões e meio de contos eram respeitantes àquela área. Quando se lançou o concurso para o projecto no local actual, foi estipulado um montante máximo na ordem dos seis a sete milhões de contos. Desde logo, houve aqui um erro. O que passa para fora é que os valores dispararam. Mas, esses três milhões e meio eram para o projecto noutro local. Posteriormente, houve a necessidade de aumentar consideravelmente a área do edifício, o que voltou a inflacionar os custos. Neste momento, a previsão que temos e vai ser muito próxima do que vai acontecer, rondará os 13, 14 milhões de contos. No final, se verificarmos a relação qualidade/preço, vamos ver que será bastante razoável. O erro está em ter–se feito mal os cálculos e avaliado mal a situação.

**Quais foram as principais fontes de financiamento?**

Essencialmente dinheiros da União Europeia, com a comparticipação nacional.

**E para a área da programação?**

Nada está ainda definido. Estou convencido que os apoios virão maioritariamente do Estado. Não temos, infelizmente em Portugal, a capacidade de que os capitais investidos sejam privados. Devíamos caminhar para situações onde pudéssemos ter mais capital privado e menos capital do estado nos projectos culturais. Mas isso vai acontecer lentamente. Na situação actual, o dinheiro terá que vir principalmente do estado.

**"A partir de Setembro de 2004 a Casa da Música estará a funcionar"**

**E, agora, a pergunta sacramental. Quando vamos ter mesmo a CM a funcionar?**

Em 2004. Vamos ter a primeira temporada a funcionar, seguramente, em Setembro de 2004. Quando é que ela vai oficialmente abrir é uma decisão política que ainda não está tomada.

## Coimbra deve exigir mais

**Este ano Coimbra é a primeira capital cultural do país. Acha que a cidade tem sabido responder a esse desafio?**

Não sei precisar porque não estou lá. Acho, essencialmente, que quem tem de saber responder é a própria cidade, os próprios consumidores desse evento...

**Mas sente que a mensagem tem chegado ao país?**

Acho que toda a gente sabe que Coimbra este ano é capital da cultura. De certeza que é muito bom o que está a acontecer em Coimbra. É preciso é que a cidade saiba agarrar aquilo que sai de positivo desta experiência. Vai ter de ser Coimbra a exigir mais, como o Porto o devia ter feito.

**Com o actual formato, a ideia das capitais nacionais da cultura tem pernas para andar?**

Se houver financiamento adequado, tempo para se preparar e se "obrigar" as cidades a definirem claramente aquilo que querem com esse investimento, não há dúvidas que sim.

**Faz todo o sentido autonomia administrativa e financeira. É isso?**

Sim. Para quem faz é melhor. Deve haver autonomia financeira e administrativa, mas obviamente com controlo.

**O que pensa da programação da Coimbra2003? Em termos globais e, mais especificamente, em termos musicais?**

Parece–me, para já, que há uma preocupação com a qualidade. Não conheço suficientemente bem Coimbra para dizer se a programação está ajustada à realidade da cidade. Não sei se devia complementar esta programação com projectos mais acessíveis. Eu sei que tem qualidade, não consigo avaliar se tem resposta em Coimbra. Se tiver, está muito bem.

"Acho que toda a gente sabe que Coimbra este ano é capital cultura"

**Existe uma possível comparação entre uma Porto2001 e a Coimbra2003?**

Existe. Ambas são iniciativas de âmbito cultural e pretendem deixar marcas nas cidades. Há uma diferença que pode ser boa ou não para Coimbra, que é não ter de fazer obras. Se calhar precisava! Oiço dizer que são necessários espaços culturais, por exemplo. Como estava a dizer há pouco, para haver capitais da cultura é preciso haver investimento. Há só uma diferença de tamanho das coisas. No Porto o investimento foi muito maior, mas o carácter das coisas é parecido.

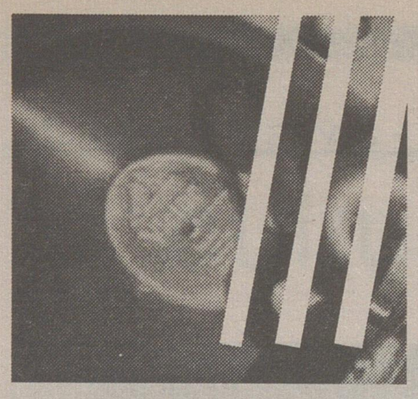
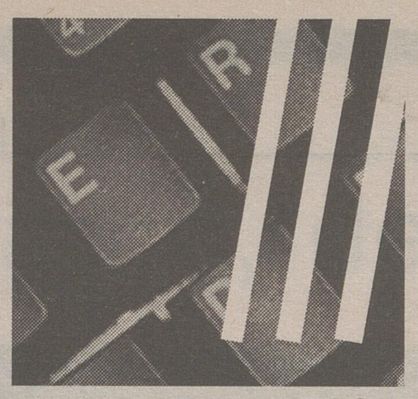
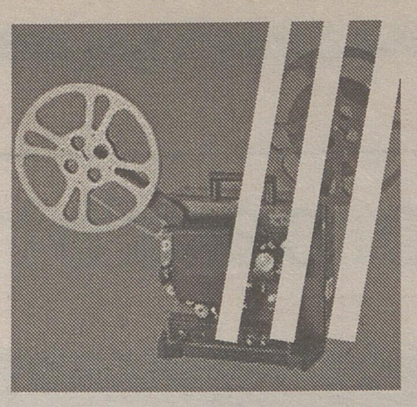
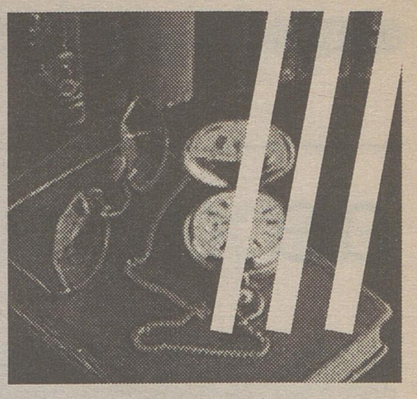
## Ping–pong

**Rui Rio?**
Prometia muito mais do que eu aquilo que se tem vindo a verificar. É um homem capaz, mas com visões pequenas para uma cidade que tem mais potencial do que ele imagina.

**Teresa Lago?**
Corajosa, correctíssima e fundamental para o projecto Porto 2001. Dificilmente alguém pegaria na Porto 2001 naquelas circunstâncias.

**Nuno Cardoso?**
Tem uma qualidade que eu gosto: é um fazedor. Gosta de fazer as coisas e é ambicioso. Isso é importante. O Porto precisa desse tipo de carácter. Espero que, se voltar, tenha aprendido com os erros.

**Abílio Hernandez?**
Não o conheço muito bem, mas parece–me uma pessoa muito competente, muito confiante e sabedora do que está a fazer. É um homem com convicções. Isso é importante para se liderar um projecto.

## Vê-se

### "The Matrix Reloaded", realizado por Andy e Larry Wachowsky

GUSTAVO SAMPAIO

Para quem viu o filme original ("The Matrix"), assistir à sequela intitulada "The Matrix Reloaded" é um verdadeiro choque! Não só pela espantosa evolução tecnológica ao nível dos efeitos visuais que permitem a este novo filme romper ainda mais limitações criativas mas, sobretudo, pela total transfiguração do argumento original para uma forma de escrita inócua, repetitiva, muito pouco convincente e desprovida de qualquer tipo de originalidade ou inovação, estragando todo o brilhantismo ideológico conseguido no primeiro filme. Enquanto que o filme original questionava a nossa própria percepção do mundo, reflectia sobre a origem da vida ou punha em causa o modo como nos posicionamos na sociedade, fazendo–nos pensar profundamente para além de todos os subterfúgios dos efeitos especiais já então utilizados de uma forma massiva, com muita violência e destruição à mistura (condimentos essenciais para o sucesso comercial), esta segunda parte menospreza a dimensão metafísica e filosófica do argumento em função de uma sucessão inconsequente e por vezes cansativa de cenas de acção (combates de artes marciais, perseguições de automóveis, explosões, entre outros ingredientes do mesmo género) que chega a ultrapassar a fronteira do ridículo ou do caricatural. Parece que o primeiro filme foi feito por humanos e este segundo por máquinas, como se os criadores Larry e Andy Wachowsky tivessem sido aprisionados no interior da "The Matrix" que eles próprios haviam denunciado, tendo então as máquinas produzido a sequela do filme nesta versão bem menos subversiva (para que os humanos não se revoltem contra a sua tirania e permaneçam obedientes e sobretudo muito pouco lúcidos quanto à realidade).

"The Matrix" deixou de ser apenas um filme de cinema e passou a integrar toda uma estratégia comercial à volta do mundo com o intuito de vender o mais possível, de gerar o maior lucro possível para os seus produtores e distribuidores. "The Matrix Reloaded" é apenas a primeira sequela, incompleta, que será concluída com um terceiro filme intitulado "The Matrix Revolutions", rodado de forma simultânea e com estreia marcada para o final do presente ano. A propaganda em volta deste filme, toda a atenção mediática de que foi alvo, tornaram quase obrigatório o consumo deste produto, reprimindo a liberdade de escolha individual. "Ainda não foste ver? Afinal em que mundo vives?". Frases como estas terão sido exaustivamente repetidas nas últimas semanas, como se não houvesse escolha, como se fosse obrigatório ir ver o filme, como se o facto de não ter ido ver o filme fosse um claro indício de exclusão social. E terá sido esta componente comercial do filme, o seu carácter mercantil (não sei se por livre vontade dos criadores ou superiormente imposto), que descaracterizou o espírito original, transformando-o em mero produto para venda massiva.

Aos heróis do primeiro filme - Neo (Keanu Reeves), Trinity (Carrie–Anne Moss), Morpheus (Laurence Fishburne) e Smith (Hugo Weaving) - juntaram–se alguns novos protagonistas como Niobe (Jada Pinkett Smith) ou Persephone (a belíssima Monica Bellucci). A cidade escondida de Zion ganha um maior destaque pois é lá que se passa uma parte importante do filme. A personagem do Agente Smith desenvolve uma nova caracterização no encalce da sua morte no filme original que o torna muito mais preponderante na narrativa. Aparecem mais dificuldades e novos desafios para Neo que mantém a relação amorosa (cada vez menos convincente) com Trinity . E no final fica tudo em suspenso, à espera da última parte da trilogia.

## Lê-se

### Mais Platão menos Prozac!
### Lou Marinoff
### Editorial Presença, 3ª ed., 2002

ANDREIA FERREIRA

Escreve Aristóteles, em Ética a Nicómaco, que a finalidade última do ser humano é ser feliz, sendo toda a nossa acção gerida com esse fito e, por isso, a essência da vida humana será o prazer, ou, de modo mais lato, a felicidade. Pensará o leitor ou leitora que tal assunção nada traz de novo e é, até, algo de óbvio. O que não será óbvio é como nos munirmos, no nosso quotidiano, de estruturas que nos permitam essa mesma felicidade. A verdade é que, por muito que saibamos o que fazer, nem sempre o fazemos ou não o conseguimos fazer, tendo a sensação que a realidade e os problemas nos engolem e nos deixam suspensos num limbo entre a felicidade futura que idealizámos e a dor presente. Para minimizar este desconforto, procuramos ajuda em nós e/ou nos outros. Mas procuraremos no lugar certo? Não estaremos, como canta Sérgio Godinho, muitas vezes "à espera do comboio na paragem do autocarro"?

O livro aconselhado esta quinzena, como se perspectiva pelo título, tenta dar uma resposta alternativa, ainda pouco implantada - por vários factores -, à procura de ajuda na resolução das nossas mazelas sentimentais quotidianas. Parece que, apesar da existência, cada vez em maior número, de "consultórios" de psicologia, as respostas dadas pelos psicólogos e psiquiatras não é suficiente e, provavelmente, tal não terá que ver com a falta de competência destes no âmbito próprio das suas "ciências", mas, somente, porque existem problemas que ultrapassam estas, restringindo–se o tratamento por eles aplicado na procura da causa do sofrimento e, depois, na atenuação dos sintomas. Ou seja, em algumas horas, podemos saber porque estamos assim (geralmente, ainda na linha tradicional freudiana de causa–efeito, porque temos algo mal resolvido, consciente ou inconscientemente, no passado) e trazemos como salvação um receituário que alivia os sintomas, como se uma gripe se tratasse. Haverá casos, obviamente, cujo quadro clínico, exige, de facto, recorrer a estes "especialistas", mas falamos aqui de dores existenciais que surgem em todos os humanos. Estaremos todos senis? Não, com certeza que não. Os próprios psicológos e psiquiatras, na sua, muitas vezes esquecida, humanidade, também as sentem e não as sabem resolver. E aqui, caro leitor, tocamos no ponto: podemos até saber que nos dói e por que é que nos dói, mas continuamos a não nos resolvermos, porque, como diz Vergílio Ferreira, em Conta–Corrente, sabemos, mas é sentir que dói.

Mais Platão, menos Prozac! não se inclui nos livros fast–food que surgem como fungos em qualquer escaparate das nossas livrarias, que prometem a salvação aqui na terra e a plenitude feliz para almas errantes. Tenta dar, repito-o, uma resposta alternativa séria: ajudar pela Filosofia (desde a ocidental à oriental), a partir de uma busca pessoal existencial para o sentido da vida de cada um, com a ajuda não de um "especialista", mas de vários contributos de homens e mulheres que pensaram sobre a vida, sem a obrigação de se tornar um discípulo de Nietzsche ou de Sartre, mas de procurar o ponto certo em cada um de nós para pensar o mundo, os outros e a nós mesmos.

# Artes Feitas

## Ouve-se

### Música "a cores"

RODRIGO PAULINO

No ano 2000, o inconstante Bill Callahan decidiu colocar-se entre parêntesis. Assumiu a identidade (Smog) e desde então é como se nos enviasse um abraço, sincero mas reservado, a cada novo disco que edita.

Apesar de fortemente limitado por constrangimentos técnicos e monetários, como sucedeu a vários contemporâneos seus (nunca foi fácil fazer música e obter visibilidade a partir do interior profundo dos Estados Unidos), Callahan tem uma carreira que, de tão empenhadamente regular, respira urgência criativa. Começou em 1988, com a edição da cassete Macrame Gunplay através da sua própria editora, a Disaster - chamava-se então apenas Smog. Um ano depois, fruto de mais umas quantas horas passadas fechado no quarto, imerso no deslumbrante mundo novo prometido pelas potencialidades do registo caseiro, outras três cassetes viram a luz do dia: "A Table Setting", "Tired Tape Machine" e "Sewn to the Sky". Em 1992 surgiu "Forgotten Foundation", o primeiro longa duração para a Drag City. Onze anos depois, a ligação com a editora de Chicago mantém-se e, excluindo singles, EP's e a compilação "Accumulation: None", conta já com exactamente onze registos. "Supper" é o décimo primeiro.

*Smog*

*"Supper"*

*Domino Recording Co, 2003*

Para Callahan, este novo disco, por oposição ao anterior "Rain On Lens", é um álbum "a cores". Não são certamente os verdes e rosa fluorescentes dos marcadores próprios das épocas de exames, são sim cores mais contidas. Tons difusos, paradoxalmente oriundos de sons que brilham, nítidos (longe do lo-fi de início de carreira), enquanto pintam um ambiente melancólico e sereno como uma ceia solitária ao fim do dia. "Butterflies Drowned in Wine" e "Morality", as faixas mais agitadas, remetem-nos para os Velvet Underground; "Truth Serum", "Feather By Feather" ou "Our Anniversary" reforçam o carácter plácido do disco. "Driving" destaca-se pela diferença, espécie de slow motion free jazz meets country.

Todos os temas são na realidade muito bons e a sua qualidade individual reforça a atmosfera geral do disco. Bill Callahan mantém os ingredientes de sempre: as histórias dos deserdados da vida, a solidão e as relações disfuncionais, a honestidade, o sexo, a infidelidade, o sentido de humor clínico e a desarmante e primária simplicidade com que nos conquista. Consecutivamente.

### O carteiro no país das maravilhas

HUGO FERREIRA

No passado ano de 2001 os norte-americanos Dntel lançaram "Life Is Full of Possibilities", um disco que apontava pistas para uma reacção transatlântica às correntes mais melancólicas que surpreendiam a Europa e que se conheciam sobretudo de países nórdicos, ao mesmo tempo que os Death Cab For Cutie, através de "Why You'd Want to Live Here", cruzavam fronteiras entre o neo-folk e o indie rock.

Jimmy Tamborello, dos Dntel e Ben Gibbard, dos Death Cab for Cutie fizeram uma primeira (e bem sucedida) pareceria no tema "(this Is) The Dream of Evan and Chan" que apareceu no primeiro disco citado e resolvem partir à aventura em busca do santo graal que se reflecte de uma forma ímpar no pop electrónico e melodioso dos Postal Service.

*The Postal Service*

*"Give Up"*

*Sub Pop, 2003*

A morarem em cidades diferentes, o arquitecto musical enviava os projectos de músicas por correio e o vocalista criava letras e colocava a voz, daí que "The Postal Service" tenha sido o nome mais que óbvio para um projecto que trabalha por correspondência.

Cruzando influências que vão dos New Order aos Depeche Mode e lembrando uns "The Notwist", os Postal Service reflectem, acima de tudo, uma apurada sensibilidade pop muito servida por um acompanhamento de batidas bem atentas à evolução musical. A melancolia pueril assume-se numa celebração festiva que tem em "The district sleeps alone tonight", "Some great hights" e "Sleeping in" os seus exemplos máximos.

A recuperação musical dos anos 80, que tanto tem andado em voga aplicada ao chamado electro clash, já começa a perder alguns argumentos que a colocavam nos píncaros da nova moda musical e já se vem repetindo, mas os modestos "The Postal Service" conseguem, através de um reciclado revivalismo musical acompanhado por letras de cariz literário (que lembram pequenas histórias de uma qualquer idade da inocência), criar em 2003 um efeito que nos lembra os Belle&Sebastian há uns cinco anos.

Não é revolucionário, não é original, não é genial, mas afinal de contas nós so queremos ouvir boa música e este "Give Up" é um disco cheio de canções extremamente bem conseguidas.

Caso para dizer que os correios funcionam. E muito bem!

## Em_Linha

### A informação que recebemos

NUNO CURADO NCURADO@IPN.PT

**O Verão aproxima-se e está quase na altura de ir até à terra natal fazer tempo até chegar o dia de partida para as verdadeiras férias. Sejam férias no campo, cidade ou praia há sempre animação, sejam festas populares, arraiais ou romarias. Tudo condimentado com música popular portuguesa, ranchos a dançar, sardinha assada para comer e muitos emigrantes**

**A Terra Natal**

De certeza que conhecem alguém que é/foi emigrante ou tem familiares emigrados. Este portal é dedicado a essas pessoas. O objectivo é "contribuir para a criação de uma verdadeira comunidade lusófona que tem como denominador comum a ligação umbilical à nossa terra natal que é Portugal". Para tudo isto estão disponíveis vários serviços, tais como o câmbio actual, um chat, um serviço de correio electrónico, uma página de pesquisas, um tradutor e o hino (para quem já não se lembra). Há também notícias temáticas, da terra (infelizmente são apenas de algumas câmaras municipais) e das comunidades lusófonas (para já, só de França). Para finalizar fica também a informação sobre as "informações", uma secção que agrupa desde entrevistas a dados sobre festas e romarias ou o serviço meteorológico. Há, sem dúvida alguma, muita informação útil para quem não esteja em Portugal, mas o sítio precisa de uma melhor organização.

*http://www.terranatal.com*

**Folclore de Portugal**

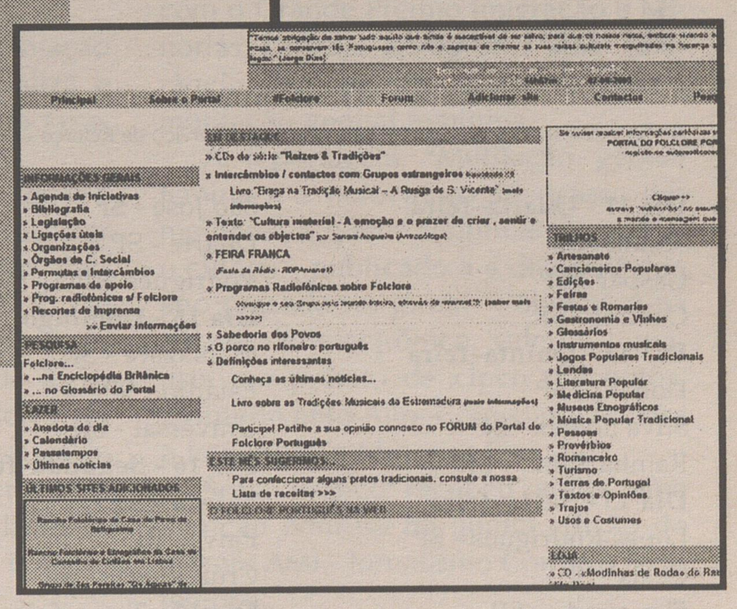
Mais um portal, este dedicado à cultura popular portuguesa: artesanato, gastronomia, literatura/música/medicina popular, usos, costumes e tradições. Este sítio é gerido pelo Rancho Folclórico de Vila Real de uma maneira sóbria e bem organizada. Há uma secção de informações gerais onde se incluem uma agenda de iniciativas, legislação afecta à cultura popular, organizações e ligações a outros sítios úteis entre outras coisas. Depois há os trilhos, onde se pode encontrar tudo sobre a nossa cultura popular. Os trilhos levam-nos ao cancioneiro popular, às feiras, festas e romarias organizadas por Portugal fora, a informações sobre jogos populares e muito mais. Sem dúvida que este sítio é uma verdadeira enciclopédia de tudo o que é a cultura popular portuguesa. Há também ligações para outros sítios relacionados com o folclore português na Internet.

*http://www.folclore-online.com*

**RUC**

Embora este sítio não se enquadre totalmente dentro do resto do texto, não posso deixar passar em claro a mudança que os nossos vizinhos efectuaram. Já não moram nos domínios da Universidade de Coimbra, passaram agora a habitar casa própria. Podem encontrar a RUC nos 107.9 FM e em www.ruc.pt. Temos agora um sítio com espaço para as notícias transmitidas pelo departamento de informação, uma secção com a grelha onde se pode saber quais os intervenientes de cada programa (com uma ligação à página do programa, caso exista). Há também uma página com a lista dos colaboradores da rádio e outra com os vários contactos da rádio. Para já não há grandes novidades na página dedicada aos cursos, mas de certeza que isso irá mudar quando a época deles se aproximar. Um sítio que sem dúvida alguma complementa a audição da RUC.

*http://www.ruc.pt*



# AGENDA

## Teatro

**Teatro Académico de Gil Vicente**

Dias 11 e 12 de Junho
O Labirinto dos Sonhos
Trigo Limpo - Teatro Acert

**Teatro do Inatel**

Até 14 de Junho
Terra Plana
Camaleão

**Teatro de Bolso da AAC**

Até 20 de Junho
Calígula, de Albert Camus
Encenação de Tiago Rodrigues

**Jardim Botânico**

De 20 a 30 de Junho
Câmara Escura
Projecto BUH!

## Música

**Teatro Académico de Gil Vicente**

Dia 13 de Junho
José Peixoto e Fernando Júdice
I parte: Orfeon Académico de Coimbra, num espectáculo integrado no Festival José Afonso

Dia 20 de Junho
Waldemar Bastos
I parte: Coro Misto da Universidade de Coimbra, num espectáculo integrado no Festival José Afonso

Dia 21 de Junho
Remix Orquestra
Direcção: Pierre–Andre Valade

**Pavilhão Académica/OAF**

Dia 18 de Junho
Concerto de Adriana Calcanhoto
Integrado na apresentação do disco "Cantada"

**Páteo das Escolas**

Dia 20 de Junho
Concerto de Milton Nascimento
Organização: Câmara Mun. Coimbra

**Jardim da Sereia**

Dia 16 de Junho
Concerto pelos Gaiteiros de Lisboa, num espectáculo integrado no Festival de Percussões Coimbra 2003

Dia 18 de Junho
Concerto pelos Djamboonda, num espectáculo integrado no Festival de Percussões Coimbra 2003

Dia 19 de Junho
Concerto pelas Adufeiras de Monsanto, Netas de Bibinha Cabral e Tucanas, num espectáculo integrado no Festival de Percussões Coimbra 2003

Dia 21 de Junho
Concerto de Morelembaum 2/ Ryuichi Sakamoto
Organização: Câmara Mun. Coimbra

**Museu dos Transportes**

*Dia 17 de Junho*
Concerto de Pedro Carneiro, num espectáculo integrado no Festival de Percussões Coimbra 2003

Dia 20 de Junho
Concerto pelos Tocadores de Txalaparta (País Basco), num espectáculo integrado no Festival de Percussões Coimbra 2003

## Dança

**Teatro Académico de Gil Vicente**

Dias 18 e 19 de Junho
És Tu Zé? + Valsa Lenta 03

**Vários locais da cidade**

Até 15 de Junho
VI Lugar à Dança - Festival Internacional de Dança em Paisagens Urbanas

## Exposições

**Teatro Académico de Gil Vicente**

Até 15 de Junho
Mu(Dança)Arquitectura
Exposição de fotografia

De 18 de Junho a 6 de Julho
Transparência, Alquibla
Exposição de fotografia

**Escola Secundária Jaime Cortesão**

Até 29 Junho
O Menino com Olhos de Gigante
Exposição de fotografia com um núcleo para invisuais, de Paulo Abrantes

**Casa Munic. da Cultura de Coimbra**

De 12 a 30 de Junho
Exposição "Sto. António no Imaginário dos Artistas de Coimbra"

De 14 de Junho a 6 de Julho
Exposição sobre Carlos de Oliveira

**Edifício Chiado**

Até 29 de Junho
II Mostra da Pintura Portuguesa Contemporânea nas Colecções Particulares de Coimbra

**Centro de Artes Visuais**

Até 15 de Junho
Mostra de obras de Gabriel Orozco

## Cinema

**Girassolum Coimbra**

Matrix Reloaded
De: Andy & Larry Wachowski
Sala 1: 14h15, 16h45, 19h15, 21h45

Como perder um Homem em 10 Dias
De: Donald Petrie
Sala 2: 14h30, 16h50, 19h00, 21h30

**Cinemas Millenium - Avenida**

Matrix Reloaded
De: Andy & Larry Wachowski
Cine Teatro: 14h00, 16h40, 19h15, 21h50, 00h30

Como perder um Homem em 10 Dias
De: Donald Petrie
Estúdio 1: 14h10, 16h30, 19h00, 21h40

O Último Destino 2
De: David R. Ellis
Estúdio 2
Sexta a Seg: 13h30, 15h30, 17h30, 19h30, 21h30, 00h15
Terça e Quinta: 13h30, 15h30, 17h30, 21h30, 00h15
Quarta: 13h30, 15h30, 17h30, 21h30

Sessão Especial: A Passagem da Noite
De: Luís Filipe Rocha
Quarta: 19h30, 00h15
Quinta: 19h30

## Farmácias de serviço

SP: Serviço Permanente - 9.00h às 9.00h  SR: Serviço de Reforço - 9.00h às 22.00h

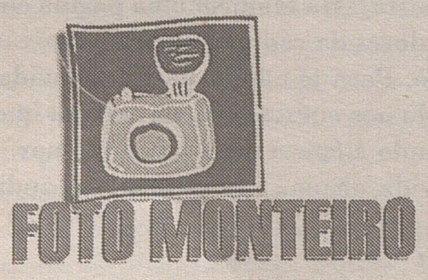
**Dia 11 - Quarta–feira**
Sitália - SP
Gaspar - SP
Central - SR
**Dia 12 - Quinta–feira**
Donato - SP
Silva Soares - SP
Rainha Santa - SR
**Dia 13 - Sexta–feira**
Lopes Rodrigues - SP
Celas - SP
Figueiredo - SR
**Dia 14 - Sábado**
São José - SP
Duarte - SP
Rodrigues Silva - SR
**Dia 15 - Domingo**
M. Nazaré - SP
Estádio - SP
Universal - SR
**Dia 16 - Segunda–feira**
Batista - SP
Paiva - SP
Cruz Viegas - SR
**Dia 17 - Terça–feira**
Nazareth- SP
São Sebastião - SP
Oliveira Ramos - SR
**Dia 18 - Quarta–feira**
Santa Cruz - SP
Olivais - SP
São Martinho - SR
**Dia 19 - Quinta–feira**
Vilaça - SP
Cruz & Costa - SP
Isabel Folhas - SR
**Dia 20 - Sexta–feira**
Adriana - SP
Silcar - SP
Barros - SR
**Dia 21 - Sábado**
Luciano & Matos - SP
Machado - SP
M. Céu Albuquerque - SR
**Dia 22 - Domingo**
Santa Isabel - SP
Miranda - SP
Rocha - SR
**Dia 23 - Segunda–feira**
Gaspar - SP
Central - SP
Sitália - SR

O Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA não se responsabiliza por eventuais alterações.

## Contactos importantes

Associação Académica de Coimbra - 239 410 400/30
Bombeiros Sapadores de Coimbra - 239 792 800
Bombeiros Voluntários de Coimbra - 239 822 323
Gabinete de Apoio ao Estudante - 239 410 434
Governo Civil - 239 852 800
Guarda Nacional Republicana - 239 482 085
Hospital dos Covões - 239 800 100
Hospital Pediátrico de Coimbra - 239 480 300
Hospital Sobral Cid - 239 796 400
Hospitais da Universidade de Coimbra - 239 400 400
Polícia de Segurança Pública - 239 822 022
Polícia Judiciária - 239 828 134
Protecção Civil - 239 481 260
Rádio Universidade de Coimbra - 239 410 410
Região de Turismo do Centro - 239 855 930
SOS Número Nacional de Socorro - 112
SOS Estudante - 808 200 204
Teatro Académico de Gil Vicente - 239 855 630

PUB




*Pede o teu cartão de cliente e ganha uma máquina fotográfica ou uma revelação grátis

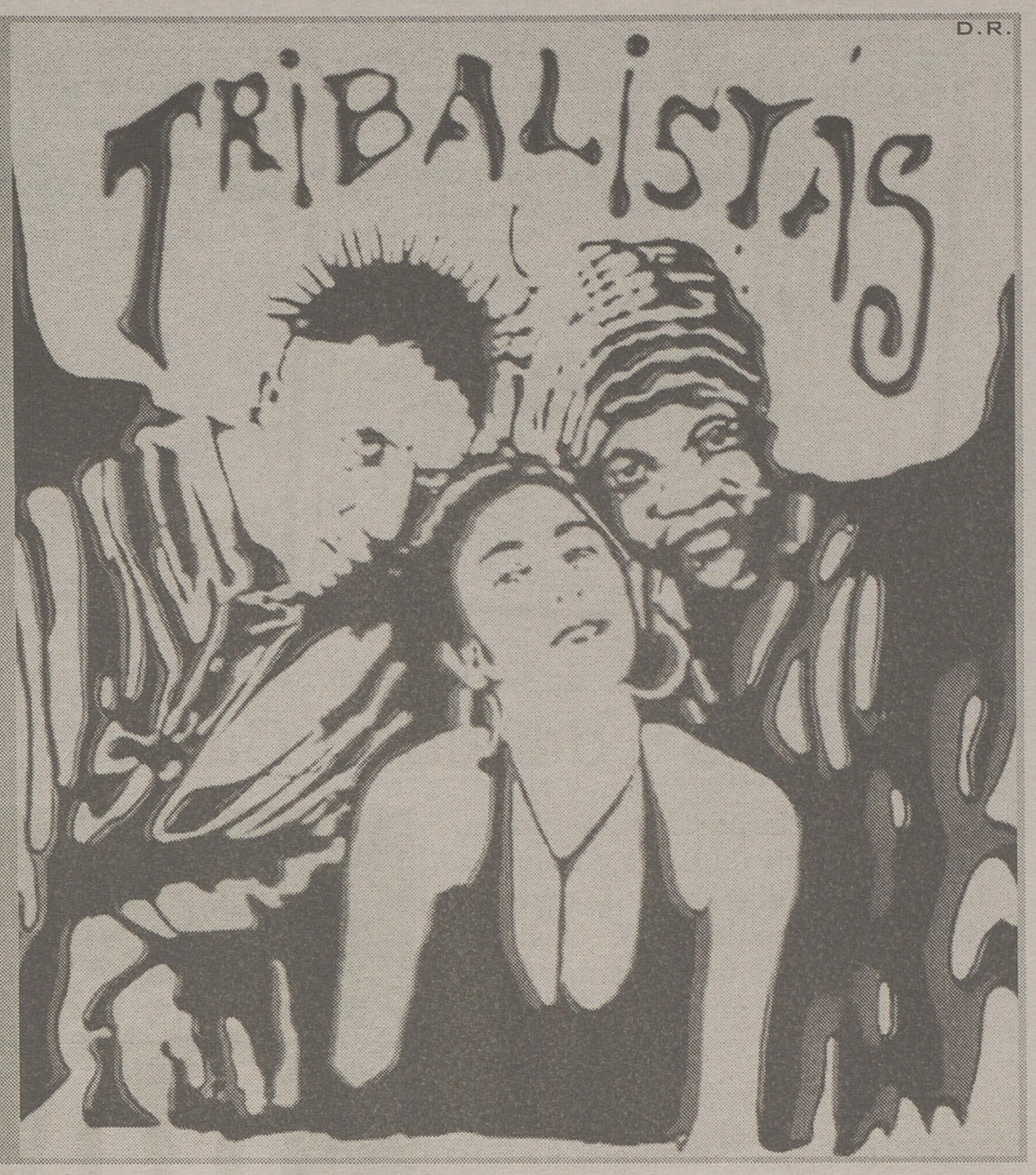
*Faz o teu book académico em estúdio e ganha um poster

Revelação em 30 minutos

Praça do Comércio – 8-1º telef: 239 822 105
Galerias Avenida, Piso O, Loja 2 3000 - 351 Coimbra telef: 239 821 915
Edifício da Associação Académica, 1º piso

8 euros nas revelações de 24 fotografias + oferta de rolo e álbum

# Música em brasileiro




Os Tribalistas foram os grandes vencedores do décimo Prémio Multishow de Música Brasileira que decorreu na passada semana e que contou com transmissão directa no Brasil e em Portugal. O trio composto por Carlinhos Brown, Marisa Monte e Arnaldo Antunes obteve os prémios de melhor CD e melhor DVD. Para além destes troféus, também venceram na categoria Melhor Música com "Já sei namorar", que poderá ser um dos grandes êxitos do próximo Verão na Europa.

Nesta noite de música brasileira, Os Paralamas do Sucesso obtiveram o prémio de Melhor Grupo, enquanto que o baterista João Barone foi eleito o Melhor Instrumentista.

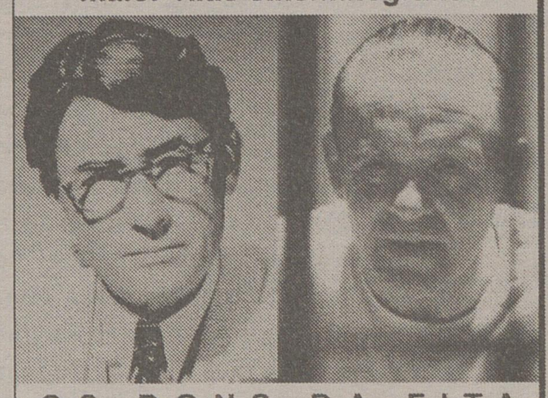
Estes prémios foram atribuídos depois de uma votação via internet, em que as pessoas puderam escolher o vencedor de onze categorias diferentes. A votação é feita pelo público, não existindo nenhum corpo de jurados especializados.

Este prémio nasceu em 1994 e começou por incluir não apenas artistas brasileiros mas também estrangeiros, que eram votados pelos ouvintes do programa TVZ. A partir de 1998, o prémio passou a ser exclusivo para a música brasileira, mantendo-se o mesmo método de nomeação.

## Heróis e Vilões

**Atticus Finch de *Na Sombra e no Silêncio* conquistou o lugar cimeiro na lista de heróis do écrã do American Film Institute**

**Hannibal Lecter de *O Silêncio dos Inocentes* venceu o troféu do maior vilão cinematográfico**



| OS BONS DA FITA |
|---|
| 1. Atticus Finch (**Gregory Peck**), ***Na Sombra e no Silêncio*** |
| 2. Indiana Jones (**Harrison Ford**), ***Salteadores da Arca Perdida*** |
| 3. James Bond (**Sean Connery**), ***Dr. No*** |
| 4. Rick Blaine (**Humphrey Bogart**), ***Casablanca*** |
| 5. Will Kane (**Gary Cooper**), ***O Comboio Apitou Três Vezes*** |
| **OS MAUS DA FITA** |
| 1. Hannibal Lecter (**Anthony Hopkins**), ***O Silêncio dos Inocentes*** |
| 2. Norman Bates (**Anthony Perkins**) ***Psycho*** |
| 3. Darth Vader (**David Prowse**, voz de **James Earl Jones**), ***O Império Contra-Ataca*** |
| 4. The Wicked Witch of the West (**Margaret Hamilton**), ***O Feiticeiro de Oz*** |
| 5. Nurse Ratched (**Louise Fletcher**), ***Voando sobre um ninho de cucos*** |

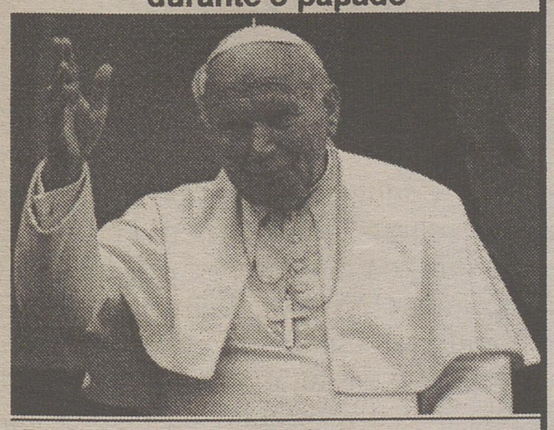
Fotos: Associated Press © GRAPHIC NEWS

# 100ª Viagem

Em quase 25 anos de pontificado, João Paulo II percorreu cerca de 1.200.000 quilómetros - o que representa 29 vezes a volta ao mundo e mais de três vezes a distância entre a Terra e a Lua - visitou 129 nações e 614 cidades e proferiu um total de 2.399 discursos. Apesar dos seus 83 anos, Karol Joseph Wojtyla terminou ontem a sua centésima viagem, desta feita à Croácia.

## O Papa mais viajado

**Quase nada caracteriza tanto o pontificado do Papa João Paulo II como as suas viagens ao estrangeiro. Com a sua última visita à Croácia – a sua 100ª viagem – João Paulo II esteve já em viagem durante quase um ano e meio durante o papado**



| | |
|---|---|
| Dias afastado do Vaticano em viagens ao estrangeiro: | 575 |
| **Número de países visitados pela primeira vez:** | 129 |
| Total de países visitados: | 201 |
| **Distância percorrida:** | 1,157,552 km |

Foto: Associated Press © GRAPHIC NEWS

# O drama de Hillary

Na próxima semana Hillary Clinton vai publicar um livro que retrata a sua vida familiar após o escândalo de Mónica Lewinsky. "Living Story" narra a história das primeiras mentiras de Bill Clinton sobre o seu envolvimento com a estagiária e dos oito anos passados na Casa Branca. A actual senadora de Nova Iorque conta uma conversa com o seu marido em que ele lhe confessava toda a verdade uma semana antes de testemunhar quanto ao caso.

Hillary Clinton revela também o episódio de umas férias complicadas no Massachussets e os meses difíceis em que o presidente tinha como única companhia familiar o cão Buddy.

O livro promete desde já largas vendas e vão ser lançadas um milhão de cópias ao preço 28 euros cada.

# Portugueses salgados

Portugal encabeça a lista europeia de consumidores de sal: 18 gramas por dia por habitante. Segundo a Fundação Portuguesa de Cardiologia (FPC), em território nacional consomem-se 18 mil quilos de sal marinho e refinado diariamente. A média diária por habitante na Europa Ocidental é seis gramas mais baixa do que a portuguesa.

O excesso de sal provoca retenção de líquidos, acentua os inchaços e a síndrome pré-menstrual. Leva ainda a um aumento da pressão arterial e afecta o funcionamento dos rins e do coração.

Uma alternativa passa pelo sal marinho em detrimento do refinado. O sal marinho tem uma menor concentação de sódio e reconstitui, remineraliza e tonifica o organismo, produzindo taxas normais de iodo natural.

Em Portugal, um em cada quatro habitantes morre de Acidente Vascular Cerebral causado por hipertensão. Para contrariar esta tendência, a FPC vai lançar um programa para a diminuição do sal na alimentação junto de legisladores, produtores e vendedores da indústria alimentar. Em alguns países da Europa, os produtores alimentares já começaram a reduzir as quantidades de sal entre dez e 20 por cento nos alimentos que produzem.

# Ex-CABRA premiada

A jornalista do "Publico.pt" Sofia Branco, antiga colaboradora do Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA, foi distinguida no início deste mês com o Grande Prémio Imigração e Minorias Étnicas: Jornalismo pela Tolerância 2002, pelo seu trabalho sobre a mutilação genital feminina.

A reportagem "Mutilação genital femina - o holocausto silencioso das mulheres a quem continuam a extrair o clítoris", publicado a 4 de Agosto do ano passado no jornal "Público" e na sua versão electrónica, valeu à jornalista um prémio de cinco mil euros, atribuído pelo Alto-Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.

Sofia Branco recebeu ainda uma menção honrosa na quinta edição do prémio AMI - Jornalismo Contra a Indiferença.

**Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA Depósito Legal** nº 183245/02 **Registo ICS** nº 116759
**Ficha Técnica: Director:** Emanuel Graça **Chefe de Redacção:** João Pereira **Editor de Fotografia:** Jorge Nande **Editor de Academia e Universidade:** Tiago Azevedo **Editor de Cidade, Nacional e Internacional:** Mário Guerreiro **Editor de Desporto:** João Cortesão **Editor de Cultura:** João Vasco **Secretária de Redacção:** Liliana Guimarães **Paginação:** Emanuel Graça **Redacção:** Aida Lima, Ana Oliveira, Carina Valério, Cecília Santos, Claúdia Rodrigues, Cristina Bastos, Daniela Pereira, Diana Ramos, Edgar Caetano, Guilherme Oliveira, Gustavo Sampaio, Hugo Ferreira, Joana Fialho, Joana Moreira, João Baía, João Pedro Marques, José Manuel Camacho, Kossaqui, Leila Campos, Luísa Bourbon, Lurdes Lagarto, Manuel Eduardo, Marco Carvalho, Margarida Matos, Maria João Lopes, Marília Frias, Marilyne Alves, Nuno Curado, Nuno Dias, Nuno Felício, Paulo Alexandre Teixeira, Paulo Nuno Vicente, Paula Velho, Pedro Ramos, Pedro Santos, Rita Delille, Rui Caniço, Rui Justiniano, Rui Pestana, Sara Cardoso, Sara Martins, Sérgio Alves, Sílvia Matos, Sofia Carvalho, Sofia Marques, Sónia Nunes, Soraia Letra, Tiago Carvalho, Vânia Correia, Vítor Aires, Vítor Rodrigues e Oliveira **Colaboradores:** Andreia Ferreira, António Leitão, Carla Pinto, Claúdia Ferreira, Diana Mota, Francisco Simões, Joana Ereio, Joana Montenegro, Luís Miguel Silva, Luís Pedro Gomes, Marta Poiares, Nuno Paiva, Paulo Azevedo, Patrícia Lourenço, Patrícia Vic, Pedro Silveira, Rodrigo Paulino, Rogério Ramos, Sandra Dias, Sofia Nunes, Suzana Marto **Fotografia:** Cláudio Vaz, Francisca Moreira, Jonas Batista, Marilyne Alves, Silvia Senette **Publicidade:** Joana Moreira - 239821554; 936066774 **Impressão:** CIC - CORAZE, Oliveira de Azeméis, Telefone: 256661460, Fax: 256673861, e-mail: grafica@coraze.com **Tiragem:** 3000 exemplares **Produção:** Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra **Sede:** Rua Padre António Vieira **Telefone/Fax:** 239821554 **Agradecimentos:** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra.

## A ESTRADA CURVA
JORGE VAZ NANDE

# Do outro lado do espelho

Tenho um jornal antigo, de há muitos anos, sobre a mesa. Na página aberta, está a fotografia de uma mulher que me lembra a minha avó. Ou melhor, para ser mais preciso, que me lembra a recordação que eu nunca pude ter da minha avó (jovem), mas que me foi dada por palavras e outras circunstâncias que não as pessoas em si mesmas. Tem o cabelo, negríssimo como o de uma princesa guerreira, preso atrás por uma travessa que, presumo, seja de dentes afiados de marfim; tem um vestido castanho apertado na cintura, mas que lhe assenta levemente, como se o tivesse largado ao vento fresco de uma noite de Verão e ele lhe tivesse caído sobre os ombros, assim, sem querer e sem dono. Os lábios estão pintados de vermelho, numa linha menos erótica do que de força, e os olhos grandes, cada um com uma enorme mancha de branco no meio da qual uma esfera escura parece berrar "estou aqui e sou algo de mais no mundo", olham de frente para a câmara, cheios de não terem vergonha e de serem arma de quem não tem medo de a usar.

Levanto–me da mesa para ir buscar um livro que fale mais ou menos disto ("A Câmara Clara" talvez seja uma boa opção, também pode ser que não) e, sem querer, sem me lembrar de que ele está ali e ali tem estado há cinco anos, surpreendo o meu movimento no espelho enorme do guarda–fatos. Perco–me, desligo–me de todas as razões sobre as quais indagava e sento–me nos pés da cama, a olhar para mim mesmo. Vejo olhos parecidos aos da fotografia do jornal, o nariz semelhante, um e outro ângulo da cara a ocupar o espaço com o mesmo jeito com que os daquela mulher ocupavam. Mas, como já disse, essa mulher, não sendo, é como se fosse a minha avó; o que me faltava saber ainda é que a minha avó, não o sendo, é como se fosse eu.

Eu no espelho. Há uma mancha de gordura no meu peito, uma mosca passa–me pelo comprimento da cara sem sentir por baixo das patas ásperas nada que não seja uma planura fria. O candeeiro atrás de mim desenha–se como um cacto de luz, como uma ferida no ar que não tem razão para existir, mas que está lá e não precisa de dar satisfações. Ergo–me de repente, enxoto a mosca e limpo as manchas do espelho com a manga. Pego no jornal sobre a mesa e arrumo-o. Todas as palavras que guarda e que foram escritas há muitos anos ficam ali, naquele canto escuro de prateleira, onde ninguém lhes poderá tocar. Dispo–me e enfio–me por baixo dos lençóis. Procuro o interruptor do candeeiro, o frio da parede nas costas da mão. Encontro-o e apago-o. No silêncio do quarto, oiço só a minha respiração. Amanhã, viver de novo, tenho escrito na agenda.

"Os homens morrem e não são felizes"

# "Calígula", de Albert Camus

**Buscar o impossível, a utopia, inverter as leis da física e querer a Lua, são as ideias chave da mais recente produção do TEUC, "Calígula". É a história do imperador que odiava "tudo o que não é livre"**

JOÃO VASCO

Até ao próximo dia 21 de Junho está em cena no Teatro de Bolso da Associação Académica de Coimbra o espectáculo "Calígula", pelo Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC).

A peça que comemora os 65 anos do grupo, retrata a história de um dos mais loucos e surpreendentes ditadores do império romano, Caio César Germânico (Calígula). Segundo Gil Costa, responsável pela produção executiva, a escolha desta obra prendeu–se com o facto "da direcção do TEUC querer passar uma mensagem de crítica social e, ao mesmo tempo, fazer com que o público saísse do Teatro de Bolso a pensar".

O texto de Albert Camus é o relato do desespero de um homem alienado, que enlouquece após a notícia da morte de sua irmã Drusilla, com quem se suspeita que tenha mantido relações incestuosas. Se até este episódio, o III Imperador de Roma era tido como um homem sensato e justo, a partir desta data Calígula vai fazer uso de todos os seus poderes, assassinando, exilando e humilhando os seus súbditos.

Tomando a consciência de que "os homens morrem e não são felizes", Calígula vai passar a querer ser adorado como um deus, mandando inclusive erguer templos em Roma para ser venerado. O ditador sanguinário tenta, a cada momento, inverter a ordem natural das coisas, buscando o impossível. "Não estou doido, parece–me mesmo que nunca fui tão razoável. Simplesmente, senti de repente a necessidade do impossível", é uma das falas que melhor elucidam o seu pensamento. "O impossível, busca também o TEUC", refere Gil Costa, acrescentando que, tal como o imperador fazia "é preciso procurar a lua, encontrar o sonho".

TEUC leva ao palco peça de Camus

Apesar de profundamente cruel, Calígula impressiona pela sua sinceridade e pela constante fuga à hipocrisia. "Governar é roubar, toda a gente o sabe. Mas há maneiras e maneiras. Por mim roubarei francamente", dizia ao seu povo.

A tarefa de encenação da história cabe a Tiago Rodrigues. O jovem encenador já tinha estado no Teatro de Bolso em 1999/2000 como actor na peça "Zapatistas am/pm" pelo grupo SubUrbe. Na altura, o TEUC "confessou–se impressionado com a forma como aquele texto foi representado", explica Gil Costa. Depois, sabendo da experiência de Tiago Rodrigues na companhia belga STAN e "do seu método de trabalho muito à vontade e, ao mesmo tempo, muito coeso e profissional para com os actores, surgiu a ideia de o convidar". Convite que o encenador aceitou de imediato.

Gil Costa apenas lamenta o facto de, até ao momento, a sala não ter estado cheia. "As pessoas sabem que a peça existe e querem vê–la, mas como estamos em cena até 21 de Junho, estão a aguardar até lá", remata esperançoso.

# Sons Atlânticos

Nos próximos dias 20 e 21 de Junho, Coimbra recebe dois concertos inéditos. O primeiro vai ter lugar no Páteo das Escolas e será protagonizado por Milton Nascimento, ao som do seu inseparável piano. O cantor brasileiro dispensa apresentações: uma carreira longa, recheada de êxitos e de parcerias com nomes do passado e do presente da música brasileira, como Tom Jobim, Caetano Veloso ou o agora ministro da Cultura brasileiro Gilberto Gil, e um sem número de álbuns editados. No dia seguinte é a vez de Morelembaum$^2$ e Ryuichi Sakamoto actuarem no Jardim da Sereia. Tendo como pano de fundo a música e obra de António Carlos Jobim, a parceria que tem feito furor nos últimos tempos e vendido discos um pouco por todo o mundo, promete encantar a noite coimbrã com a mistura inconfundível das sonoridades brasileira e japonesa. As iniciativas contam com o apoio da Câmara Municipal de Coimbra, naquela que é uma nova política de recuperação de espaços para espectáculos culturais da cidade.

# Fernando Rocha volta a Coimbra

Depois de uma sala cheia no Teatro Académico de Gil Vicente, em Abril, o mais recente caso de sucesso do humor português, Fernando Rocha, está de volta à cidade dos estudantes. Os jardins da Associação Académica de Coimbra (AAC) recebem hoje, pelas 22 horas, um espectáculo de anedotas onde o riso vai ser a nota dominante, numa iniciativa promovida pelo pelouro da Cultura da Direcção-Geral da AAC e de entrada livre.

Depois de vencer um programa televisivo dedicado a anedotas, Fernando Rocha tornou–se num caso de súbito sucesso entre o público português. A internet foi a plataforma seguinte para o catapultar do humorista, a que se juntou a edição de vários CD's com as suas piadas mais populares.

uma rádio com história
www.RUC.PT
Rádio Universidade de Coimbra
107.9 FM